UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica

São Luís
2024

CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito final para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro.

São Luís

2024

Divino, Cláudia Roberta dos Anjos.
(Sobre) vivências da fábrica à escola: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís- MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica / Cláudia Roberta dos Anjos Divino. – São Luís, 2024.
163 f.; il.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Produto Educacional da Dissertação é um “Museu Virtual de memórias afetivas de professoras do Centro Integrado do Rio Anil- CINTRA”
Disponível em: https://museuvirtual9.webnode.page/.

Orientador: Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
1. Ensino de história. 2. Memória. 3. Museu virtual. 4. Ensino-aprendizagem. 5. Práxis pedagógicas. I.Título.
CDU 93/94:371.333(072)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís- MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado e Doutorado Profissional, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito final para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 19/07/2024

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro (Orientador)
(PPGHIST/UEMA)

_____

Profa. Dra. Salânia Maria Barbosa Melo (1ª Examinadora)
(PPGSC/UESPI)

_____

Profa. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes (2ª Examinadora)
(PPGHIST/UEMA)

_____

Profa. Dra. Helidacy Maria Muniz Corrêa (Suplente)
(PPGHIST/UEMA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, sobretudo a Deus, pelo dom da vida, e por ter permitido a realização deste estudo.

À minha família, meu primeiro encontro humano, pelo apoio e carinho. Uma família, que sempre me incentiva, acredita, torce e vibra com minhas vitórias, sou grata pela família que tenho.

À minha querida Mãe, a Senhora Maria Georgina Costa dos Anjos, que soube transmitir aos filhos os princípios e valores por ela defendidos e por quem tenho enorme respeito e admiração.

Ao meu Irmão Edilson Costa dos Anjos que mesmo distante emana boas energias para mim.

À minha Filha Mariana de Lourdes dos Anjos Divino pelo incentivo e apoio, és a minha verdadeira riqueza, agradeço a Deus por você ter me escolhido para ser sua mãe.

Ao meu Esposo José Maria Arimatéia Cesar Divino pela compreensão e incentivo durante toda essa jornada desafiadora que passei na elaboração dessa dissertação.

Às Professoras participantes desta pesquisa, Fátima Durans, Ana Clara Pereira, Heloisa Portela, Leuda Miriam, Silvia Teresa Martins, Maria Goreti da Silva, Giselia Guedes, Dejane Figueiredo, Maise Mendes e Elizabeth Alves que partilharam com suas vozes, suas trajetórias de vida e profissão, nos possibilitando novas aprendizagens e oportunidades de pensar sobre o processo ensino aprendizagem, contribuindo para enriquecer a formação de tantos outros.

Ao meu Orientador Jakson dos Santos Ribeiro, pelo trabalho de orientação e apoio incansável. Meus sinceros agradecimentos e respeito pelas aprendizagens construídas ao seu lado.

Aos Colegas e Amigos do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), pelos momentos de discussão e pelas valiosas trocas de conhecimentos e de experiências.

Ao Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) por oportunizar a formação de seus docentes através do convênio estabelecido junto a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Ao PPGHIST, pela oportunidade de qualificação acadêmica de excelência.

"Cada um tem sua história
Só quem viveu, é que pode contar
E o passado é diferente na memória
E o certo é o que virá
Abre a porta da alegria e deixa entrar!"

Oswaldo Montenegro

RESUMO

O presente estudo busca investigar o potencial da inserção dos Museus Virtuais no processo de ensino/aprendizagem, objetivando questionar sobre a relação entre as vivências de professoras com o processo histórico ocorrido na antiga Fábrica do Rio Anil e a perspectiva social e educacional desenvolvida nesse período de transição para o IEMA Pleno Rio Anil. A proposta da pesquisa é relevante, pois questionamentos foram estabelecidos com o intuito de alcançar o objetivo desejado, dentre eles, compreender a dimensão dessas vivências destas professoras do Rio Anil como fontes de pesquisa histórica, identificando, assim, as transformações estabelecidas a partir dessas experiências vivenciadas no CINTRA na perspectiva socioeducacional, além de enriquecer o entendimento da dimensão dessas narrativas de vida, como fonte de pesquisa histórica. O museu virtual pode ser utilizado na escola como instrumento pedagógico de auxílio no processo ensino-aprendizagem? Tal abordagem se justifica como possiblidade de reflexão docente sobre a práxis pedagógica, buscando por alternativas que prezem pelo trabalho colaborativo e multidisciplinar. A base teórica utilizada nesta pesquisa está alicerçada nos estudos de Halbwachs (1990), Pollak (1989), Alberti (2012), Caldeira (1988), Delgado (2003), Itapary (1995), Levy (1996), Melo (1990), dentre outros que contribuirão para o embasamento deste estudo. Num primeiro momento, buscou-se mapear os sujeitos históricos, na figura de professoras que participaram do processo educativo do antigo CINTRA, além de realizar o levantamento em jornais, revistas, fotografias e no acervo pessoal destas professoras, em seguida, se realizou a entrevista qualitativa estruturada após o mapeamento dessas profissionais, buscando analisar a importância dessas agentes sociais nesse processo educacional. Almeja-se, portanto, que a pesquisa aqui apresentada contribua com os debates que envolvem não apenas a criação de museus virtuais na escola, mas também a formação de profissionais reflexivos como caminho para a transformação da prática docente

Palavras-chave: ensino de história; memória; museu virtual; ensino-aprendizagem; práxis pedagógicas.

ABSTRACT

The present study seeks to investigate the potential of the inclusion of Virtual Museums in the teaching/learning process, aiming to question the relationship between the life narratives of teachers with the historical process that took place in the old Fábrica do Rio Anil and the social and educational perspective developed in this transition period for IEMA Pleno Rio Anil. The research proposal is relevant, as questions were established with the aim of achieving the desired objective, among them, understanding the dimension of the life narratives of Rio Anil teachers as sources of historical research, thus identifying the transformations established from these experiences experienced at CINTRA from a socio-educational perspective, in addition to enriching the understanding of the dimension of these life narratives as a source of historical research. Can the virtual museum be used at school as a pedagogical instrument to aid the teaching-learning process? This approach is justified as a possibility for teaching reflection on pedagogical praxis, searching for alternatives that value collaborative and multidisciplinary work. The theoretical basis used in this research is based on the studies of Halbwachs (1990), Pollak (1989), Alberti (2012), Caldeira (1988), Delgado (2003), Itapary (1995), Levy (1996), Melo (1990), among others who will contribute to the basis of this study. Initially, sought to map the historical subjects, in the figure of teachers who participated in the educational process of the old CINTRA, in addition to carrying out the survey in newspapers, magazines, photographs and in the personal collection of these teachers, then a structured qualitative interview was carried out after mapping these professionals, seeking to analyze the importance of these social agents in this educational process. Longed for therefore, that the research presented here contributes to the debates that involve not only. the creation of virtual museums at school, but also the training of reflective professionals as a path to transforming teaching practice

Keywords: teaching history; memory; virtual museum; teaching-learning; pedagogical praxis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	–	Base Nacional Comum Curricular
CEE	–	Conselho Estadual de Educação
CINTRA	–	Centro Integrado Rio Anil
EJATEC	–	Educação de Jovens e Adultos Integrado à Educação Profissional
ICE	–	Instituto de Corresponsabilidade pela Educação
IEMA	–	Instituto estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IP	–	Instituto Pleno
LDB	–	Lei de diretrizes e Base da Educação nacional
LDBEN	–	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAC-SP	–	Museu de Arte Contemporânea de São Paulo
ONG	–	Organização não governamental
PPGHIST	–	Programa de Pós-graduação em História
SECTI	–	Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação
SEDUC	–	Secretaria de Educação
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDICs	–	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TICs	–	Tecnologias da Informação e Comunicação
UEMA	–	Universidade Estadual do Maranhão
UNESCO	–	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URE	–	Unidade Regional de Educação

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Antiga Fábrica e escola CINTRA 30
Figura 2 – Fábrica Rio Anil abandonada e posteriormente reformada 35
Figura 3 – Fachada frontal do CINTRA (1994)..... 35
Figura 4 – Corredor Central com telhas de vidro e ladrilho hidráulico 37
Figura 5 – Paredes internas de alvenaria de pedra 38
Figura 6 – Jardins internos com palmeiras maranhenses 38
Figura 7 – Página inicial, contendo o título do produto 74
Figura 8 – Link para a página do Programa de Pós-Graduação em História da UEMA 75
Figura 9 – Localização geográfica e contatos da escola 75
Figura 10 – Função social do museu virtual..... 76
Figura 11 – Quiz sobre o museu virtual 76
Figura 12 – Fotos antigas do locus de investigação..... 77
Figura 13 – Imagens da antiga Fábrica do Rio Anil 77
Figura 14 – Documentos da Fundação Nice Lobão e IEMA Pleno Rio Anil 78
Figura 15 – Quiz sobre a Fundação Nice Lobão e IEMA Pleno Rio Anil 78
Figura 16 – Documentos de vínculo e entrevistas das professoras..... 79
Figura 17 – Atividades pedagógicas 79
Figura 18 – Projetos desenvolvidos 80
Figura 19 – Produções desenvolvidas pelos alunos 81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 (RE) DESENHANDO OS CAMINHOS DA FÁBRICA À ESCOLA: o lugar e suas Memórias 20

2.1 (Re) compondo "pedaços" do lugar: a história da Fábrica do Rio Anil 26

2.2 O prédio abandonado, o CINTRA e o então IEMA: os caminhos políticos para ainstitucionalização da escola 34

3 FIOS DE MEMÓRIAS QUE SE CRUZAM NO TEMPO: as narrativas das professoras esuas experiências no espaço escolar dos tempos do CINTRA 43

3.1 O perfil das vozes: a trajetória das professoras entrevistadas 49

3.2 O Tempo, o Contexto e o Texto: o encontrar-se como professora 54

3.3 Capturando as práticas das professoras sobre o terreno das memórias 59

4 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO MUSEU VIRTUAL DE MEMÓRIAS AFETIVAS DE PROFESSORAS DO CENTRO INTEGRADO DO RIO ANIL – CINTRA 66

4.1 O museu virtual como instrumento pedagógico no processo ensino-aprendizagem 68

4.2 Salvaguardando memórias: do acervo pessoal ao espaço virtual 70

4.3 Descrevendo os caminhos digitais de memórias afetivas através do museu virtual educativo 73

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 82

REFERÊNCIAS 85

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 90

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 1 91

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 2 96

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 3 101

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 4 106

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 5 110

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 6 114

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 7 118

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 8 122

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 9 127

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 10 131
APÊNDICE L – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MARIA DE FÁTIMA DURANS RIBEIRO 134
APÊNDICE M – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ANA CLARA PEREIRA SILVA E SILVA 137
APÊNDICE N – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – HELOÍSA HELENA PORTELA SILVA BACELAR MOREIRA 140
APÊNDICE O – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – LEUDA MIRIAM DE CASTRO ROZA 143
APÊNDICE P – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – SILVIA TEREZA MARTINS SOUSA 146
APÊNDICE Q – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MARIA GORETI DA SILVA 149
APÊNDICE R – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – GISELIA MARIA GUEDES LIMA DA SILVA 152
APÊNDICE S – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – DEJANE FIGUEIREDO BARROS 155
APÊNDICE T – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAISE MENDES VIEIRA DA SILVA 158
APÊNDICE U – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ELIZABETH ALVES DE SILVA 161

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como motivação a necessidade de identificar as figuras femininas históricas, ainda vivas, que tenham exercido à docência no antigo Centro Integrado Rio Anil (CINTRA) e realizar o registro de suas vivências pedagógicas enquanto agentes sociais nesse processo educacional na área do Rio Anil/São Luís -MA. Intenciona-se também, abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas apenas aqueles/as que a viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O objetivo geral da pesquisa é mapear os sujeitos históricos, na figura de mulheres professoras, que participaram do processo educativo no antigo CINTRA com intuito de garantir a salvaguarda, difusão e compartilhamento de suas práticas docentes por meio de registros de seus relatos e experiências como educadoras, além de produzir um museu virtual com vistas a integralização da pesquisa histórica, visando construir coletivamente possibilidades para a organização de espaços interativos e colaborativos com alunos.

Em adição, como objetivos específicos, buscou-se identificar as professoras que atuaram no antigo CINTRA traçando assim, um perfil dessas interlocutoras para o desenvolvimento da pesquisa, apontando a partir do registro dos depoimentos dessas professoras, o levantamento em jornais, fotografias, revistas e no acervo pessoal das entrevistadas para elaboração do museu virtual educativo para pesquisa histórica, gerando como produto um museu virtual educativo para pesquisa histórica, em que serão apresentadas as entrevistas, acervos pessoais destas professoras através de suas práticas de ensino e fotografias do espaço da escola.

A opção sobre o uso das histórias de vida como metodologia de pesquisa está pautada naquilo em que a pesquisadora quer investigar, no desejo da descoberta, de traçar um diálogo entre a memória, e narrativa de vida, para saber como os eventos do contexto da profissão de professora evidenciam os deslocamentos do passado baseado na experiência dessas agentes sociais.

O caminho metodológico da investigação será de natureza qualitativa, a partir de um estudo descritivo das questões sobre memória e história oral.

Elegeu-se o método "Narrativas de Vida" que, segundo Bertaux (2010, p. 47) consiste no processo em que o "[...] sujeito conta a outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência de vida". E como explica Alberti (2012, p. 163):

> [...] ao preferir 'narrativa' estou me aproximando do conceito de 'narrativa' da teoria da literatura. De acordo com Luiz Costa Lima (1989, p. 17, grifo meu), por exemplo, trata-se do 'estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita, mas coincidente com ela; que é, pois, constitutiva de seu objeto'. Podemos dizer que essa ordem é dada pelo 'quem escreve (ou quem fala)', 'para quem', 'quando', 'por quê', etc.

No caso específico das professoras do antigo CINTRA, através das entrevistas realizadas com elas, essas falas se tornam ainda mais importantes, pois exercem um papel duplo: o de observadoras e, também, de agentes de transformação através do seu fazer educacional, o que enriquece ainda mais a necessidade de que tais experiências sejam difundidas e conhecidas.

O desenvolvimento deste trabalho se realizou através da análise indissociável de fatores tangíveis e intangíveis considerando aspectos tecnológicos, educacionais e sociais, utilizando-se de diferentes fontes de pesquisa, tanto escritas quanto orais.

As fontes escritas foram livros, artigos científicos, teses e dissertações, manuscritos, revistas, artigos de jornais, que tratam da história da antiga Fábrica do Rio anil, além de publicações, documentos e revistas que tratam de economia, comércio e indústria, no Maranhão, assim como álbuns com registros fotográficos que datam do final do séc. XIX.

A coleta e registro da memória coletiva, relacionada ao trabalho educacional desenvolvido pelas professoras do antigo CINTRA, foi realizada tomando como instrumento de pesquisa a entrevista individual com 10 (dez) professoras, que foi gravada e, posteriormente, transcrita. Os depoimentos foram colhidos em diferentes locais com as entrevistadas, tais como: residências, local de trabalho, e no próprio *locus* de investigação, de modo que o ambiente colaborou para o desenvolvimento da conversa de forma mais espontânea, sem o desconforto de estarmos em um local estranho às depoentes. Por meio da elaboração prévia de um roteiro (Apêndice A), foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, onde as questões serviram de norte para o encaminhamento de perguntas relativas à experiência de trabalho dessas professoras.

As entrevistas ocorreram em dias distintos e foram gravadas por meio de um gravador digital com anuência das entrevistadas. No decorrer da entrevista, as perguntas foram se ajustando ao perfil de cada depoente, resultando em respostas abertas que as deixaram à

vontade para contar um pouco mais de sua história e das lembranças que fossem surgindo daquele período de vivência educacional.

A técnica da entrevista foi articulada com o levantamento das informações documentais e escritas, para promover uma análise abrangente, elucidar questões relacionadas ao objeto da pesquisa e ampliar o conhecimento sobre seus valores e importância dessas agentes sociais.

No momento da realização das entrevistas, verificou-se que essas professoras através de suas vivências, retratam o processo de rememoração de maneira muito particular, caracterizando, dessa forma, uma apropriação de acontecimentos que tiveram bastante relevância em suas vidas, como bem diz (Delgado, 2003. p.20), "[...] as narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições".

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem. Seus conhecimentos são repassados através das práticas educativas e muito têm se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção destes saberes, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial[1].

Isto posto, verifica-se que as formas e processos educacionais, os modos de criar, fazer e viver compreendem também esta concepção acerca de patrimônio, principalmente aquele que assume características de patrimônio imaterial. É notório, que o Maranhão possui uma riqueza natural dispersa em seus 217 (duzentos e dezessete) municípios e rica também pelo seu patrimônio histórico (o próprio prédio da antiga fábrica), no entanto, de acordo com o entendimento de que nossa riqueza são as pessoas e suas trajetórias histórico-culturais, entendemos que o patrimônio imaterial ganha força e expressividade em todo o território maranhense.

O interesse pelo tema entrelaça-se com a própria história de vida da pesquisadora, sendo mulher, negra, que entende a concepção de educação como única ferramenta de emancipação para as classes populares, que nesse sentido fez graduação em Letras, em 1994,

[1] O patrimônio pode ser entendido tanto em sua forma física (prédios, monumentos, sítios arqueológicos etc.) quanto na sua forma imaterial, em uma perspectiva cultural e oral, como se enquadram as narrativas de vida de sujeitos que possuem relevância, no sentido de que suas trajetórias se entrelaçam com a realidade social, cultural, econômica, política de uma determinada localidade (Brasil, 1988, art. 216).

Direito em 1995, e atualmente, acadêmica do curso de Pedagogia, sendo todos estes cursos pela Universidade Federal do Maranhão.

Em seguida, sabendo a necessidade da formação continuada, ingressou na pós-graduação *stricto senso*, fiz as especializações em Metodologia do Ensino de Terceiro Grau pela Universidade Estadual do Maranhão, em Processo Civil pela Universidade Estácio de Sá, e por último em Gestão da Educação Pública pela Universidade Católica Dom Bosco. Exercendo as duas profissões, uma vez que, não há incompatibilidades.

Iniciou no serviço público em 1995, sendo aprovada em um concurso da Secretaria Estadual de Educação para o cargo de professora de Língua Portuguesa. Em 2002 e 2004, obteve aprovação em concursos públicos promovidos pelas Secretarias Municipal e Estadual de Educação.

Desempenhou regência de sala de aula até 2019, nas duas esferas. No final de 2019, recebeu o convite para exercer o cargo de Gestora Administrativa Financeira no Instituto estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) Pleno Rio Anil, antigo CINTRA, desafio este que a torna cada dia mais disposta a ressignificar seu papel como servidora pública e professora.

Desse modo, objetiva-se investigar, sobretudo, a práxis educacional desses agentes sociais que exerceram à docência no antigo CINTRA entre os anos de 1994 a 2018 através de suas narrativas de vida, considerando e aprofundando a temática através da pesquisa qualitativa narrativa, ou seja, o estudo se propôs a explorar a compreensão destas professoras sobre a sua profissão, vivências, memórias e registros, percebendo as relações que se estabelecem com a sua formação, práticas, local de trabalho, sendo este por sua vez, considerado um local simbólico.

No que diz respeito ao *locus* de investigação, ressalta-se que é resultante da adaptação arquitetônica da antiga Fábrica de Tecidos Rio Anil, que funcionava no fim do século XIX, mais precisamente em 1893. Após decretar falência na década de setenta, ficou fechada até o início dos anos noventa, quando o prédio foi adaptado para receber o CINTRA, até então mantida pela extinta Fundação Nice Lobão. É considerada uma das maiores escolas da rede pública de ensino do Maranhão (e do Brasil), onde a estrutura da escola conta com uma área construída de 11.000 m², com mais de 50 (cinquenta) salas de aula, teatro, auditório, quadra poliesportiva coberta, biblioteca e banheiros.

Atualmente, esta instituição educacional funciona como Instituto Estadual do Maranhão (IEMA) Pleno Rio Anil, possui importante e estratégico papel social no que concerne à oferta de ensino público de qualidade para os filhos dos trabalhadores dos bairros do Anil,

Pão de Açúcar, João de Deus, Cruzeiro do Anil, Santo Antônio, Santa Cruz, Alto do Pinho e Novo Angelim, estendendo-se para toda a região metropolitana de São Luís, assim como áreas rurais. O atual projeto político-pedagógico volta-se, sobretudo, para a oferta do ensino técnico profissionalizante, com um total de 27 (vinte e sete) turmas de ensino integral no ano de 2023, divididas em 8 (oito) cursos, sendo eles: Serviços Jurídicos, Informática para Internet, Desenvolvimento de Sistema, Administração, Gerência de Saúde, Logística, Enfermagem e *Marketing*, contemplando 915 (novecentos e quinze) alunos nesse segmento de ensino. Além disso, permanece ofertando os cursos técnicos profissionalizantes para o público através da Educação de Jovens e Adultos Integrado à Educação Profissional (EJATEC), ofertando para 325 (trezentos e vinte e cinco) alunos os cursos de Gastronomia, Contabilidade, logística e Eventos, totalizando o quantitativo de 1.240 (Um mil duzentos e quarenta) alunos devidamente matriculados atualmente.

Diante dessas considerações, a escolha do tema deu-se, principalmente, pelo fato da pesquisadora ser pertencente daquele espaço de investigação, pois, é o seu local de trabalho desde 2018 até a atualidade, oportunizando assim, o desenvolvimento da pesquisa de maneira eficaz, tendo como objetivos específicos desse estudo, a identificação através do reflexo da experiência de vida e das vivências escolares das professoras entrevistadas, na construção da identidade docente dessas agentes sociais, além de analisar o impacto da constituição identitária dessas professoras em sua prática docente.

Para atender aos objetivos propostos neste trabalho, o *corpus* desta pesquisa é constituído a partir de entrevistas narrativas, visando dar voz de autoria às professoras do antigo CINTRA, a fim de buscar compreender as interrelações entre os pilares de vida, o ensino e a prática educacional dessas agentes sociais, atentas para ouvir os ecos que essas vozes docentes produziram, uma vez que, as respostas dadas no decorrer da entrevista apresentam-se como um procedimento que oportuniza o sujeito professor repensar suas histórias, suas experiências e os fatores que produziram mudanças e motivaram ações.

Objetivando responder às questões propostas nessa investigação, a partir da introdução, na qual demarca-se o objetivo geral, os objetivos específicos, bem como a justificativa para realização deste trabalho, além das dimensões que justificam as escolhas para a construção do referido objeto e a opção metodológica, essa pesquisa organizar-se-á em três capítulos – o primeiro capitulo se propõe apresentar a partir das memórias das professoras e de outras fontes históricas, como a Fábrica se tornou parte da história da cidade assim como também, do Bairro do Anil. Desse modo, lançaremos nosso olhar a partir de um aporte teórico para pensar a historicidade da Fábrica e os desdobramentos que se estabeleceram para torná-la

um espaço escolar e, assim, constituir-se com outras possibilidades no campo da pesquisa. Será abordada a contextualização da fábrica, enquanto espaço que dinamizava as relações econômicas da cidade de São Luís e suas influências no cotidiano do bairro. Assim sendo, nessa parte do texto, a finalidade é buscar apresentar as representações estabelecidas para esse espaço fabril em seu contexto socioeconômico. Nesse caso, discutiremos a primeira fase desde a sua desativação enquanto Fábrica, a transformação para o CINTRA através da Fundação Nice Lobão e os trâmites para se tornar o então IEMA.

No segundo capítulo, busca-se problematizar sob a luz dos saberes das professoras do Rio Anil as experiências vividas no espaço do CINTRA até o atual IEMA. Desse modo, as discussões serão pontuadas em torno dessas entrevistas realizadas com elas, que por sua vez, foram criadas nesse terreno da escola em seus dois momentos, vivências para a composição de suas identidades como professoras. Realizar-se-á uma análise da trajetória dessas professoras entrevistadas, observando sobretudo a importância delas enquanto agentes sociais nesse processo educacional, tendo em vista que suas experiências, vivências, suas histórias de vida, por assim dizer, poderão ser ressignificadas através dessas lembranças desses modos de rememorar, nos permitindo refletir sobre o que nos revela a memória de professoras sobre sua trajetória docente. Nesse sentido, será problematizado como a identidade profissional dessas professoras é estabelecida em relação à interpretação social da sua profissão. Por fim, será discutido ainda, como as dimensões temporal, contextual e a textual influenciam diretamente na construção dessas identidades, norteando todo o processo educacional dessas agentes sociais.

E por fim, o terceiro capítulo versará sobre a apresentação do rol de memórias, fontes salvaguardadas pelas professoras do antigo CINTRA, através do museu virtual, ressaltando o processo educativo desempenhado por essas profissionais, com o intuito de garantir a difusão de suas narrativas de vida por meio de registros de seus relatos e experiências como educadoras. Mostrar-se-á ainda quais as possibilidades do ensino de História da Educação a partir de museus virtuais proporcionando uma dinâmica nesse processo ensino aprendizagem, objetivando um resultado pautado na história e memória desse *locus* de investigação. Explicar-se-á como o acervo pessoal pode ser digitalizado e transformado em fontes históricas para visualização e detalhamento de informações de um lugar de memórias, bem como, esclarecer didaticamente de que maneira os elementos que compõem o museu virtual e sua estrutura favorecem um aprendizado mediado por tecnologias digitais.

Nesse sentido, é preciso considerar que o produto educacional resultante desta pesquisa, tem relevância socioeducativa, pois, o papel educativo do museu, principalmente, aquele de caráter histórico, traduz exatamente o que é relevante à determinada sociedade para

a formação de sua identidade. As novas tecnologias aproximam tais coleções da realidade de estudantes da educação básica, pois permitem o acesso a objetos antes expostos apenas em espaços físicos, promovendo a construção de museus virtuais. Foi pensando justamente nesse aspecto, que se definiu como produto educacional um museu virtual educativo para pesquisa histórica, e nesse liame enxerga-se também possibilidades que darão suporte aos professores em contraposição às tradicionais aulas expositivas, fundamentadas na teoria da aprendizagem colaborativa, um processo no qual professores e alunos constroem o conhecimento em conjunto, a partir de práticas dialógicas proporcionando o engajamento dos protagonistas (alunos) no processo ensino-aprendizagem.

Ademais, o produto educacional trará uma breve descrição sobre a biografia da Senhora Nice lobão, ressaltando a importância dessa personalidade para a criação da Fundação Nice lobão, e todo o percurso realizado para o surgimento do Centro integrado do Rio Anil, agregando, dessa forma, uma responsabilidade social para todo o entorno do bairro do Anil.

Nessa mesma linha de raciocínio, viu-se ainda a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, isto é, que envolvesse a análise do registro da memória a partir dos relatos das vivências e práticas pedagógicas destas professoras, que consolidassem o entendimento de que a compreensão dessas experiências é narrada a partir da rememoração de acontecimentos, permitindo uma análise detalhada sobre a importância dessas agentes sociais na época do CINTRA.

Le Goff (1996, p. 525-538), ao tratar sobre as possibilidades analíticas documentais pelos historiadores, argumenta sobre a necessidade de perceber o documento em um contexto de construção, como um "[...] produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que aí detinham poder [...]", sendo importante percebê-lo não apenas como um documento, mas também como um monumento.

Além disso, ao estudar o passado, os estudantes podem desenvolver um senso de conexão com as gerações anteriores, compreendendo como as ações e os eventos do passado moldaram o mundo em que vivemos hoje. No caso das professoras que exerceram à docência na época do CINTRA e que através das entrevistas trouxeram informações e lembranças que podem ser utilizadas como fontes para a pesquisa histórica, além de salvaguardar as memórias afetivas dessas agentes sociais que deram suas contribuições no recorte temporal estabelecido para esta pesquisa. Isso contribui para um senso de continuidade histórica e ajuda os estudantes a entenderem melhor seu lugar na sociedade.

Ao fomentar o interesse pela história e pela memória coletiva, os projetos educacionais também promovem o respeito pela diversidade cultural, a valorização das

tradições e a compreensão das origens de diferentes grupos e comunidades. Isso fortalece o sentimento de pertencimento e a construção de identidades individuais e coletivas.

Por fim, nas considerações finais, retoma-se pontos importantes da reflexão, evidenciando as contribuições deste estudo para corroborar com as discussões a partir das trajetórias de vida pessoal e profissional das professoras entrevistadas, salientando as implicações na constituição de uma docência reflexiva na atuação de professores da Educação Básica.

2 (RE) DESENHANDO OS CAMINHOS DA FÁBRICA À ESCOLA: o lugar e suas Memórias

A proposta desse capítulo é apresentar, com base nos registros documentais oficiais de diversos formatos, além de bibliografia produzida sobre a temática, assim como as memórias de professoras do CINTRA, identificar como a Fábrica se tornou parte da história do bairro do Anil, e também, da cidade de São Luís – capital do estado do Maranhão. Desse modo, lançaremos nosso olhar a partir de um aporte teórico, tais como: Itapary (1995), Delgado (2003), Bosi (1994), Halbwachs (1990), Pollak (1989) para pensar a historicidade da antiga Fábrica e os desdobramentos que se estabeleceram para torná-la um espaço escolar e, assim, constituir-se com outras possibilidades no campo da formação e da pesquisa.

Nessa parte do texto, a finalidade é apresentar as representações estabelecidas para esse espaço fabril em seu contexto socioeconômico. Assim, discutiremos na primeira fase desde a sua desativação enquanto Fábrica, e sua transformação para a escola CINTRA, por meio da Fundação Nice Lobão e os trâmites para se tornar o então IEMA IP Rio Anil, utilizando para essa discussão os trabalhos desenvolvidos por Correia (2006), Melo (1990), Santos e Pflueger (2019), Caldeira (1988), Santos (2020), com base também em periódicos da época e das memórias de professoras que vivenciaram esses dois momentos de transição.

A compreensão acerca da temática que discorremos, tem como prisma de horizonte, as concepções dos escritos de Halbwachs (1990), principalmente, quando aponta que a memória é um fenômeno basicamente social, uma vez que, valoriza a concepção durkheimiana sobre a existência de relações dinâmicas entre as classificações sociais e as mentais, Halbwachs faz o caminho inverso ao de muitos discípulos de Durkheim que interpretaram essas relações de maneira mecânica. Por esse olhar, o autor, coloca que o trabalho psíquico e psicológico é necessário para a sua existência, mas o social predomina sobre o individual, o que não significa a sua rejeição. Importante também são as considerações desenvolvidas por Nora (1993, p. 17), ao assegurar que "[...] a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela 'revitalização' de sua própria história [...]", assim como "[...] o dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo". Embora deva-se levar em conta o que registra Bosi (1994, p. 55), ao escrever que "[...] na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas, refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado". As questões acima colocadas, certamente contribuirão para a condução dessa pesquisa no trato com as memórias relatadas pelas professoras que

entrevistamos e de suas histórias poderão extrair a ideia de uma época, de um espaço, em um específico momento socioeconômico da cidade de São Luís.

Nesse caso, tudo o que está guardado na memória, que vai ser lembrado e narrado pelos indivíduos, é produto das relações engendradas com um mundo preexistente, com o sistema social (Halbwachs, 2003). Para esse autor, a memória deve ser abordada por meio dos "[...] quadros sociais da memória [...]" e não em si mesma, visto que, "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que o mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes" (Halbwachs, 2003, p. 16).

Por esse viés, é provável que Halbwachs (1990) considere que a memória tenha relação direta entre a repetição e a rememoração, onde a memória individual se apresenta a partir da memória coletiva, uma vez que, todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Sendo que, a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, são, na verdade inspiradas pelo grupo.

Nesse caso, o autor afirma que esta memória coletiva – fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla – depende do poder social do grupo que a detém. Em virtude de, na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós, dentro da visão e do lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios sociais.

A memória individual, como posiciona Pollak (1989), está entrelaçada à memória coletiva, na medida em que o sujeito expõe o seu relato a respeito de um determinado fato, onde as impressões sobre sua experiência individual se mesclam às experiências coletivas. A memória é, portanto, um elemento que contribui para a coesão social e para construção da identidade individual em um universo coletivo.

Nesse caminho, Halbwachs (1990) enfatizou a perspectiva social da memória, quando argumenta na sua análise que as memórias não são reconstruções fiéis do passado, mas sim construções sociais moldadas pelas interações e influências do ambiente social. As memórias são continuamente atualizadas e reconfiguradas à medida em que são compartilhadas e discutidas com outras pessoas, sendo influenciadas por fatores como a cultura, a sociedade e as relações interpessoais.

Essas visões ressaltam a natureza dinâmica e subjetiva da memória. Elas sugerem que nossas lembranças são moldadas por nossas experiências individuais, mas também são influenciadas pelos contextos sociais e culturais em que estamos inseridos. Portanto, a

memória não deve ser considerada como uma reconstituição objetiva do passado, mas como uma construção subjetiva que está sujeita às influências e transformações ao longo do tempo.

Os lugares onde a memória se ancora, sejam de natureza topográfica, monumentais, simbólicos, ou funcionais, são assim constituídos porque a imaginação os investe de uma aura simbólica e, dessa forma, através das narrativas de vida de professoras, pode-se compreender a relevância histórica que essas sujeitas tiveram, partindo-se do princípio de que a nossa maior riqueza são as pessoas e suas trajetórias histórico-culturais. As lembranças são reconstituídas, evidenciando a veemência de quem fez a escolha daquilo que deve continuar eternizado em sua história de vida:

> [...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (Bosi, 1994, p. 17).

No momento da realização das entrevistas com as professoras, por exemplo, ficou perceptível a relevância das impressões de um fato quando confrontados com outras respostas dadas pelas entrevistadas às perguntas elaboradas no questionário utilizado para a entrevista, ou seja, a maneira como esse fato é lembrado não é a mesma que as outras pessoas lembram e isso pode gerar uma reconstrução dessa lembrança, não anulando assim que cada indivíduo possa pensar e lembrar de forma particular. Entende-se que a entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar o discurso dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana acessível através do discurso e adequado para estudos que visam compreender como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversa que ocorre durante uma entrevista, favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, crenças, valores e significados que as pessoas atribuem a si mesmas, aos outros e ao mundo ao seu redor. Dessa forma, a entrevista dá voz ao interlocutor para falar sobre o que está disponível em sua mente no momento da interação com o entrevistador e, num processo de influência recíproca, cria um discurso que é compartilhado pelos dois atores – pesquisador e participante. Por outro lado, quando uma investigação se concentra no comportamento humano, ou seja, em como as pessoas agem no dia a dia e não apenas falam sobre isso, é o que de fato interessa.

Tal é a complexidade que envolve a memória e, por consequência, o trabalho com a História Oral, quando se propõe a reconstruir os fragmentos do passado. Delgado (2003, p. 17) nos diz que "[...] o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre de lembranças de família, de músicas e filmes do passado, de tradições, de histórias escutadas e registradas".

Esta metodologia para registrar o passado também envolve outros problemas. Nesta tarefa, os historiadores induzem a memória com as perguntas e interesses do seu tempo e as respostas ou os fragmentos do passado se condicionam ao tempo presente. O tempo atua modificando o significado das vivências e é um produto da cultura. Portanto, cada cultura o entende de maneira diferente.

Halbawchs (2003), de que toda lembrança tem como essência um estado de consciência individual e que isso justificaria lembranças que o grupo ou sociedade não tinham em comum.

Ressalta-se ainda, que revisitar memórias significa buscar no interior de cada um, os diversos acontecimentos, situações e vivências marcantes ao longo de sua caminhada de Vida. E, neste aspecto, levando em consideração que estamos a discorrer de professoras, esta memória é de suma importância para identificar possíveis fatores que influenciaram na escolha da profissão por essas sujeitas sociais, conforme podemos observar abaixo na fala da professora Fátima Durans[2] ao ser questionada sobre a sua escolha profissional:

> [...] *quando eu cheguei aqui nesta escola, quando eu me deparei com essa estrutura toda, com essa história desse prédio, eu dei graças a Deus, eu tive uma gratidão muito grande e disse, "obrigada senhor, porque eu estou chegando nessa escola e essa escola é mágica". Eu senti que eu poderia fazer muito o meu trabalho que eu sempre sonhei, que é trabalhar junto com as pessoas que precisam e dentro de uma estrutura de qualidade*.

Nessa esteira de considerações, Nora (1993) diz que a memória é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos e que a sociedade se utiliza hoje da história para lhe conferir lugares onde pode pensar que não somos feitos de esquecimentos, mas, de lembranças: "[...] os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora" (Nora, 1993, p. 12)

Com efeito, as lembranças que se destacam em primeiro plano na memória de um grupo são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de seus membros. Já as relacionadas a um número menor estariam em segundo plano, na medida em que são evocadas pelo grupo apenas em condições específicas.

É importante acrescentar que a nossa pesquisa tem como base os parâmetros da História Oral, na medida em que o tema a ser estudado está situado na memória de pessoas que fizeram parte de uma conjuntura não tão distante do nosso recorte temporal, as quais ainda

[2] Entrevista realizada com a professora Maria de Fátima Durans Ribeiro, em 27 de janeiro de 2023.

vivem. Muitas são as discussões no meio acadêmico quanto ao uso da História Oral na produção historiográfica.

Nessa discussão, dá-se ênfase às considerações de Alberti (2005). Para essa autora, a História Oral "[...] ora constitui método de investigação científica, ora fonte de pesquisa, ora ainda técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados".

Mesmo de acordo com o estudo de Alberti (2005), considera-se a História Oral, principalmente, como metodologia, mas, também como uma forma de dar voz dentro da feitura historiográfica a diversos atores sociais silenciados e invisibilizados nas produções do saber intelectual. O trabalho com História Oral e memória exige do pesquisador responsabilidade científica. Ele não poderá sobrepor o seu ponto de vista sobre o do entrevistado, nem tratar o relato do entrevistado como portador da verdade.

Deverá, sim, com respeito às opiniões do entrevistado, ser capaz de (des) construir conhecimentos, produzindo novos documentos contextualizados. Isso porque "[...] o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim" (Alberti, 2005).

De fato, o que se concebe hoje como memória é a sua vastíssima constituição de estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, mas que poderíamos um dia ter a necessidade de lembrar. Para Halbwachs (2003), nossa capacidade de reter os acontecimentos passados não é ilimitada, ou seja, é como se a memória coletiva tivesse a necessidade de se descarregar.

A memória, embora seja concebida com algumas imperfeições, é fruto de uma aquisição, tanto cognitiva quanto social, sendo constantemente atualizada pela lembrança. Para Bosi (1994), a memória pessoal deve ser considerada uma memória social, familiar e grupal. A autora corrobora com a ideia de que a rememoração é dirigida pela vida contemporânea, pelo ambiente social e pela imaginação da pessoa que está lembrando. Nessa concepção, considera-se que tudo aquilo que se recorda, ignora ou se esquece, se refere a uma indigência na ocasião presente dos sujeitos, que os induz a relembrar.

Observa-se na contemporaneidade, que se vive sob o medo de esquecer algum fato do passado e que não obstante ele é compelido a buscar na história sua própria compreensão, enfatizando-se ainda que essa história, por sua vez, não pode desconsiderar as memórias individuais ou coletivas.

Nesse sentido, o lugar se apresenta como um desafio constante de estruturação da memória, compreendida, nesse contexto, como ofício humano praticado diariamente, considerando-se a comodidade de se estar em casa, até as relações de conflito, oportunizando

a consideração de que o lugar também pode ser visto como um território social, ou seja, o que se denomina lugar-território, que engloba os tempos passados, presentes e futuros.

A memória não se constitui, pois, como uma cópia, um decalque do passado. Isto porque, os acontecimentos, os seres e imagens não se apresentam à memória como formas acabadas ou perfeitamente delineadas. No momento em que são evocadas, durante o ato de recordar, as lembranças ligam-se sempre a outros elementos, elementos que, por sua vez, as tornam diferentes. Prerrogativa que nos ajuda a entender que o aspecto labiríntico e sinuoso da memória invalida qualquer certeza ou possibilidade de exatidão.

Talvez por isso Nora (1993, p. 9) ressalte que:

> [...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A memória instala a lembrança no sagrado. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A memória se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto.

A partir da década de 1970, estudiosos da geografia humanística, demonstram contribuições de grande relevância sobre o entendimento do espaço geográfico, considerado neste caso, o lugar, tendo em vista que é um espaço tão fascinante quanto provocante à vida memorial, seja essa memória individual ou coletiva.

De um modo geral, a seletividade da memória da qual lançamos mão, nos faz compreender que não vivemos tudo, tão pouco nos lembramos de tudo, o que ocorre na verdade é a seleção de estímulos, representações, escolhas, sejam elas conscientes ou não.

Considerando o posicionamento de Santos (2008), a memória é sem dúvida um elemento fundamental para o viver humano, sendo substancial à conservação e a continuidade da sociedade, funcionando como base mais ou menos coesa de estruturação da vida.

Observando algumas partes da obra de Tuan (1983), tem-se o entendimento de que os lugares são constituídos através da experiência, o autor compreende que a experiência humana se compõe de pensamentos e sensações, sendo que as sensações humanas não equivalem a sensações com um grande teor de discrição.

2.1 (Re) compondo “pedaços” do lugar: a história da Fábrica do Rio Anil

A região do Anil ganhou este nome devido às características de seu principal Rio, que tinha suas águas de coloração azulada, devido à grande quantidade de plantas de anil em suas margens (Itapary, 1995). Ocorre que, “a densidade dessas plantas incentivou o projeto industrial a se instalar em suas margens uma industrialização do Anil” (Santos, 2020, p. 50). De acordo com esse autor, essa industrialização consistiria na extração das folhas,colocando-as em seguida dentro da água para machucar e conseguir um extrato azulado, fato esse que deu origem ao nome do local.

No que diz respeito à história da denominação do nome do bairro, eis que se busca trazer à tona, não apenas uma historicidade baseada em fontes testemunhais, mas também, um entendimento de que, por muito tempo, se vivenciou naquele bairro e no entorno, grande parte do progresso socioeconômico da cidade de São Luís, por conta justamente do surgimento desta fabrica no bairro, proporcionando ao bairro esse processo de desenvolvimento econômico, principalmente.

Foi a partir da instalação da fábrica que o bairro Anil começou seu processo de transformação. Com a instalação de uma fábrica no bairro, verificou-se o processo de crescimento demográfico e de urbanização desorganizada, entretanto, o progresso tão desejado pela sociedade, trouxe benefícios, mas, também, prejuízos para a região. Antes da instalação da fábrica, o local era reconhecido por sua esplêndida natureza, porém, a intervenção humana, especialmente, a partir da instalação da indústria, fez com que aos poucos o aspecto bucólico, assim como os rios fossem desaparecendo em nome do “progresso”, e desse modo,Anil foi se transformando, suas casas e terrenos começaram a perder valor, o Rio Anil começou a ser fortemente afetado com a poluição e assoreamento decorrente da atividade industrial (Santos, 2020).

Em 1893, foi instalada a Fábrica de Tecidos Rio Anil, que intencionava a implantação de uma indústria têxtil e sua finalidade seria a fiação, tecelagem e branqueamento dos tecidos de algodão. Essa organização foi denominada de Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, sua constituição ocorreu em 25 de setembro de 1890, foi a sétima fábrica de tecidos a funcionar no Maranhão.

O capital da firma recém-constituída era em torno de 800 (oitocentos) contos de réis na qual estavam representados por mais de 8.000 (oito mil) ações de 100.000 (cem mil) réis e tinha 260 (duzentos e sessenta) acionistas na sua fundação (Itapary, 1995, p. 223).

Esta produção fabril teve seu apogeu na década de 1930, fortalecendo os serviços da comunidade anilense, fomentando a economia local, bem como, o desenvolvimento e criação de outras estruturas públicas, como por exemplo, a malha ferroviária da cidade, que tinha como finalidade o descolamento de operários para a referida Fábrica.

Em decorrências das inúmeras crises econômicas e ainda, dos atrasos quanto às modalidades têxteis na época, a Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil declarou falência em 1961, assim como outras fábricas no país.

Essa falência não significou apenas a ruptura de um processo de desenvolvimento local, mas também, acarretou a invisibilidade da Fábrica por muitos anos, desvelando em seu bojo social, o abandono cultural, histórico e social de sua estrutura (Santos, 2020)

Assim, entre 1872 e 1900, instalaram-se em São Luís, vinte e quatro fábricas, principalmente têxteis, assim como de fósforos, cerâmicas, chumbo, sabões, prego, calçados, beneficiamento de arroz, dentre outras, que foram financiadas com o capital das vendas de fazendas desvalorizadas com a abolição da escravatura. Devido ao crescimento das exportações, a valorização do algodão, dos tecidos e do babaçu, durante a Primeira Guerra Mundial, foi propiciada certa prosperidade econômica (Jornal O Imparcial, 2020).

O comércio tinha, nos operários fabris, a sua mola propulsora, que com a renda do seu emprego favoreciam os estabelecimentos, notadamente os que ofertavam gêneros alimentícios vindos do setor primário da Baixada maranhense e os manufaturados, oriundos dos grandes centros do Nordeste e do Sudeste brasileiro (Jornal O Imparcial, 2020).

Assim, de acordo Feitosa (2016) as indústrias têxtis tiveram seu apogeu no final do século XIX e expandiram-se rapidamente em todo o território nacional. No Maranhão, as expansões aconteceram em larga escala, especialmente na capital São Luís, tornando-se um dos grandes polos de industrialização têxtil e referência no Brasil. Dentre as fábricas mais atuantes na época, destaca-se a Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, inaugurada em 1893, a qual tornou-se notória em decorrência de sua estrutura arquitetônica e a amplitude do seu espaço têxtil, impulsionando a economia do Estado.

De acordo com Caldeira (1988, p. 214),

> [...] as fábricas foram situadas em Codó, Caxias e principalmente, em São Luís. No parque industrial, predominou o caráter têxtil, desde que, da totalidade das fábricas instaladas, 50% (cinquenta por cento) concentravam-se nos segmentos de fiação e de tecidos.

Nesse sentido, a Fábrica do Rio Anil impulsionou o desenvolvimento da capital São Luís, uma vez que, corroborou na inserção e contratação de vários funcionários locais.

A criação da referida Fábrica contribuiu para a geração de emprego, apesar de que, conforme aponta Itapary (1995), havia uma dificuldade de conseguir mão de obra especializada. Esse mesmo autor registra:

> [...] considerando o pequeno número de habitantes na cidade teremos, ainda que imprecisa, a noção das imensas dificuldades encontradas pelos empresários para o recrutamento de operários, especialmente quando as tarefas exigiam práticas ou conhecimentos especiais (Itapary, 1995, p. 4).

A Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, foi fundada em 1893, localizada no Bairro do Anil, no prédio onde funciona o CINTRA, escola pertencente à Fundação Nice Lobão. Pertencia ao Grupo Jorge & Santos. Possuía 172 (cento e setenta e dois) teares, 60 (sessenta) máquinas de fiação e 18 (dezoito) de branqueamento e tinha a produção de morins e madapolões, com 209 (duzentos e nove) operários.

A Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, seguindo o modelo europeu, construiu, próximo ao estabelecimento, uma vila operária. De acordo com Santos (2020, p. 61),

> [...] essas moradias **gratuitas** que a princípio poderia se pensar ser um privilégio para o operário, em verdade, tratava-se de um modo de controlar aqueles funcionários imprescindíveis para o funcionamento da fábrica. O caldeireiro, o mecânico, o eletricista, eram funcionários que não podiam ficar à distância dos olhosdo patrão, pois, qualquer avaria na fábrica, eles estavam sempre a postos e **aos olhos** (grifo do autor).

A instalação da Companhia de tecidos no bairro do Anil propiciou a abertura de estabelecimentos e atraiu empreendimento para o bairro. Neste contexto, o bairro anilense contava com diversos serviços que movimentavam a economia, através da criação da malha ferroviária que atuava como meio de deslocamento dos operários.

Durante essa época, a Fábrica Rio Anil vendia seus produtos, todavia não obtinha um lucro condizente com os custos de mantê-la em funcionamento. Como não tinha capital para investir em maquinário moderno, a fábrica se viu ainda em situações complicadas devido à concorrência das unidades fabris do sul e sudeste, que já produziam tecidos de melhor qualidade, colocando a unidade fabril do Anil em São Luís em situação de desvantagem, por sua pouca produção e diversidade de seus tecidos, como também, pela pouca tecnologia de suas máquinas.

Todas as fábricas instaladas no Maranhão sempre direcionavam suas produções para um determinado tipo de tecido, aquele no qual pudessem ter mais lucro. Este fato vai ser descrito por Melo (1990, p. 39):

> [...] o que se verificou na prática, talvez para atenuar os confrontos e concorrência internos, foi o estabelecimento paulatino de uma tendência individual em direcionar a produção predominantemente, para um determinado tipo de tecido, embora não possa afirmar o uso da exclusividade. A companhia de Fiação e tecidos Rio Anil, por exemplo, dedicava aproximadamente, 90% de sua produção à Fábrica de Morins; A Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense tinha, nos Tecidos deAlgodão cru e sacaria, o grosso de sua produção; A Companhia Fabril Maranhense orientava-se, mas para os tecidos Tintos, e assim por diante.

A construção do edifício da Fábrica Rio Anil (com 97 metros de frente e 103 metros de fundo, no total de área de 9.991 metros quadrados), onde ele já apresentava o assentamento dos motores, máquinas e transmissões, sendo que isso ficava em responsabilidade dos engenheiros ingleses que foram contratados pelos donos da Companhia. Segundo Itapary (1995), a Rio Anil foi das unidades fabris do Maranhão que recebeuum maior investimento dos seus proprietários, por isso, a contratação de muitos ingleses.

As máquinas das fábricas foram adquiridas a partir das correspondências com firmas inglesas. Várias propostas foram apresentadas à diretoria, e a vencedora foi a firma de Henry Livesey Limited, que apresentou propostas para fornecimento de 324 (trezentos e vinte e quatro) teares e de coluna de teto, cujo critério de escolha foi um maior desenvolvimento no ramo, já ser uma empresa conhecida por já fornecerem equipamentos para outra fábrica do Estado, a Santa Isabel e também, por oferecer melhores preços (Itapary, 1995).

A substituição de maquinário na Rio Anil, só aconteceu quando houve a explosão de um motor a gás no ano de 1943, devido, justamente, o maquinário já estar em condições de precariedade, ou seja, com mais de cinquenta anos de uso, não havendo mais possibilidade de utilização.

No ano de 1959, aos dezenove dias do mês de março, ocorreu um desastre lamentávelque vitimou três operários, começando assim a falência, pois dois anos depois, a fábrica fechou definitivamente para desespero de muitas famílias que dependiam exclusivamente desse emprego. Ressalta-se ainda que a fábrica do rio Anil foi incorporada ao grupo “Indústria e Comércio Tupy” de 1961 a 1987, funcionando como descaroçadora de algodão (Itapary, 1995).

Ademais, problemas de política econômica, infortunadamente, massacraram esse importante Parque Industrial de São Luís, além de problemas administrativos e dificuldades externas pela qual passou a economia maranhense, mais expressivamente este parque fabril, surgindo das suas estruturas e arcabouços em terreno de 24.000 m², pelas mãos de 550 (quinhentos e cinquenta) trabalhadores maranhenses, 12.558 m² de construção e restauração (Itapary, 1995).

Ressalta-se ainda que durante as duas grandes guerras mundiais, o parque industrial maranhense aumentou a sua produção com o propósito de atender ao mercado externo, principalmente, com a importação e exportação para os estados Unidos da América do Norte, vivendo períodos de apogeu do ponto de vista econômico mundial para o estado do Maranhão.

A falta de incentivo à produção de matéria-prima e renovação do modo de produção, já que o mercado externo e o centro sul do país modernizaram-se, faz com que o Parque Industrial Maranhense (têxtil) entre em decadência, fechando gradativamente suas portas. Foi esse somatório de dificuldades que constituíram a falência do Parque Industrial que consequentemente agrava a situação econômica do estado e o desemprego das pessoas.

Por seu valor histórico e arquitetônico, o Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão, solicitou ao Conselho estadual de Cultura, seu tombamento, em julho de 1990, aprovado na sessão do dia 6 de agosto deste mesmo ano, conforme Figura 1.

Figura 1 – Antiga Fábrica e escola CINTRA

Fonte: Pedroza (2017).

Com instalação de uma fábrica no bairro, teve início o processo de crescimento demográfico e de urbanização desorganizada. Todavia, o progresso tão desejado pela sociedade traz consequências terríveis para a região. Antes um lugar reconhecido por sua esplêndida natureza, com a intervenção humana, aos poucos suas matas e rios foram desaparecendo em nome do "progresso". Assim, o Anil vai se transformando, suas casas e terrenos começaram a perder valor e o Rio Anil começou a morrer com a poluição e o assoreamento.

A Fábrica Rio Anil tem sua instalação nas proximidades do Rio Anil, além de ser águas de boas navegações, já que mesmo diante de um desenvolvimento urbano, São Luís ainda utilizava bastante o comércio marítimo em suas relações comerciais. Outro fator é o rio permitir condição básica para fábrica obter seus recursos hídricos para disposição do funcionamento e utilização das máquinas fabris na sua produção de tecidos. Todas as fábricas instaladas no Maranhão sempre direcionavam suas produções para um determinado tipo de tecido, aquele na qual pudessem ter mais lucro.

Sua medida de frente voltada para a Maioba era de 1.500 braças, correspondente de 3.300 metros. Com disponibilidade de água para o processo produtivo e a utilização nas caldeiras, e preponderância de jazidas de pedras e matos em que podiam ser retidas as madeiras necessárias a construção do edifício, e após serem vistoriadas e aprovadas pelos engenheiros, Gastilho e Lima Campos, a negociação foi feita, e deu-se início a construção do imóvel (Itapary, 1995).

O trabalho de construção da fábrica foi interrompido pelo Major Francisco da Costa Fernandes, vizinho da fábrica por uma ação judicial na qual ele alegou que a fábrica estava invadindo suas terras. O major Fernandes ganhou a causa e os proprietários da fábrica foram obrigados a pagar o valor de seis contos de réis pelas terras utilizadas indevidamente. Outro embargo que sofreu a Rio Anil foi da companhia de Águas de São Luís, que entrou na justiça comprovando que as obras da construção da fábrica estavam impedindo a mesma de utilizaras águas do Rio Anil para o abastecimento da capital. Para além dos obstáculos mencionados anteriormente a Fábrica de Tecidos Rio Anil tinha sérias dificuldades econômicas. A falta de um mercado consumidor, que é alegado pela literatura pertinente, os embargos judiciais, a desvalorização da moeda nacional diante da libra inglesa.

Entende-se que todo esse imbróglio era agravado pela constante desvalorização de moeda da época, ou seja, os preços dos maquinários nunca eram fixos. A construção do edifício da Fábrica Rio Anil com 97 metros de frente e 103 metros de fundo, no total de área de 9.991 metros quadrados, já o assentamento dos motores, máquinas e transmissões, estes, por sua vez, ficavam em responsabilidade dos engenheiros ingleses. Sendo que, 36 destes foram contratados

pelos donos da Companhia, segundo Itapary (1995) a Rio Anil foi das unidades fabris do Maranhão na qual recebeu um maior investimento dos seus proprietários, por isso, a contratação de muitos ingleses.

Para as máquinas motoras era preciso ter um "chão de fábrica" que suportasse bem o lençol freático, para tanto, foram construídas paredes com dois metros e meio de espessura com argamassas de cimento, assim, evitando infiltrações de água na fábrica.

No subsolo de todo o prédio foram instalados canos para o escoamento do esgoto das águas pluviais. Houve o levantamento de uma chaminé com tijolos, cerâmica média de 45 metros de altura. Para o armazenamento de água, foi construído ao lado do prédio, um tanque com capacidade de 8 mil litros, sendo esta usada nas caldeiras e voltava ao tanque para ser reutilizada. O processo de levantamento da fábrica originou um custo muito elevado para seus donos, e a recuperação desse investimento seria difícil porque o Estado não oferecia um grande mercado consumidor e ficaria dependente do mercado internacional e nacional com unidades fabris bem mais desenvolvidas (Itapary, 1995).

Dentre os locais mais conhecidos, em decorrência de sua estrutura arquitetônica e amplitude estrutural, destaca-se a Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, inaugurada em 1893, com apenas 144 (cento e quarenta e quatro) teares, com setores de branqueamento, departamento de fiação, tecelagem e caldeiras. Fios de algodão para urdidura e tramas, com números 25 e 35 com destinação para o consumo interno. Caldeiras (1988, p. 224) comentou sobre a produção da fábrica Rio Anil: "[...] os morins da Rio Anil registravam vendas apreciáveis após terem sido lançados nos mercados do Maranhão, Pernambuco, Piauí e Pará. No caso maranhense, substituiu a importação de similares por sua cor branca e maciez".

Tratando-se de questões econômicas e sociais, esta Fábrica foi a mola propulsora para o desenvolvimento da região, posto que, promoveu o ingresso de funcionários, muito embora, se enfrentasse naquela época uma dificuldade de recrutar mão de obra, pois neste mesmo período por toda província do Maranhão e, principalmente, na capital, muitas unidades fabris estavam sendo construídas ao mesmo tempo.

Conforme Itapary (2020) eram poucos os profissionais com habilidades para os serviços de pedreiros, capinas, técnicos em tecelagem e manutenção das máquinas. A Fábrica fomentou o emprego e a criação de uma vila operária nas proximidades, corroborando para a expansão de estabelecimentos e, portanto, a instalação de diversos serviços e movimentações econômicas-sociais.

Esta produção fabril teve seu apogeu na década de 1930, fortalecendo os serviços da comunidade anilense, fomentando a economia local, bem como o desenvolvimento e criação

de outras estruturas públicas, como por exemplo, a malha ferroviária da cidade, que tinha como finalidade o descolamento de operários para a referida Fábrica. Em decorrências das inúmeras crises econômicas e ainda, dos atrasos quanto às modalidades têxteis na época, a Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil declarou falência em 1961, assim como, outras fábricas no país. Essa falência não significou apenas a ruptura de um processo de desenvolvimento local, mas também, acarretou a invisibilidade da Fábrica por muitos anos, desvelando em seu bojo social, o abandono cultural, histórico e social de sua estrutura.

Essa falência não significou apenas a ruptura de um processo de desenvolvimento local, mas também, propiciou à invisibilidade da Fábrica por muitos anos, tal como suas contribuições econômicas, históricas e sociais.

No entanto, entende-se que não foi somente devido à falta de financiamento que a renovação técnica das fábricas foi escasseando, havia também grande parcela de ineficiência por parte de seus proprietários, os quais não aproveitaram dos momentos ideais para renovar e incrementar os negócios, como descreve Tribuzzi (1981, p. 56):

> [...] cessado o conflito e a contingência favorável de preços internacionais, a economia reflui aos níveis medíocres até a década de 1950, enquanto vai-se acentuando a decomposição do parque têxtil pela queda de qualidade da produção algodoeira e, sobretudo, pela ineficiência tecnológica e econômica dos equipamentos (os mesmos implantados na década de 1890) que o empresariado mantivera obsoleto apesar da circunstância favorável das duas guerras, preferindo aplicar os vultosos lucros daquele período em inversões imobiliárias no Sul do país.

Desse modo, a medida em que os anos 1950 chegavam ao fim, com eles foram esvaziando-se as indústrias maranhenses, pois estas já haviam esgotado todos os seus recursos. Ademais, atrelados aos fatores responsáveis pelo declínio supracitados, somaram-se a criação de algumas leis sociais (com a finalidade de proteger e melhorar o padrão de vida dos operários), dentre as quais se destaca, no ano de 1959, de acordo com Melo (1990), a adoção de um salário-mínimo legal.

A classe empresarial, que nessa época não possuía verba para pagar as dívidas mais urgentes, pois os vencimentos dos empregados estavam atrasados, nada mais podia fazer do que realizar ameaças com o fechamento das fábricas, caso a classe operária insistisse em cobrar o salário determinado pelas leis trabalhistas. Assim sendo, em meados da década de 1960, gradativamente, as unidades fabris do Maranhão foram fechando suas portas.

2.2 O prédio abandonado, o CINTRA e o então IEMA: os caminhos políticos para ainstitucionalização da escola

Com a necessidade de usar este ambiente, que apesar dos tempos de glória e algum tempo depois, pelo abandono, ainda se mostrou com boas estruturas, bem como um espaço ocupacional saudável, a antiga fábrica deu lugar ao CINTRA em 1993, tornando-se uma das maiores escolas de caráter público na América Latina.

Instituída pela Lei Estadual nº 5.774, de 15 de outubro de 1993, a Fundação Nice Lobão foi uma entidade de natureza educacional, filantrópica, com personalidade jurídica de direito público e autonomia administrativa (Maranhão, 1993). Através de sua Unidade Operativa, o CINTRA, tinha como Anexo I, Vovó Anália de Araújo, inaugurado 22 de abril de 2004, esta Instituição consolidou seus objetivos na área da Educação com uma quantidade aclamada pela Comunidade Maranhense.

O novo prédio possui arquitetura moderna e é anexo ao CINTRA. A construção da referida escola faz parte da política de expansão do Ensino Médio do Governo do Estado por meio da GDH e em parceria com a Fundação Nice Lobão, com recursos do Projeto Alvorada. A nova escola possuía 24 (vinte e quatro) salas bem distribuídas e climatizadas onde funcionaram sala de vídeo, auditório, laboratório, grêmio estudantil, informática, sala de professores, sala de reunião, secretaria, diretoria, biblioteca e adaptação para alunos portadores de necessidades educacionais especiais.

A passagem histórica e cultural da Fábrica para um Centro de Ensino, se mostrou relevante na construção das especificidades históricas e culturais na sociedade anilense e de toda a região metropolitana de São Luís, tendo em vista que essa reestruturação transmite a importância de ressignificar espaços históricos, sem perder suas essências arquitetônicas e suas dimensões culturais, de acordo com a Figura 2 e Figura 3.

Figura 2 – Fábrica Rio Anil abandonada e posteriormente reformada

Fonte: Pedroza (2017).

Figura 3 – Fachada frontal do CINTRA (1994)

Fonte: Pedroza (2017).

De fato, era um espaço onde os teares soavam, no qual os operários sinalizavam a nova perspectiva industrial da época, agora, o espaço soa o alarme da rotina estudantil, dando voz e vez ao conhecimento e ao processo de ensino-aprendizagem. Essa conjuntura, abre uma discussão, em especial, nas esferas públicas de educação, ou seja, podem ainda existir outros prédios e edificações abandonados que podem servir de espaço de construção do conhecimento e ainda, na fomentação e resgate do pensamento histórico e cultural da região.

A Fundação Nice Lobão constituiu-se em um Centro Educacional com diversas salas, departamentos administrativos, teatro, sala de vídeo, biblioteca, laboratórios, centro de saúde, restaurante, quadra poliesportiva e lanchonetes. A Instituição manteve sua atuação voltada para a educação Integral do indivíduo, priorizando a qualidade do ensino público, pois

acreditava que, deste modo, contribuiria para a redução das desigualdades socioculturais existentes na realidade brasileira.

As diferentes propostas pedagógicas desenvolvidas neste período e o alcance de suas ações fizeram da Instituição, um centro de excelência educacional do Estado do Maranhão. Baseada nas políticas públicas educacionais implementadas pelo Governo do Estado do Maranhão, através da Unidade regional de Educação (URE), da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), na qual a escola faz parte do Polo IX e respeitando entre outras, a Legislação Educacional, em especial, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a proposta Pedagógica existente na época do CINTRA.

A Fundação Nice Lobão, permitiu que um número significativo de alunos obtivesse o desenvolvimento necessário para a sua formação pessoal e profissional, tendo em vista que os resultados educacionais alcançados na época, o envolvimento dos alunos com a escola, a participação das famílias e comunidades nas atividades integradas da escola, a procura pelas atividades educacionais e profissionalizantes, o apoio do Governo do Estado e a gestão escolar, ao trabalho desenvolvido, tornou o CINTRA uma escola pública de referência para o Estado do Maranhão.

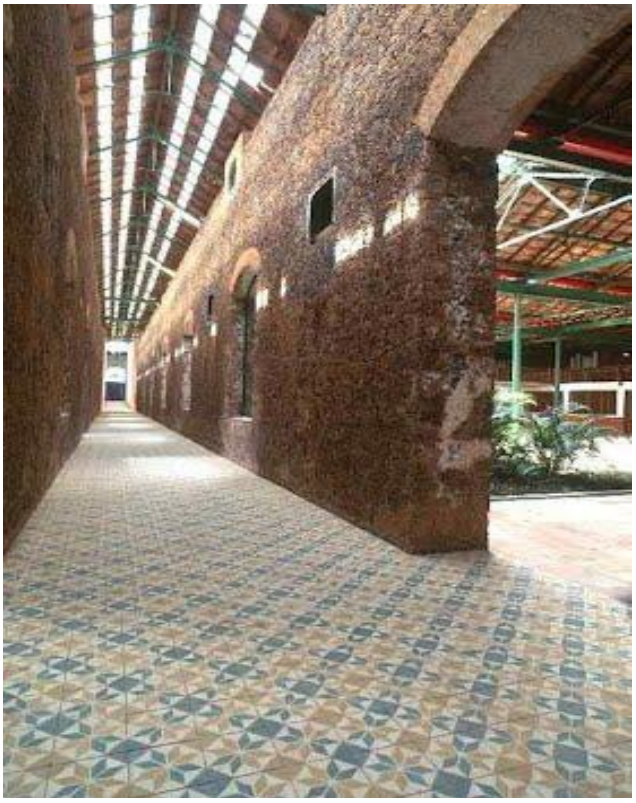
Quando foi criado, o Centro Integrado Rio Anil em sua história verifica-se intensos processos de transformação, ou seja, seu espaço físico que abrigou a Fábrica de Tecidos Rio Anil no final do Século XIX, em 1893, foi reestruturado para receber uma nova missão: constituir umaescola de Educação Básica para o atendimento da Comunidade Anilense. A Fundação Nice Lobão nasceu da reconversão da Fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Anil, no período de 1991 a 1993. A partir da ação do então Governador do Estado do Maranhão, Edson Lobão, sob a inspiração da Secretária de Estado e Desenvolvimento Social, Comunitário e do Trabalho, Nice Lobão (1992), que, por sua vez, assim se posiciona quanto a criação do CINTRA:

> [...] foi árduo, mas significante, o desafio de transformar a velha fábrica de tecidos do Rio Anil num dos mais modernos centros educacionais do País. Os benefíciossociais decorrentes dessa obra serão, para mim motivo de permanente orgulho e alegria. Ao CINTRA, dediquei o melhor de mim, como mãe, como servidora pública, ecoo cidadã, na certeza de que estou dando importante contribuição à política de valorização da juventude maranhense definida pelo Governo lobão. O CINTRA e um exemplo do muito que se pode fazer em benefício das crianças e dos jovens quando à decisão política aliam-se a criatividade o amor.

De tal modo, o CINTRA foi inaugurado em 1994, como um dos maiores centros de ensino do Maranhão, com proposta de educação em tempo integral, a fim de atender 3.500 crianças e adolescentes com proposta de ensino-aprendizagem para a cidadania. Foi adotada a

construção de aberturas nas coberturas das telhas e a criação de jardins internos, sem prejuízo às formas originais. Paredes internas de alvenaria de pedra tiveram seus revestimentos descascados, destacando a qualidade da mão de obra do século XIX. A iluminação do corredor central feita com telhas de vidro foi aumentada, valorizando o piso em ladrilho hidráulico (Figura 4).

Figura 4 – Corredor Central com telhas de vidro e ladrilho hidráulico

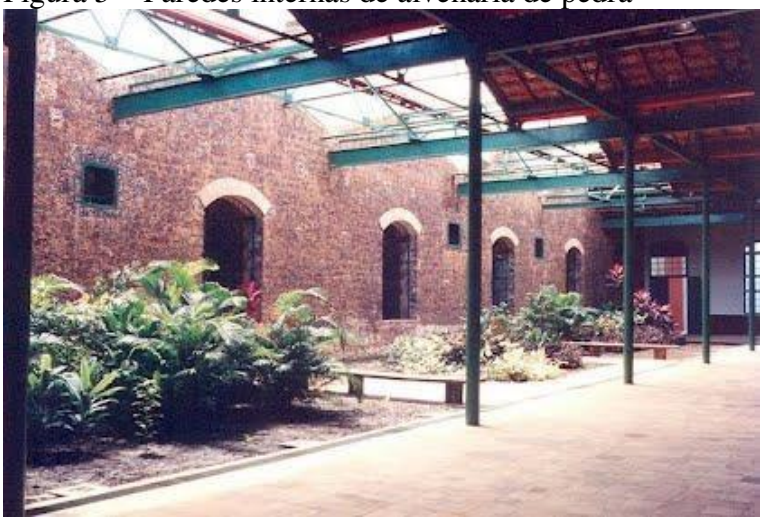


Fonte: Pedroza (2017).

O pé direito alto[3] da antiga Fábrica permitiu a criação de mezzaninos. O contrasteentre os pilares projetados em toras de aquariquara e os pilares metálicos originais valorizou oambiente. Nos jardins internos, predominaram as palmeiras maranhenses e alguns espaços ganharam toras de massaranduba, e outros foram cobertos com telhas francesas. Foi adotada a mesma cor azul da antiga Fábrica para a nova estrutura que se tornava um centro de ensino, ou seja, uma nova Fábrica para educar e realizar sonhos de jovens estudantes, como mostram as Figuras 5 e 6:

[3] Pé direito alto: é um termo frequentemente utilizado na arquitetura e no design para mensurar a dimensão da parede que vai do chão ao teto de um imóvel.

Figura 5 – Paredes internas de alvenaria de pedra



Fonte: Pedroza (2017).

Figura 6 – Jardins internos com palmeiras maranhenses

Fonte: Pedroza (2017).

Pela oferta de ensino diversificada e estrutura física privilegiada, o CINTRA representou avanço no âmbito educacional, econômico, social e político do bairro do Anil. Foi caracterizado como possibilidade de melhoria do nível de vida dessa população, fomentando o ingresso no mercado de trabalho, a partir da educação formal complementada pelas oficinas profissionalizantes.

As políticas educacionais do Brasil passaram por grandes transformações na década de 90 do século passado, impactadas pela globalização e pela reestruturação produtiva, que afetaram a concepção de educação que, deveria voltar-se para preparação da força de trabalho para atender ao mercado em constante instabilidade. Essas reformas, que foram impostas no decorrer da década de 90 na América Latina e especificamente no Brasil tinham como principais fundamentos a descentralização, a autonomia escolar, a co-gestão da comunidade dentre outros aspectos que nos levam a compreender que essas orientações estão diretamente articuladas com

o projeto de educação neoliberal, objetivando um novo paradigma de organização do Estado e do setor público para atender as exigências do capital. A educação obteve um destaque nessas reformas pois era entendida como chave para o progresso social, tendo sido submetida a avaliações externas classificatórias, com intuito de medir resultados baseados em padrões de qualidade estabelecidos como mínimos para o ensino.

É nesse cenário que o Centro Integrado Rio Anil é criado, contudo, diante do grande desafio de lidar com a diversidade mediante a amplitude de sua estrutura no atendimento, a luta contra a falta de inovação dos recursos pedagógicos, melhorias e reformas na estrutura física, bem como, as questões sociais relacionadas ao bairro do Anil, por assim dizer, a ausência de políticas públicas essenciais para a comunidade do bairro e entorno. Nessa conjuntura, o CINTRA é observado como espaço de ampliação das oportunidades sociais no Anil, assim como outrora representou a Fábrica do Rio Anil.

Com base primordial na história e memórias, que se resiste ao tempo e o referido tempo histórico são chamadas de Patrimônio Cultural, que é a soma dos bens materiais (são bens culturais passados de geração em geração, pois representam a história de determinado grupo) e imateriais (bens que são o reflexo da cultura de um povo, bem como de seus hábitos, expressões e costumes, que são transmitidos de geração em geração).

Nesse contexto que foi inserido Centro Integrado do Rio Anil, localizado dentro da antiga fábrica de Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil que foi fechada em 1961. Abandonada por muito tempo, e somente um século depois do lançamento de sua pedra fundamental foi recuperado e deu espaço ao CINTRA, com projeto do Arquiteto Fabrício Pedroza e está também inserido como parte do acervo Ludovicense considerado Patrimônio Cultural e Arquitetônico da Humanidade pela UNESCO (Santos, 2021).

A Constituição Brasileira de 1988 adota a denominação de “patrimônio cultural” no seu artigo 21.646. Seção II da Cultura, conceitua o que se entende por essa expressão como:

> [...] constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> i. as formas de expressão;
> ii. os modos de criar, fazer e viver;
> iii. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> iv. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
> v. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico. paleontológico e científico (Brasil, 1988, p. 25).

Daí a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa para o despertar no tempo como lembranças. É por isso que existe uma representação coletiva do tempo, onde ela se harmoniza, por exemplo, com os grandes fatos de astronomia e de física terrestre, porém a estes quadros gerais, a sociedade sobrepõe outros que se ajustam sobretudo às condições e grupos humanos concretos e estando encobertas pelas divisões sociais de tal maneira que elas desaparecem progressivamente e que a natureza deixa cada vez mais à sociedade o encargo de organizar a duração.

Halbawchs (2003) vem a reforçar que não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.

Sendo a referência ao passado para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também, as oposições irredutíveis, bem como faz Rousso (1985), em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva. Quem diz "enquadrada" diz "trabalho de enquadramento". Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente.

Assim, mesmo com o abandono, seus elementos estruturais e arquitetônicos, mostravam-se relevante, tanto, que deu lugar ao CINTRA em 1993, tornando-se uma das maiores escolas de caráter público na América Latina. Em 2019, através do Projeto de Lei nº 219/2019, de iniciativa do Poder Executivo, que extingue a Fundação Nice Lobão, o CINTRA passou a atuar como IEMA, tornando-se como espaço de grande importância para a educação do Maranhão.

O IEMA foi criado no dia 2 de janeiro de 2015, pelo então governador Flávio Dino, por meio da Medida Provisória nº 184, tornando-se uma autarquia vinculada inicialmente à Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), por meio da Lei Estadual n° 10.254, de 9 de junho do mesmo ano e reestruturado pela Lei nº 10.385, publicado no Diário Oficial da União de 21 de dezembro de 2015. Atualmente, encontra-se vinculado à SEDUC, na conformidade da Medida Provisória nº 291, de 22 de fevereiro de 2019.

O Governo do Estado do Maranhão vem, ao longo dos últimos anos, buscando apresentar alternativas concretas de execução de uma proposta pedagógica que viabilize a formação de indivíduos competentes, solidários, críticos e autônomos. Assim, o IEMA, por meio de suas Unidades Plenas e Unidades Vocacionais, oferta à população maranhense o Ensino Médio Integral de Formação Geral- Acadêmico e o Ensino Médio Integral Articulado à Educação Profissional, constituindo-se em um dos investimentos necessários e importantes para a concretização da oferta de educação pública de qualidade.

O IEMA é uma instituição pública estadual que tem como objetivo oferecer educação pública, gratuita e de qualidade, buscando o desenvolvimento social, tecnológico e econômico da região, vinculado à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação que, para tanto e, visando ampliar ainda mais a oferta de cursos e o número de vagas para o ensino médio, o Instituto estruturou as Unidades Plenas de Ensino Médio Integral e Integrado à Educação Profissional. O IEMA foi criado, no dia 2 de janeiro de 2015, respaldado pela Lei nº 10.213, de 9 de junho de 2015, por meio da Lei de nº 10.254/2015 e do Decreto nº 30.679, de 16 de junho de 2015, com o intuito de ampliar a oferta de Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Estado do Maranhão. É uma proposta do Governo Estadual e tem como meta implantar o Instituto em 23 Municípios até 2018, proporcionando à sociedade maranhense a estrutura do Ensino, Pesquisa e Extensão, respeitando as necessidades de cada localidade. Iniciou suas atividades de forma pioneira na cidade de São Luís no ano de 2016, com os cursos voltados para a Formação Geral – Acadêmico e os Cursos de Formação Profissional de Nível Médio, na forma concomitante de Programação e de Manutenção e Suporte em Informática.

Nesta Proposta, o Modelo Pedagógico, bem como o Modelo de Gestão tem como referência o Modelo da Escola da Escolha, favorecendo ao educando uma formação que possibilite executar o seu Projeto de Vida idealizado e elaborado ao longo do ensino médio, que em sua implantação conta com a assessoria técnico-pedagógica da Organização não governamental (ONG): Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE). Nessa perspectiva, e com base em seu Regimento Interno Geral, Título II, Da Instituição, Art. 2º, fica definido que o IEMA "[...] é uma Autarquia vinculada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), com sede e foro em São Luís, capital do Estado do Maranhão [...]", tendo como finalidade, conforme seu Art. 3º, ofertar educação profissional e tecnológica de "[...] nível médio e superior no Estado do Maranhão em todas as modalidades, sendo-lhe asseguradas as condições pedagógicas, administrativas e financeiras para a oferta de ensino médio técnico e outras modalidades de preparação para o trabalho [...]", nas formas integradas,

concomitante, subsequente e técnica, por meio da articulação entre formação geral e formação profissional.

Para efetivar essa articulação, o IEMA tem como ponto de partida a realidade concreta, no contexto dos arranjos produtivos e das vocações sociais, culturais e econômicas locais e regionais, juntamente com a perspectiva da construção, ampliação, modernização e adequação do espaço físico; construção de laboratórios; aquisição de acervo bibliográfico, material de consumo e formação de docentes, gestores e pessoal técnico-administrativo.

Nesse contexto, faz-se necessário um esboço de sua finalidade e explicitação dos princípios e diretrizes do ensino médio integrado à educação profissional, que toma por base a formação integral do trabalhador, expressa no Decreto nº 5.154/2004 e alterado pela Lei nº 11.741/2008 e na Resolução nº120/2013-CEE/MA, que explicitam ser a educação profissional técnica de nível médio uma possibilidade de desenvolvimento do Ensino Médio e não uma modalidade educacional. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/1996, cujo texto, em seu art. 34, § 2º, aponta para o aumento progressivo da jornada escolar na direção do regime de tempo integral (Brasil, 1996).

Esse modelo, pretende permitir ao jovem o pleno desenvolvimento e domínio de competências apoiadas em valores, no fortalecimento da autonomia, na colaboração de educadores qualificados e comprometidos com o autodesenvolvimento, na transdisciplinaridade dos princípios educativos e éticos. Compondo esse conjunto, uma tecnologia de gestão educacional eficiente e participativa, focada em padrões elevados de qualidade, fomentadas a partir de premissas educacionais disseminadas por meio de práticas do protagonismo, na formação continuada, na excelência em gestão, na educação profissional, corresponsabilidade e na replicabilidade.

O IEMA tem como função social a construção do conhecimento, a formação da cidadania para a melhoria das condições de vida dos sujeitos, bem como de sua intervenção no mundo social. Para esse fim, enquanto espaço de formação, deverá ser organizado visando ao sucesso de todos os alunos, pautando-se, contudo, no respeito às individualidades. Trabalhará com o princípio da autonomia e da responsabilidade, desenvolvendo um padrão de ensino renovado e flexível, considerando particularmente as necessidades, expectativas e condições de vida e trabalho da clientela, para a qual prestará serviços educacionais.

3 FIOS DE MEMÓRIAS QUE SE CRUZAM NO TEMPO: as narrativas das professoras esuas experiências no espaço escolar dos tempos do CINTRA

A intencionalidade deste capítulo é a busca através da problematização e das narrativas das professoras do Rio Anil, lançando o olhar para as experiências vividas no espaço do CINTRA. Desse modo, as discussões serão pontuadas em torno dessas entrevistas realizadas com elas, que, por sua vez, criaram nesse terreno da escola em seus dois momentos, vivências para a composição de suas identidades como professoras.

Realizar-se-á uma análise das professoras entrevistadas, observando sobretudo a importância delas enquanto agentes sociais nesse processo educacional, tendo em vista que suas experiências, vivências, suas histórias de vida, por assim dizer, poderão ser ressignificadas através dessas lembranças e desses modos de rememorar, nos permitindo refletir sobre o que nos revela a memória de professoras sobre sua trajetória docente.

Nesse sentido, a identidade profissional dessas professoras é estabelecida em relação à interpretação social da sua profissão, ou seja, toda vivência educacional nesse *locus* de investigação será fundamental para a compreensão da relevância dessas agentes sociais, enquanto sujeitas dessa investigação.

Ademais, no momento da realização das entrevistas, essas professoras puderam rememorar alguns momentos vivenciados de suas práxis pedagógicas. Estabelecendo, dessa forma, uma conexão com a atualidade no sentido de buscar o próprio aspecto identitário dessas profissionais enquanto agentes de transformações sociais e formadoras de opiniões. Observa-se que a trajetória profissional de cada uma delas torna-se mais fácil a compreensão através das falas construídas e dadas como respostas às perguntas elaboradas para a realização das entrevistas.

A temática abordada visa sobretudo identificar as figuras femininas históricas, no caso as professoras, que participaram do processo de entrevistas e que tiveram seus nomes modificados para preservar suas identidades verdadeiras, quais sejam: Fátima Durans, Ana Clara Pereira, Leuda Miriam Castro, Silvia Teresa Martins, Maria Goreti da Silva, Giselia Guedes, Dejane Figueiredo, Elizabeth Alves de Lima, Maise Mendes que exerceram docência no antigo CINTRA, realizando o registro de suas narrativas devida enquanto agentes sociais nesse processo educacional na área do Rio Anil.

Tema vigoroso nos estudos mais recentes que abarcam várias áreas do conhecimento, a subjetividade expressa através das biografias – relatos de vida, baseados na

memória, memória caprichosa, conforme a epígrafe – que se tornou foco das pesquisas de Arfuch (2010).

A crítica biográfica, inserida que está nos Estudos Culturais, privilegia o não-ficcional da mesma forma que o ficcional, unindo-os para se obter uma visão mais completa da obra literária, visto que, pode criar pontes entre obra e fatos, incluídos fatos culturais.

A própria palavra memória carrega um peso em minha imaginação. Fui forçada a imergir em meus arquivos pessoais, que subsomem fragmentos da minha história como um todo – cartas, fotografias, cadernos, livros didáticos, pequenas memórias – estórias compartilhadas em diversos contextos sociais. Cada uma destas memórias conduz-me a um movimento que me remete ao início, no sentido de encontrar um fio perdido no tempo. Juntamente com outros fios, formam uma rede uma teia de interdependência interligada da nossa vida pessoal, profissional, emocional e religiosa.

A compreensão acerca da temática que estamos abordando tem como prisma, a memória e vivências de professoras sendo compreendida dessa forma como um fenômeno basicamente social, pois de acordo com o pensamento de Halbwachs (1990), a memória, por mais pessoal que possa ser, é construída socialmente. Por esse olhar, o autor, coloca que o trabalho psíquico e psicológico é necessário para a sua existência, mas o social predomina sobre o individual, o que não significa a sua rejeição.

Bosi (1994) se posiciona acerca da memória, embora seja concebida com algumas imperfeições, é fruto de uma aquisição, tanto cognitiva quanto social, sendo constantemente atualizada pela lembrança. Ainda se referindo ao mesmo autor, a memória pessoal deve ser considerada uma memória social, familiar e grupal. A autora corrobora com a ideia de que a rememoração é dirigida pela vida contemporânea, pelo ambiente social e pela imaginação da pessoa que está lembrando.

Nessa concepção, considera-se que tudo aquilo que se recorda, ignora ou se esquece, se refere a uma indigência na ocasião presente dos sujeitos, que os induz a relembrar. As lembranças são reconstituídas, evidenciando a veemência de quem fez a escolha daquilo que deve continuar eternizado em sua história de vida:

> [...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (Bosi, 1994, p. 17).

De modo igual, Jelin (2002) compreende que mulheres e homens possuem desenvolturas de memória dessemelhantes e diferentes modos de delinear suas memórias.

Para a autora, as mulheres possuem a tendência de rememorar os eventos com um maior detalhismo, enquanto os homens são mais generalizantes e superficiais. Além disso, as mulheres evidenciam suas emoções e sentimentos, citando mais as questões íntimas e as relações pessoais.

Halbwachs (1990), ressalta que, tudo o que está guardado na memória, que vai ser lembrado e narrado pelos indivíduos, é produto das relações engendradas com um mundo preexistente, com o sistema social. Para o autor, a memória deve ser abordada por meio dos "quadros sociais da memória" e não em si mesma.

Continua ainda: "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memóriacoletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que o mesmo lugarmuda segundo as relações que mantenho com outros ambientes" (Halbwachs, 2003, p. 16).

Por esse viés, ainda se tratando do autor anterior, o mesmo acredita que a memória tem relação direta entre a repetição e a rememoração, onde a memória individual se apresenta a partir da memória coletiva, visto que, todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, a exemplo - sentimentos, ideias, valores, princípios. Sendo que, a origem de várias ideias, reflexões,sentimentos, paixões que atribuímos a nós, são, na verdade inspiradas pelo grupo.

Entende-se que, para a realização de um trabalho com narrativas de vida, como no caso em tela, é preciso escolher uma metodologia que vá ao encontro desse universo sensível, que procure, conjuntamente, abordar sentimentos, memórias, significações, interpretações e embasamento teórico, principalmente, razão pela qual buscamos nos autores supracitados o alicerce para nossa pesquisa.

Halbwachs (2003), ao tratar o tema da memória coletiva, resume suas ideias em três assuntos, sendo eles: a concepção da memória individual enquanto inscrita em quadros de referência social, enfatizando-se aí o papel da linguagem; a noção de construção e seleção do passado, tanto em processos individuais, quanto coletivos de memória; a compreensão da memória coletiva enquanto função da identidade dos grupos sociais, posto que a primeira serviria para a integração e a continuidade destes grupos, para o nascimento de sentimentos de pertencimento nos componentes dos mesmos, assim como, para a reconstrução do passado de acordo com interesses particulares destes conjuntos.

Ao conceder espaço de fala para as professoras do antigo CINTRA, intenciona-se identificar como essas agentes sociais se viam em suas relações em sala de aula com os estudantes, como realizavam suas escolhas pedagógicas e como se posicionavam frente ao processo ensino aprendizagem. A intenção é evocar memórias a respeito de vida e da prática

escolar experenciadas na Educação Básica por essas professoras para que, por meio do resgate dessas experiências profissionais e pessoais, a ação educativa adquira significados.

Assim, o tempo da história é homogêneo, não é o tempo dos múltiplos grupos que compõem o social osocial, o que o torna exterior aos indivíduos. Para ele, esta história é a chamada "história escrita" diferentemente da "história vivida", que se relaciona com a memória coletiva. Portanto,é na história vivida que se constrói a memória.

Observando o posicionamento da historiadora Salvatici (2005, p. 29) em que esclarece que a história oral surge com o propósito de

> [...] inserir as vozes que faltavam, as dos desfavorecidos", a fim de criar uma "história vinda de baixo", enquanto ativistas feministas desejavam demonstrar o papel vital desempenhado por mulheres, no passado e no presente, por meio de uma reconstrução do passado.

A narrativa faz parte da história e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos. É comum ouvir através de narrativas diversas sejam elas de vida, como no estudo em questão referindo-se às professoras, que os seres humanos são, por natureza, contadores, narradores de história, e que gerações e gerações repetem esse ato quase que involuntariamente uns aos outros. "Narradores de Javé" é um bom exemplo que se aplica a esse contexto de discussão, tratando-se, portanto, de um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé, que narra a verdadeira história dos habitantes de um pequeno vilarejo do Vale de Javé e o medo destes moradores em relação a uma represa que precisa ser construída, representando a inundação do vilarejo pelas águas. E a única chance que os moradores têm para não ficarem desabrigados é provando que esse lugar tem uma história, uma identidade própria a ser preservada.

Nesse enredo, retrata a importância da rememoração como forma de reconstrução de histórias de vida, tanto numa perspectiva individual quanto social, é fundamental, pois ao entrevistar as professoras citadas anteriormente, verifiquei o quanto esse processo de rememoração foi prazeroso para todas elas, principalmente, quando perguntadas sobre suas práticas docentes. Nesse sentido, há o reconhecimento de todos de que a tradição oral se fortalece quando vinculada à escrita, pois faz com que as palavras sejam viabilizadas através da ação.

Biografia, autobiografia e outras formas de expor a memória ou a vivência confirmam-se como uma construção imaginária de si mesmo com o outro, na expressão de Ricoeur. Biógrafo, biografado, leitores, todos se aproximam mais pela narração da vida em si do que pela ordenação de fatos sobre a vida de outro; pautada em Bakhtin (2010), essa ideia

remete ao valor biográfico de compreensão, visão e expressão da própria vida, para outorgar sentido à experiência, à vivência fragmentária e caótica da identidade.

Sousa e Cabral (2015, p. 150) se posicionam quanto a esse e caráter flexível da memória, tecida na relação com o outro, que permite aos sujeitos refazerem suas histórias, nas suas lembranças, resistindo àquilo que os incomoda, acrescentando fatos oriundos do seu desejo de que tivesse sido diferente, como novas possibilidades para suas vivências. Assim, entendemos que as situações narradas são revividas e reelaboradas no processo de rememoração. Abrahão (2003, p. 85-86) acrescenta que:

> [...] trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isso, o estudo autobiográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador. [...] esse ressignificar os fatos narrados nos indicam que, ao trabalharmos com memória, o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não.

Esta é uma forma de compreender a formação docente, concepção em que a memória é uma substância viva que se conecta ao conhecimento científico e pedagógico no momento dinâmico da implementação da prática pedagógica.

Para Benjamin (2012), o narrador, nas histórias que conta, recorre ao acervo de experiências de vida, tanto as suas como as relatadas por outros. Para ele, a narração constitui um mecanismo para o resgate da linguagem, que traduz a experiência comum comungada por um grupo. Ratifica-se esse posicionamento, observando as professoras, personagens desta pesquisa, como narradoras de suas histórias de vida e de sua profissão, com experiências que proporcionaram uma leveza no momento das realizações das entrevistas, bem como uma facilidade na construção das respostas por se tratar de um assunto que marcou ou ainda marca significativamente as vidas dessas professoras.

Entende-se que as falas destas professoras são fundamentais para a contextualização histórica e patrimonial e que as vidas destas professoras que trabalharam no antigo CINTRA, hoje IEMA Rio Anil, estão entrelaçadas com a história da própria sociedade, como também com o *locus* de investigação. Sendo assim, a cultura da escola, enquanto Instituição Social, possibilita compreender a dimensão singular e complexa da prática docente, significando e ressignificando os processos educativos.

A memória individual, como bem posiciona Pollak (1989), está entrelaçada à memória coletiva. Na medida em que o sujeito expõe o seu relato a respeito de um dado fato, impressões sobre sua experiência individual se mesclam às experiências coletivas. A memória

é, pois, um elemento que contribui para a coesão social e para construção da identidade individual em um universo coletivo.

Por conseguinte, considera-se que a abordagem realizada, através das entrevistas com as professoras do antigo CINTRA, imprime a organização da trajetória pessoal e profissional, a reflexão sobre as práticas e a construção de novos conhecimentos, tornando-se, portanto, relevante para o contexto em que se concebe o Professor como narrador-personagem-escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação. As narrativas, nesse aspecto, levam-nos à compreensão da historicidade do sujeito, do voltar para si num processo de reflexão.

Esta memória coletiva – fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla – depende do poder social do grupo que a detém. Visto que, na rememoração, nós não lembramos as imagens do passado como elas aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais do presente que estão agindo sobre nós, dentro da visão e do lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios sociais.

Na visão de Bourdieu (2004) coloca que as forças sociais são tidas como "poder simbólico", e estas podem se expressar desde a diferença de classes sociais, culturas, produções ideológicas, bem como, se manifestar dentro do campo de produção dele.

Segundo Halbwachs (2003) a diferença entre "história" e "memória" é o fato da História se prender a calendários e fatos. Assim, o tempo da história é homogêneo, não é o tempo dos múltiplos grupos que compõem o social, o que o torna exterior aos indivíduos. Para ele, esta história é a chamada "história escrita" diferentemente da "história vivida", que se relaciona com a memória coletiva. Portanto, é na história vivida que se constrói a memória.

Outra questão relevante para a História Oral é o tempo, pois a memória em seu processar, comporta uma multiplicidade de tempos. Percebe-se logo a importância da história oral neste trecho da obra de Thompson (1992, p. 17):

> [...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

A fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas

os escritos. Vale mostrar aqui o progresso de uma prática importante que compõe parte da historiografia contemporânea. De acordo com Alberti (1989, p. 4),

> [...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos.

No ato de relembrar, a memória busca um tempo que já passou com os interesses do tempo presente, ou seja, o tempo passado é trazido na carruagem do tempo presente. Mas o homem não relembra apenas o que passou em sua vida, ele relembra também das memórias de outros homens. Tal é a complexidade que envolve a memória e, por consequência, o trabalho com a História Oral, quando se propõe a reconstruir os fragmentos do passado.

Considerando a citação de Ricouer (1983, p. 19): "[...] as vidas humanas precisam e merecem ser contadas". Vida e linguagem, narração e experiência se influenciam mutuamente, mas a inquietação da temporalidade é uma constante: tempo físico, tempo psíquico, tempo do relato, tempo linguístico.

Para o espaço autobiográfico, a presença de vozes na instância atual do relato e nas instâncias de tempos passados (tempo da memória) busca a identidade narrativa, relacionada à história e à experiência no espaço biográfico, e o relato da experiência se torna possível através da temporalidade mediada pela trama. Não se pode, porém, ignorar o jogo duplo que se instaura nas narrativas ao se colocar, lado a lado, fatos de vida e fatos históricos, ou a memória e a ficção.

Delgado (2003, p. 17) nos diz que "[...] o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da História, visto que se nutre de lembranças de família,de músicas e filmes do passado, de tradições, de histórias escutadas e registradas".

3.1 O perfil das vozes: a trajetória das professoras entrevistadas

A questão central da temática está na compreensão das trajetórias dessas professoras através de suas narrativas, bem como, a relevância destas enquanto agentes sociais nesse processo educacional. Constata-se ainda, que a revelação que é dada através da memória destas professoras sobre suas vivências, registros, e documentos que alicerçam sobretudo as respostas dadas quando da realização da entrevista, provocam uma reflexão sobre a oralidade

como mecanismo de expressão da memória, da vivência, do tempo e das identidades sempre em formação.

Desse modo, a intencionalidade reside ainda em abrir espaço para uma análise que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, seriam as professoras, de forma que articulassem o grande painel coletivo da história da educação, principalmente aquela história em que se tem como testemunhas apenas aquelas que a viveram e podem, através de suas experiências de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

No entanto, esse olhar, essas vivências se perdem quando do óbito destas testemunhas sendo necessário o registro de todo este patrimônio para que a geração atual e as futuras gerações tenham elementos para compreender a importância do trabalho realizado por essas professoras numa perspectiva socioeducacional. No caso específico das professoras do antigo CINTRA, suas narrativas tornam-se ainda mais importantes pois exercem um papel duplo: o de observadoras e, também, de agentes de transformação através do seu fazer educacional, o que enriquece ainda mais a necessidade de que tais experiências sejam difundidas e conhecidas.

A opção sobre o uso das histórias de vida como metodologia de pesquisa está pautada naquilo que a pesquisadora quer investigar, no desejo da descoberta, de traçar um diálogo entre a memória, sua narrativa de vida, para saber como os eventos do presente da profissão de professora evidenciam os deslocamentos do passado baseado na experiência, tendo em vista que a História Oral é uma maneira de registrar as experiências de vida de pessoas (ou grupos) a fim de preencher lacunas existentes. Tendo em vista que a formalização e documentação de fatos e acontecimentos são majoritariamente realizados por pessoas que possuem o mesmo ponto de vista ou que representavam exatamente sempre o mesmo grupo de pessoas.

Processo com múltiplos desdobramentos, na entrevista estão incluídas intenções que podem ir dando pistas das marcas da trama discursiva. Atribuir a palavra diretamente a alguém cria o efeito de vida real, de presença, nos espaços abertos pelos turnos de intervenção, nem sempre respeitados nos sistemas conversacionais. A voz que se instaura e que narra estabelece uma estranha relação com a temporalidade, nem sempre linear, e com as outras vozes que se mostram na construção do discurso, no espaço sempre compartilhado das histórias (possíveis) de vida. Os relatos dão conta do ser comum, da infância, das afetividades, de uma verdade hipotética e esquiva, que atrai e impregna a cultura contemporânea.

No caso das professoras entrevistadas, percebe-se em quase todas uma necessidade de rememorar fatos que, de certa forma, contribuíram significativamente para o amadurecimento das suas práxis pedagógicas. A professora Dejane, por exemplo, quando relembra o caso de uma aluna que tinha necessidades especiais, assim se manifesta:

> [...] d*urante os momentos, eu acredito que é receber os alunos que têm alguma necessidade especial, como no caso houve aqui há um bom tempo, a aluna Glorinha, que é Síndrome de Down e que a gente tinha muita dificuldade, talvez não era capacitado para estar com a aluna e não tinha um tutor específico e eu vejo que isso ajuda muito o professor nessa interação, outros alunos também com baixa visão e como tem até hoje os alunos especiais que de fato nos ensinam muito e a gente está capacitado para atendê-los como der. Eu acredito que é isso Cláudia, pode repetir para eu ver se eu fui...* [4]

Nessa mesma direção se posiciona a professora Silvia Teresa, demonstrando o quanto foi prazeroso esse convívio no ambiente escolar e o quanto pode perceber mudanças comportamentais nos alunos após a realização de projetos em que protagonizavam diante dessas experiências exitosas, sendo considerados momentos marcantes para a referida professora:

> [...] *eu vi assim pela minha idade, pela minha pouca experiência os pais não acreditavam muito. E depois que eu começava a conversar, que eu mostrava assim que eu conhecia o aluno, que eu via diferença. E também o retorno dos professores, que a gente assim é a confiança, porque eu aprendi na universidade, quando eu fiz supervisão, que professor se conquista, então é uma conquista diária, então marcante pra mim é esse retorno. O carinho que eu percebo e a confiança no meu profissional, enquanto profissional eu vejo muito isso, que eles confiam na opinião, tem professor que vem me perguntar sobre questões assim pedagógicas de sala, sobre o aluno, que que ele pode fazer com os alunos, então eu vejo isso aí como um ponto muito positivo, essa confiança que o professor tem no meu lado profissional, meu profissionalismo.*[5]

Tomar esses relatos como objeto de reflexão é acreditar que a escrita de si, por ser uma escrita (auto)biográfica, constitui-se em um momento singular para desenvolver a competência interpretativa e reflexiva sobre si e sobre o cotidiano escolar. Escrever sobre si é um exercício que promove uma autorreflexão. Portanto, as entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com os objetivos que norteiam esta pesquisa.

No momento da escuta das narrativas (auto)biográficas, foi solicitado às professoras que falassem sobre a escolha e vivência na profissão, principalmente, porque acredita-se que pensar sobre as experiências é um primeiro momento que, em geral, se coloca para uma narrativa de formação, na medida que, ao relatar, inevitavelmente refletimos sobre o que aconteceu no passado.

---

[4] Entrevista realizada com a professora Dejane Figueiredo Barros, em 12 de junho de 2023.
[5] Entrevista realizada coma professora Silvia Tereza Martins Sousa, em 15 de maio de 2023.

Quando se lembra, lembra-se de algumas coisas, se esquece outras, a memória é seletiva, além de ser seletiva, a memória ordena os fatos e estabelece uma coerência entre eles. A memória é um espaço de estruturação das experiências das pessoas.

Ressalta-se que todas as professoras entrevistadas autorizaram por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices L a U), que suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seus nomes e imagens não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações. Dessa forma, terão seus nomes revelados na produção escrita.

A abordagem das histórias de vida como centralidade busca protagonizar o indivíduo no processo educacional, conferindo a este sujeito o papel de ator e autor de sua própria história, o que lhe confere um caráter emancipatório. No campo da aprendizagem, as histórias de vida centram-se na busca pela experiência que na verdade é definida como a busca pela identidade e pela subjetividade. Como essa experiência se compara ao estudo individual ou em grupo? Isso torna a história de vida única no processo de sua formação. A busca de memórias através de histórias de vida trazendo à luz discursos impregnados de sentimento, conhecimentos e experiências que, diante do presente dão ao indivíduo capacidade de intervir através da reflexão e da resignação, dimensionando sua própria prática. Reportando a trajetória dessas professoras, percebe-se que uma boa parte delas iniciou na escola desde a sua criação, como comprovação tem-se além de documentos como Termos de posse, Cartas de apresentação, Diário Oficial com ato de nomeação, dentre outros documentações que comprovem o período que essas professoras estão ou estiveram nesta instituição de ensino.

Necessário destacar, que as professoras participantes da pesquisa, totalizando 10 (dez), e sendo uma boa parte já está aposentada, esse fato possibilitou uma dificuldade para encontrá-las com tempo e horários disponíveis, entretanto, várias tentativas foram feitas com algumas destas professoras até a obtenção do resultado.

Há de se considerar que todo esse processo de rememoração dialoga com o *locus* de trabalho das entrevistadas de forma que se problematize através das narrativas o processo de construção de suas identidades como mulheres-professoras. A recuperação da memória individual e da memória feminina, buscando vestígios e configurações dessas especificidades em relatos destas professoras a respeito de suas experiências de vida.

Importante também ressaltar que, ao abordar a memória docente, se apontará também para o processo de formação de professoras e sua identificação com as transformações sociais, além da sua formação de identidade docente, o que por outro lado não só permite uma

compreensão mais aprimorada dessas vivências, mas também proporciona um processo de rememoração de grande relevância.

Para Arfuch (2010), o território biográfico privilegiado que a entrevista conquistou foi o dos escritores, teóricos, críticos, intelectuais que, atuando com a palavra, podem inventar vidas e obras. No entanto, o exercício da escrita exige a presença de outra voz como suplemento. As entrevistas apresentadas neste capítulo, mostram a estreita relação vida/obra que tanto interessa à crítica biográfica, conforme destacado no início deste trabalho. Porém, relativas ao espaço e ao momento da entrevista, em que um autor se assume como objeto de conhecimento e constrói uma imagem de si mesmo através de sua própria voz e com base em seu trabalho de autoria, ao assumir um texto com seu nome. Muitas vezes, o diálogo estabelecido na entrevista tenta ir além do dito para buscar o que está oculto sob o material da imaginação, na trama entre vida e literatura e também, no movimento oposto, quando a literatura de certa forma molda a vivência.

Thompson (1992) afirma que a primeira apreensão de processos históricos se realizou de forma oral, depois passando a adotar outras formas de registro em vários suportes, o que não quer dizer que a oralidade perdeu sua importância ou que alguns fenômenos continuem acontecendo por meio dessa modalidade de transmitir informação e conhecimento através das eras.

Quando se realiza a escolha dos sujeitos em uma pesquisa biográfica, automaticamente espera-se que o pesquisador estabeleça sua escuta sensível, bem como desenvolva um olhar mais qualificado e um comprometimento no que se dispõe realizar, possibilitando, dessa forma, observar quem são esses indivíduos no meio da problemática que a pesquisa investiga. As professoras entrevistadas que se apresentará no decorrer desta pesquisa possibilitaram a atribuição de sentidos e conhecimentos múltiplos à discussão desta temática. Todas essas professoras que trabalharam ou ainda trabalham no *locus* de investigação desta pesquisa se preocuparam em evidenciar suas vozes, no intuito de comprovar que são capazes de desvelar diversos conhecimentos e afetos em seus relatos autobiográficos.

Segundo Melleiro e Gualda (2003), o processo de reestruturação da narrativa coloca o sujeito em questão como autor e intérprete de sua própria história, sentimentos e decisões. Segundo os autores quando os indivíduos recontam as suas experiências individuais, apelam à recordação, à memória, que pode ser entendida não como uma reprodução de acontecimentos do passado, mas como reconstruções tendo em conta a compreensão atual. Trata-se, portanto, de explicar o presente com referência ao passado reconstruído.

3.2 O Tempo, o Contexto e o Texto: o encontrar-se como professora

Nesse momento da pesquisa, será mostrada a articulação em torno das narrativas de professoras do CINTRA – os modos de constituição e recuperação das memórias individual e feminina, buscando vestígios e configurações dessas sujeitas através dos seus relatos que retratam suas experiências de vida. Nesse momento, a intenção é compreender de que forma essas questões poderiam ser investigadas a partir das vozes dessas professoras por meio de narrativas de suas próprias histórias de vida, definindo-se então, a minha identificação com a pesquisa.

Entende-se que faz parte integrante desta pesquisa uma análise que visa estabelecer uma abordagem sobre gênero, memória, história oral e docência, e cujos resultados preliminares, nos permitiram apresentar algumas reflexões, dentre as várias viabilizadas nesse tipo de pesquisa.

Intenciona-se também, abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, sobretudo, aquela em que se tem como testemunhas apenas aqueles/as que a viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

Na construção desta pesquisa, entramos no terreno dos testemunhos vivos, no caso, o testemunho pessoal das professoras entrevistadas, que através de suas experiências de vida e formação, nos ensinam que é possível aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser – sendo estes fatores, pilares que sustentam nossa história. Na entrevista, recolhemos os pontos de vista acerca dos temas propostos, nas afirmações, contradições, omissões e momentos de silêncio sob os quais atuam as pessoas/professoras, como sujeitas na história e da história. A riqueza dos seus relatos, assim, está justamente em possibilitar que captemos bem mais do que a "oficialidade" pode registrar.

Foram convidadas a participar desta pesquisa, 10 (dez) professoras que exerceram a docência na época do CINTRA entre os anos de 1994 e 2018, ressaltando-se ainda que todas elas autorizaram a publicação de suas narrativas, bem como suas imagens com seus verdadeiros nomes, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) constante como anexos (Apêndices L a U).

Perguntadas sobre sua trajetória docente, todas as 10 (dez) professoras entrevistadas afirmaram ser a profissão uma vocação e que têm muitas lembranças boas do período em que estiveram em regência de sala e aula. Indagadas sobre a importância do prédio para o bairro do

Anil, as respostas dadas em sua maioria convergem para a mesma opinião – no sentido que gira no entorno de entender a relevância desse patrimônio para o Bairro. Além do papel social como Instituição Escolar que influencia diretamente na Comunidade Anilense e entorno.

No caso da professora Leuda Miriam de Castro a resposta à pergunta sobre sua experiência como docente ter proporcionando-lhe uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional, a entrevistada assim respondeu:

> [...] *sim, com certeza porque é em sala de aula que a gente vai descobrindo as necessidades e a gente vai fazendo as adaptações, então ali com o aluno, a necessidade do aluno a gente começou a perceber que a gente poderia fazer outras coisas e fazíamos. Buscar outros recursos, outras estratégias e isso a gente não aprende na faculdade, a gente aprende é na realidade, sentindo a realidade, o que precisa, o que necessita e a gente vai criando coisas, recursos, atividades para que a gente pudesse atingir os nossos objetivos.* [6]

Observando o relato de uma das entrevistadas, a professora Dejane Figueiredo sobre sua trajetória docente temos:

> [...] *eu me chamo Dejane Figueiredo, sou formada e licenciada em Letras Português e Espanhol.*
> *Bem, assim que eu cheguei aqui eu fiquei durante cinco anos só no ensino fundamental com Língua Portuguesa que eu amo, amo leitura e produção textual. Logo em seguida, fui posta dentro da minha matrícula mesmo que é língua espanhola no ensino médio a qual estou até hoje juntamente com o projeto de vida.*[7]

Portanto, compactuamos com a ideia dos autores de que professores e alunos são ótimos contadores de histórias. Sendo assim, entendemos que as experiências pedagógicas vividas pela professora Dejane Figueiredo poderiam transformar-se em belas narrativas do cotidiano escolar, assim como os registros produzidos pelas narrativas em um modo legítimo dessas profissionais divulgarem seus saberes e conhecimentos advindos desta ação responsiva (Bakhtin, 2010).

Sobre a importância do prédio para o Bairro, eis o posicionamento da Professora Dejane Figueiredo:

> [...] *sim, a respeito do prédio para o bairro, eu verifico por intermédio dos alunos que questionam, que argumentam dizendo que os pais estudaram aqui, que avó estudou aqui, trabalhou aqui e aí eu vejo que eles têm esse sentimento sim pelo prédio, que agora deveria assim aguçar mais, trazer mais a comunidade essa noção de pertencimento, saber mais o que é, o que foi o prédio.*[8]

---

[6] Entrevista realizada com a Professora Leuda Miriam de Castro Roza, em 9 de maio de 2023.
[7] Entrevista realizada com a Professora Dejane Figueiredo Barros, em 12 de junho de 2023.
[8] Entrevista realizada com a Professora Dejane Figueiredo Barros, em 12 de junho de 2023.

O Nora (1993) sublinha a importância desses lugares de memória na avaliação das jornadas históricas da sociedade, de organizações e de seus protagonistas, em vários sentidos, a partir de inúmeros pontos de vista.

Sobre o surgimento de uma escola nesse local simbólico trazer alguma reflexão, foi respondido pela Professora Dejane Barros que:

> [...] *ah sim, dentro da escola nesse local, eu acredito que é bem salutar sim, mas é óbvio que a gente requer uma estrutura bem melhor para que a escola de fato funcione, para que tanto o corpo discente como o docente tenham realmente um bom desempenho de seu trabalho; aqui porque a gente requer essa estrutura, que essa estrutura, o nosso trabalho, sabe? O professor em si, o nosso trabalho se faz no local de trabalho, nosso trabalho é o que é devido ao local de trabalho e esse local tá deixando um pouco a desejar devido a infra-estrutura.*[9]

Nesse momento, percebe-se um posicionamento da Professora Dejane Figueiredo de forma a demonstrar sua postura profissional diante das dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, no que diz respeito ao aspecto estrutural, principalmente. Tomar esses relatos como objeto de reflexão, é acreditar que a escrita de si, por ser uma escrita (auto)biográfica, constitui-se em um momento singular para desenvolver a competência interpretativa e reflexiva sobre si e sobre o cotidiano escolar.

Quando perguntada sobre os momentos mais marcantes da sua prática docente, assim se posicionou:

> [...] *durante os momentos, eu acredito que é receber os alunos que têm alguma necessidade especial, como no caso houve aqui ,há um bom tempo, a aluna Glorinha, que é Síndrome de Down e que a gente tinha muita dificuldade, talvez não era capacitado para estar com a aluna e não tinha um tutor específico e eu vejo que isso ajuda muito o professor nessa interação, outros alunos também com baixa visão e como tem até hoje os alunos especiais que de fato nos ensinam muito e a gente está capacitado para atendê-los como der. Eu acredito que é isso Cláudia, pode repetir para eu ver se eu fui...*[10]

A professora Silvia Tereza, sendo outra professora entrevistada assim se posicionou diante das mesmas perguntas:

> [...] *me chamo Silvia Tereza Martins Souza, área de formação Pedagogia e Habilitação em Supervisão Escolar.*
> *Sim, o prédio do bairro foi extremamente importante, porque foi aqui que as famílias buscaram colocar os filhos para estudar, já que a área não tinha. Então quando o prédio foi construído, foi adaptado para escola, então foi muito importante para a comunidade do bairro, que é aqui que eles encontraram a questão da educação dos filhos.*[11]

---

[9] Entrevista realizada com a Professora Dejane Barros, em 12 de junho de 2023.
[10] Entrevista realizada com a Professora Dejane Figueiredo Barros, em 12 de junho de 2023.
[11] Entrevista realizada com a Professora Silvia Tereza Martins Sousa, em 15 de maio de 2023.

Sobre o local simbólico no qual a escola está inserida, a Professora Silvia Tereza Martins Souza assim se manifestou:

> [...] s*im, tem a questão histórica, né? Para os meninos perceberem que tem toda uma questão histórica por trás do prédio, que antes era uma fábrica de tecido. Então a gente fica pensando assim, as pessoas que passaram por aqui, todas as histórias dentro dessa escola. Então é um prédio que traz assim uma carga histórica, emocional também muito grande, muito forte.*[12]

Estabelecendo uma conexão com o posicionamento de Nora (1993), que afirma que: "[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais".

E finalmente sobre os momentos marcantes ocorridos durante sua prática docente, a Professora Sílvia Tereza, assim respondeu:

> [...] o*lha, pra mim foi primeiro o início quando o meu primeiro contato com as famílias que eu vi assim pela minha idade, pela minha pouca experiência os pais não acreditavam muito. E depois que eu começava a conversar, que eu mostrava assim que eu conhecia o aluno, que eu via diferença. E também, o retorno dos professores, que a gente assim é a confiança, porque eu aprendi na universidade quando eu fiz supervisão, que professor se conquista, então é uma conquista diária, então marcante pra mim é esse retorno. O carinho que eu percebo e a confiança no meu profissional, enquanto profissional eu vejo muito isso, que eles confiam na opinião, tem professor que vem me perguntar sobre questões assim pedagógicas de sala, sobre o aluno, que que ele pode fazer com os alunos, então eu vejo isso aí como um ponto muito positivo, essa confiança que o professor tem no meu lado profissional, meu profissionalismo.*[13]

No caso específico das professoras do antigo CINTRA, suas narrativas tornam-se ainda mais importantes, pois exercem um papel duplo: o de observadoras e, também, de agentes de transformação através do seu fazer educacional, o que enriquece ainda mais a necessidade de que tais experiências sejam difundidas e conhecidas.

Nesse sentido, a memória é o momento em que todos os poderes do sujeito são despertados, por assim dizer, o poder que contém a memória sendo que este poder se volta para o presente, interrompendo o fluxo do tempo e o desenrolar da história.

A escola armazena grande parte da memória social em decorrência de seu cotidiano e de sua temporariedade. Ela representa o momento de toda aprendizagem através de elementos utilizados na juventude, tais como normas; transmissão de valores; uniformes; caminho percorrido até à escola; brincadeiras e desafios; experiências com o grupo; material didático utilizado e outros acontecimentos que ganham sentido na relação social com o cotidiano.

---

[12] Entrevista realizada com a Professora Silvia Tereza Martins Sousa, em 15 de maio de 2023.
[13] Entrevista realizada com a Professora Silvia Tereza Martins Sousa, em 15 de maio de 2023.

Ao dar voz às professoras do antigo CINTRA, foi permitida a possibilidade de narrar as suas histórias de vida, experiências de sucesso, os seus sonhos e os seus projetos, efetuando um movimento múltiplo de olhar para o passado, aproximando as lutas e contradições que ainda existem. Isso mostra que a escola, enquanto lugar de memória, é, ao mesmo tempo, simbólica e material.

A professora Ana Clara Pereira Silva, formada em História Licenciatura Plena, se posicionou quanto à importância desse prédio para o bairro, da seguinte forma:

> [...] o *prédio do centro tem toda uma história porque vários trabalhadores que moram no Anil, trabalharam no Anil e depois quando ela se tornou a Fundação Nice Lobão, os filhos dessas pessoas, que já morreram alguns, os pais permanecem vivos, os avós morreram e os pais permanecem vivos tem essa história da fábrica Rio Anil, ela é muito importante para os moradores do Anil porque tem uma história.*[14]

Para Nora (1993), os lugares de memória são espaços criados pelo individuo contemporâneo diante da crise dos paradigmas modernos, e que com esses espaços se identificam, se unificam e se reconhecem agentes de seu tempo, isto é, a tão desejada volta dos sujeitos:

> [...] a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente (Nora, 1993, p. 10).

A professora Fátima Durans, foi a primeira professora a ser entrevistada no dia 27 de janeiro de 2023, e quando se perguntou sobre o tempo em que leciona nesta instituição de ensino, eis a resposta dada:

> [...] e*u comecei nessa escola na educação infantil, durante a antiga alfabetizaçãoem 1994, nesta instituição, mas eu já vim de outras instituições e instituições assim muito grandes, tipo Colégio Marista e outras, e quando eu cheguei aqui eu fui para sala de aula e hoje estou na supervisão escolar e sendo professora também.*[15]

A professora Fátima acompanhou o processo de transição do CINTRA para IEMA, desse modo, sua resposta teve como fundamentação principal a necessidade de se acompanhar as mudanças ocorridas na esfera educacional no que diz respeito às tecnologias, assim se posicionou:

---

[14] Entrevista realizada coma Professora Ana Clara Pereira Silva , em 3 de março de 2023.
[15] Entrevista realizada com a Professora Fátima Durans, em 27 de janeiro de 2023.

> [...] n*ós acompanhamos sim. O que que é positivo para nós? É que tudo muda, agente sempre procura melhoria e nós vínhamos acompanhando a tecnologia principalmente, que hoje o trabalho, que os anseios são diferentes do ano que nós fundamos a instituição, que era 1993-1994. E os anseios são outros, né? Nós mudamos, os alunos mudam, a juventude é outra.*[16]

3.3 Capturando as práticas das professoras sobre o terreno das memórias

De acordo com Pollak (1989), lembrar algo implica necessariamente esquecer outros elementos, pois a memória envolve enquadramentos, seleções, filtros e até mesmo, esquecimentos deliberados. Em outras palavras, o processo de lembrar envolve uma série de escolhas e omissões, resultando em uma representação subjetiva e parcial do passado.

Halbwachs (1990) enfatizou a perspectiva social da memória. Ele argumentou que as memórias não são reconstruções fiéis do passado, mas sim construções sociais moldadas pelas interações e influências do ambiente social.

As memórias são continuamente atualizadas e reconfiguradas à medida que são compartilhadas e discutidas com outras pessoas, sendo influenciadas por fatores como a cultura, a sociedade e as relações interpessoais.

Essas visões ressaltam a natureza dinâmica e subjetiva da memória. Elas sugerem que nossas lembranças são moldadas por nossas experiências individuais, mas também são influenciadas pelos contextos sociais e culturais em que estamos inseridos. Portanto, a memória não deve ser considerada como uma reconstituição objetiva do passado, mas como uma construção subjetiva que está sujeita a influências e transformações ao longo do tempo.

A ideia que Nora (1993) desenvolve no seu já clássico texto Entre memória e história – a problemática dos lugares: a afirmativa de que não existe mais memória, que está só, é revivida e ritualizada numa tentativa de identificação por parte dos indivíduos e que a sociedade se utiliza hoje da história para lhe conferir lugares onde pode pensar que não somos feitos de esquecimentos, mas, de lembranças: "[...] os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora" (Nora, 1993, p. 12).

Nosso passado compõe-se de fragmentos aparentemente desconexos que precisam ser trazidos à tona, por intermédio das histórias de vida, a fim de que seja possível lhes conferir sentidos. Nesta investigação, particularmente, as lembranças das professoras foram desenterradas por meio do método (auto) biográfico, desenvolvido através da entrevista

[16] Entrevista realizada com a Professora Fátima Durans, em 27 de janeiro de 2023.

narrativa, em um processo de análise sob o viés da leitura interpretativa-compreensiva das fontes.

Remexendo memórias e vasculhando trajetórias pessoais e profissionais dessas professoras, percorre-se o caminho da pesquisa na expectativa das descobertas, aprofundando nas narrativas de suas histórias de escolarização, formação docente e profissional, atravessadas pelas histórias de vida de cada uma, repletas de saberes e afetos.

A Professora Ana Clara Pereira, que foi entrevistada no dia 3 de março de 2023, ao ser questionada sobre sua experiência docente ter proporcionado uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional, a mesma respondeu:

> [...] *sim, sim porque aonde eu chego, apesar de eu ter terminado, estar me aposentando, eu fiz outra faculdade, isso me ajudou muito na questão da fala, da oratória. Então quem quer fazer outro curso como Direito, como Jornalismo, você sendo professor, então todos os leques, todas as portas se abrem porque a gente precisa tanto de jornalistacomo advogado ter uma boa oratória, e se você é um professor de sala de aula, você começa ali a já exercer o seu papel de um jornalista, de um advogado com a sua oratória, falando, tentando convencer o aluno, tentando entrevistar o aluno, a vida dele em casa, como é com os pais. Então tudo isso a gente tá aplicando essas duas áreas, tanto Jornalismo em sala de aula como Direito.*[17]

Além disso, todas as respostas dadas no momento da realização da entrevista propiciam o descortinar dos modos e formas cotidianos, possivelmente vistos até então, como uma rotina de trabalho com ausência de significados transparentes, conferindo visibilidade à escola, *locus* de investigação, como lugar de memória.

No início do século XX, o Sociólogo Maurice Halbwachs trouxe uma importante ruptura com a ideia que se tinha até então de memória.

A professora Leuda Miriam, entrevistada no dia 9 de maio de 2023, quando foi perguntada sobre quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente na época do CINTRA, assim respondeu:

> [...] *olha, os momentos mais marcantes pra mim no serviço de orientaçãoeducacional foi a oportunidade que eu tive de orientar, de cuidar dos alunos, de tratar algumas situações que envolviam cada um deles com os pais, de orientá-los para que eles fizessem as escolhas corretas, as escolhas certas. Então foi basicamente nesse sentido porque eu nãoestava em sala de aula, mas na orientação a gente dava esse suporte para os alunos, para as famílias, procurando mediar os conflitos que surgiam, né? Na escola ou que poderiam ter origem na escola ou na própria família, mas que eles traziam pra cá esses conflitos, aí então a supervisão, a orientação ia trabalhar, orientar, fazer a ponte entre professor, entre aluno, entre família pra achar uma solução melhor para sua situação de cada aluno que se apresentava pra gente.*[18]

[17] Entrevista realizada coma Professora Ana Clara Pereira, em 3 de março de 2023.
[18] Entrevista realizada com a Professora Leuda Miriam de Castro Roza, em 9 de maio de 2023.

Tomando como referência a resposta da Professora Leuda Miriam de Castro e dialogando com os estudos do autor Halbwachs (1990), que foram pioneiros, pois trouxeram ao estudo da memória, o fator social, mostrando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo. Faz-se nesse momento uma reflexão sobre esse processo de rememoração realizado pela Professora Leuda Miriam ao comentar sobre os momentos mais marcantes da sua prática docente.

Quando se recorda de algum acontecimento, se faz o uso da memória. A impressão mais intuitiva ao fazer este exercício é que, aquilo que estou recordando faz parte da "minha memória", ou seja, "pertence a mim", "nasceu das minhas observações" e "perecerá comigo". O que precisa ser observado é que boa parte das lembranças de um indivíduo é relativa a momentos compartilhados com outros, seja no ambiente familiar, no trabalho, na escola, ou, numa escala maior, em um bairro, cidade, ou até país.

Dessa forma, pode-se dizer, em consonância com Halbwachs (1990), que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Se boa parte das lembranças que temos é relativa a momentos em que a memória é compartilhada, ainda existe uma parcela de momentos que foram vivenciados por uma pessoa somente.

Ora, qualquer ser humano é resultado, também, das interações sociais que experimentou; além disso, a nossa memória individual ancora-se em diversos pontos de referência como sons, paisagens, sentimentos, elementos do espaço que se encontra, entre outros. Assim, mesmo que uma lembrança individual não envolva diretamente nenhuma outra pessoa, ela necessariamente se insere no mesmo espaço que o das lembranças de várias outras pessoas. "arquivada" pelos seus recursos mentais que se constituíram, também, de maneira social e pode se materializar através da linguagem, que é, novamente, uma construção social.

Quando se observa a entrevista da Professora Giselia Guedes sobre os momentos mais marcantes da sua prática docente na época do CINTRA se observa a materialização de um desejo como profissional por uma realidade eu vise sobretudo, constantes transformações nas vidas dos nossos alunos, eis a resposta dada:

> [...] *no ensino médio, eu posso dizer que trabalhar projetos é uma prática que eu gosto muito e que eu vejo que há um grande envolvimento dos alunos. E no IEMA também, no IEMA eu acho incrível a quantidade de atividades que acontecem na escola e tudo acontece em tempo real de diferentes formas. Então assim pra mim é uma grande surpresa e eu acho assim muito interessante, muito importante mesmo isso, como é que as coisas acontecem, várias coisas ao mesmo tempo dentro de um ambiente escolar, então pra mim também isso é muito válido e muito importante.*[19]

[19] Entrevista realizada com a Professora Giselia Maria Guedes Lima da Silva, em 2 de junho de 2023.

Contudo, mesmo tendo uma origem coletiva, a memória também é individual. São os indivíduos que se lembram, ainda enquanto integrantes de um grupo, pois cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Halbwachs (2003) reitera que a memória individual e a coletiva são interdependentes, destarte, para que ocorra o reconhecimento e reconstrução das lembranças no plano individual, faz-se necessário congregar as vivencias no grupo social. Em vista disso, os sentimentos, percepções e pensamentos individuais também possuem uma origem (e um destino) social.

> [...] os fatos e as ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum, pelo menos para um ou alguns ambientes. Essas lembranças existem para "todo o mundo" nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejamos (Halbwachs, 2003, p. 66-67).

Conforme Halbwachs (2003), qualquer lembrança do passado que possamos ter, por mais que pareça resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir dos "[...] quadros sociais da memória [...]", que se estabelecem através dos laços de pertencimento a um determinado grupo.

As histórias de vida, à medida que se consolidam, adquirirem uma memória infinita, mas na realidade formam uma memória fragmentada, porque figuram uma seleção. Dos muitos acontecimentos que podem ser objeto de memórias, alguns são especificamente mencionados e registrados, ou seja, o indivíduo que lembra traz para um todo comum aspectos do passado que só têm significado para ele e são esses fragmentos que constituem os ciclos de interdependência e interpenetração que possuem mão dupla de ir e vir. Relatos de memória indicam que esses ciclos são momentos repletos de acontecimentos conectados por fios norteadores, fazendo com que as memórias tornem essas etapas mais claras.

Desse modo, o conteúdo memorialístico trazido pelas professoras entrevistadas e o conteúdo subjetivo do tempo presente (concepções, crenças, valores, laços de relação e pertencimento a determinados grupos, dentre outros) foram apreciados através de uma abordagem qualitativa, tendo a História Oral como metodologia de pesquisa e a entrevista semiestruturada como principal ferramenta para a coleta dos dados. Os dados empíricos foram interpretados numa perspectiva reflexiva, em um atento processo de interpretação e compreensão multidisciplinar das subjetividades e sensibilidades humanas.

No momento em que foi perguntado às Professoras sobre os momentos mais marcantes da sua prática docente, bem como sua trajetória escolar, foram muitas as lembranças

daquela época que marcaram de forma positiva o trabalho destas professoras, deixando visível esse conjunto de lampejos de alegria e construção do saber.

É nesse percurso que a memória e a contação de histórias se encontram na formação docente. Pesquisamos alusões analíticas na obra de Walter Benjamin, especialmente em suas conjecturas da história e da linguagem.

Toda memória tem uma marca e é constitutiva de uma identidade, é parte simultaneamente dos indivíduos e das comunidades das quais participam, ou seja, através das narrativas constituímos nossa identidade, reafirmando, assim, a relação dialética entre memória e identidade. Não há busca identitária sem memória, e inversamente, a busca pela memória é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, elas se entrelaçam mutuamente. A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se configura, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2016, p. 16).

> O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum (Sarlo, 2007, p. 9).

De acordo com Sarlo (2007), em consequência do pensamento pós-moderno, começam a proliferar as narrações chamadas "não-ficcionais": testemunhos, histórias de vida, entrevistas, autobiografias, lembranças e memórias, relatos identitários. Narrações essas que passaram a dar sentido à experiência do sujeito no contexto social e nas práticas urbanas, devido ao fortalecimento da dimensão subjetiva ao caracterizar o presente.

Observa-se na fala da Professora Maise Mendes ao ser perguntada sobre os momentos mais marcantes da sua prática docente na época do CINTRA, a entrevistada permite que seu emocional se sobreponha ao falar sobre esse assunto, senão vejamos:

> [...] *ah meu Deus, foram tantos! Foram muitos. Eu vou me reportar ao regular quando eu estava no terceiro ano e tinha no final do ano a gente fazia um encerramento para oEnem, trazia os alunos para o teatro e fazia uma revisão geral para o Enem. No integral é muito diferente porque são diferentes partes, diferentes bimestres e cada bimestre ele éúnico, ele é muito mais trabalhado, ele é muito mais... os projetos são mais bem desenvolvidos, mais bem elaborados, o tempo que a gente passa com o*

> *aluno dá pra gente consolidar o programa, dá pra gente consolidar um conteúdo, a proximidade é muito maior.*[20]

As memórias das professoras entrevistadas são perpassadas por eventos pessoais e profissionais, que podem deixar profundas marcas em suas biografias e que servem de aprendizado às gerações vindouras, o que poderá ser observado no Museu virtual de forma bem didática, que possa se perceber a intencionalidade dessas professoras quando no exercício de suas funções, qual seja, proporcionar sobretudo nos alunos, uma reflexão sobre sua importância como agentes socias capazes de transformar suas realidades.

Observando a fala da Professora Leuda Miriam de Castro, vê-se que a sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional, ao se observar a resposta dada:

> [...] *sim, com certeza porque é em sala de aula que a gente vai descobrindo as necessidades e a gente vai fazendo as adaptações, então ali com o aluno, a necessidade do aluno a gente começou a perceber que a gente poderia fazer outras coisas e fazíamos. Buscar outros recursos, outras estratégias e isso a gente não aprende na faculdade, a gente aprende é na realidade, sentindo a realidade, o que precisa, o que necessita e a gente vai criando coisas, recursos, atividades para que a gente pudesse atingir os nossos objetivos.*[21]

Para Halbwachs (2003), a memória individual é condicionada à memória do grupo de pertencimento, assim, o conteúdo de tudo que recordamos é uma construção social, fruto do compartilhamento de ideias e concepções.

A professora Elizabeth Alves, também se posiciona quanto a esse assunto da seguinte forma:

> [...] *ah! Sem dúvida nenhuma é assim sempre que chega o final do ano que os meninos, alguns né, agradecem por todo o trabalho que tivemos com eles durante o ano, apesar de todo o cansaço, todo o desafio, que não é fácil, mas a gente se sente gratificada, principalmente quando vê que alguns conseguem entrar em uma faculdade, entrar no mercadode trabalho, isso é muito gratificante.*[22]

A qualidade de lugar dominado, que vai caracterizar determinados lugares de memória, restitui a própria condição do estabelecimento de uma memória coletiva por meio dos processos de identificação, reconhecimento e pertencimento, construídos no próprio processo.

Portanto, essa narrativa memorialística individual é como um espelho, que reflete e refrata o cotidiano de um grupo profissional (Professoras do antigo CINTRA) em uma

[20] Entrevista realizada com a Professora Maise Mendes Vieira da Silva, em 12 de junho de 2023.
[21] Entrevista realizada com a Professora Leuda Miriam de Castro Roza, em 9 de maio de 2023.
[22] Entrevista realizada com a Professora Elizabeth Alves de Silva, em 16 de junho de 2023.

determinada época, no Bairro do Anil em São Luís - MA. Ressalta-se ainda que o grande legado deixado por essas profissionais, servirá de fonte de pesquisa, considerando os posicionamentos de todos os autores citados até o momento e que balizaram com seus ensinamentos , uma compreensão mais aguçada sobre todo o trabalho desenvolvido na época do CINTRA pelas professoras entrevistadas.

4 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO MUSEU VIRTUAL DE MEMÓRIAS AFETIVAS DE PROFESSORAS DO CENTRO INTEGRADO DO RIO ANIL – CINTRA

Entende-se que os museus virtuais são espaços que possibilitam inúmeras pesquisas devido a diversidade de seus acervos, por essa razão, a presente pesquisa tem como foco principal criar possibilidades que considerem o papel educativo do museu, principalmente aquele de caráter histórico, tendo em vista que a forma como são organizados acervos, em uma tentativa de reordenamento do passado, representa aquilo que importa à determinada sociedade para a formação de sua identidade.

As novas tecnologias aproximam os jovens estudantes principalmente da educação básica, pois permitem o acesso a objetos antes expostos apenas em espaços físicos, promovendo a construção de museus virtuais que versem sobre a história da educação utilizando como fonte os museus virtuais.

Para tanto, se apresentou ao longo do texto as possíveis contribuições para a preservação e reflexão da cultura escolar, compreendendo que esses são espaços de guarda de memórias e da história, dos quais podemos fazer uso para construir novas pesquisas.

A metodologia de análise utilizada no processo de mapeamento dos sujeitos da pesquisa representados pelas professoras que exerceram suas atividades docentes no antigo CINTRA tem por objetivo desvelar a historicidade dos acontecimentos contextualizando-os no tempo, no espaço e nas formações sociais concretas em que se materializam. Esta investigação se caracteriza como qualitativa, tendo em vista a realização de entrevistas com professoras, buscando coletar mais informações que pudessem compor o museu virtual e assim torná-lo um instrumento pedagógico de pesquisa bastante relevante.

Os procedimentos metodológicos consistiram em pesquisa bibliográfica e exploratória, observação e análise dos museus virtuais disponíveis no portal Era Virtual e na plataforma Museusbr[23], além de entrevistas, fontes bibliográficas, documentos pessoais das professoras entrevistadas, que possibilitam aos professores a aquisição da proposta curricular estabelecida pela BNCC.

[23] Na plataforma, é possível verificar informações como o número de museus por estado e os tipos de instituições, como clássico, jardim zoológico ou ecomuseu. É possível ainda ter acesso a trabalhos acadêmicos sobre as instituições e escolher um museu a ser visitado por meio de um filtro temático, com opções para antropologia e arqueologia, história e artes.

Merece menção o fato de que alguns conceitos teóricos julgados centrais devem ser compreendidos para que a finalidade precípua da pesquisa seja evidenciada, são eles os conceitos de Memória, Experiência e Narração construídos por Benjamin.

> Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida do possível, se afasta dessa transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo (Benjamin, 1994 *apud* Lowy, 2005, p. 70).

Pretende-se, assim, reconstituir a história da Educação, utilizando as fotografias, acervos, fontes iconográficas, jornais, revistas além das narrativas de vida das professoras entrevistadas que viabilizem a mediação histórica do *locus* de investigação, compreendendo dessa forma a cultura material como transformadora para os estudantes que buscarem essa fonte de pesquisa para seu processo de ensino-aprendizagem.

As diferentes sociedades, ao longo do tempo, se constituíram a partir de uma constante construção de suas identidades, elaboradas a partir dos acontecimentos históricos e suas relações sociais, políticas e econômicas interligadas com a memória existente e/ou construída de um determinado território. Assim, a construção de identidades locais priorizou o conhecimento sobre o local e o específico, procurando interligá-lo a um desenvolvimento regional mais amplo. Do mesmo modo, se observou como foram sendo construídas a história e a identidade local, a partir dos acontecimentos e das narrativas sobre elas.

A análise documental, tendo os museus virtuais como fontes primárias, será utilizada para alicerçar a fundamentação e intencionalidade da pesquisa e essas fontes serão vistas aqui como um documento monumento, conforme proposto por Le Goff (1996), e em diálogo com Benjamin (1993), referencial teórico-conceitual e metodológico central desta pesquisa. As produções cientificas históricas têm por base a manutenção de documentos.

Nesse sentido, a pesquisa aborda possibilidades de utilização para pesquisa histórica como um método na construção de conhecimento de um determinado lugar, como construtor da cidadania e norteador dos processos de (re)construção identitária principal que são as memorias, registros e narrativas das professoras entrevistadas. Acrescenta-se ainda que a pesquisa é constituída de uma revisão bibliográfica em torno do tema mesclado com as entrevistas concedidas pelas Professoras.

Considerando as distintas realidades, foram entrevistadas Professoras do Ensino Médio, e do Ensino Fundamental, de diferentes disciplinas tendo como foco de observação a

arte de preparar e ministrar aulas destas professoras naquela época. As entrevistas ocorreram entre os meses de janeiro e junho de 2023, e a duração variou entre 7 min a 12 min.

A professora Maria Goreti da Silva, por exemplo, afirma na sua entrevista que houve momentos em que pensou em desistir da profissão, vejamos:

> *[...] sim, logo no início porque quando eu entrei pra carreira, na verdade não era isso que eu queria, eu fui porque havia mais rápido pra eu ganhar dinheiro, pra eu começar jáa trabalhar, que o que eu queria mesmo era Psicologia, eu queria mesmo era trabalhar clínica, clinicar. Mas surgiu o concurso, eu fiz, passei, então no início foi assim, foi bem difícil porque eu disse assim "que eu tô fazendo numa escola de ensino fundamental trabalhandocom terceira série, meninos bem difíceis e eu sem nenhuma". Não é que eu não tinha prática porque eu já vinha de escolinha particular, mas foi bem desafiador porque eu me via assim, "eu tô fazendo o que eu não quero". Só que com o tempo, com a prática eu vejo que, na verdade, foi o caminho mais certo que eu trilhei.*[24]

Le Goff (1996), ao tratar sobre as possibilidades analíticas documentais pelos historiadores, argumenta sobre a necessidade de perceber o documento em um contexto de construção, como um "[...] produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que aí detinham poder [...]" (Le Goff, 1996. p. 536), sendo importante percebê-lo não apenas como um documento, mas também, como um monumento.

4.1 O museu virtual como instrumento pedagógico no processo ensino-aprendizagem

No Brasil, as ações educativas focadas no estudo de museus começaram como atividades institucionais na primeira metade do século XX, em 1927, com o surgimento do primeiro setor educativo de museus, criado por Roquette Pinto, denominado Serviço de Assistência ao Ensino do Museu Nacional.

Após sua criação, os demais setores educativos seriam institucionalizados apenas na segunda metade do século: Museu Histórico Nacional na década de 1950; Casa de Rui Barbosa e Pinacoteca do Estado de São Paulo na década de 1970; Museu Lasar Segall e Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-SP) na década de 1980. Passaram-se, então, quase 90 anos de experiências, disputas políticas e debates teóricos (Brasil, 2012).

Com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) em nossa sociedade e a inserção deles no ambiente escolar, essa pesquisa objetiva analisar a inclusão das mídias digitais na prática pedagógica através da utilização do museu virtual como fonte de pesquisa histórica como possibilidade para o ensino, em especial o ensino na disciplina

[24] Entrevista realizada com a Professora Maria Goreti da Silva, em 2 de junho de 2023.

de História, como também, verificar a percepção de professores quanto à inserção destes no ambiente escolar.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são consideradas mediações em diferentes modalidades e níveis da educação, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei nº 9.394/1996. Esses dispositivos tecnológicos se configuram como novas necessidades e condições fundamentais à formação do sujeito, da educação infantil ao ensino superior e à pós-graduação.

Além disso, a partir da inserção das TDICs na escola, a prática educativa poderá ser gradativamente enriquecida, dado que os alunos terão a oportunidade de conhecer realidades diferentes da sua, de melhor contextualizar o que aprendem, além de serem incentivados a obter mais Informação. Sobre o tema discutido, ou melhor, utilizar as TDICs ajudarão o aluno a desenvolver sua criatividade e senso crítico.

Tem-se como consequência dessa incorporação das TDICs em sala de aula, principalmente, para os professores da disciplina da BNCC, a inserção de museus virtuais no ambiente de ensino, tendo em vista que esses permitem que o aluno tenha um contato com o patrimônio histórico lá preservado, constituindo uma identidade coletiva que é fundamental para a formação de uma consciência política e prática da plena cidadania, além de tomarem conhecimento das vivências de professoras que trouxeram através de seus relatos, informações contributivas para o enriquecimento dessa fonte de pesquisa.

Segundo Pinto (2009, p. 277), "[...] além do seu papel como guardião de patrimônio, o Museu pode constituir um ambiente de aprendizagem de enorme potencial, permitindo o uso dos objetos como fontes históricas e a sua interpretação como evidências do passado".

Atualmente, em decorrência do alcance dos meios de comunicação em massa, a informação e o conhecimento estão em todos os lugares, não somente na escola. Assim sendo, cabe a escola o papel de orientar o aluno a administrar essas novas informações para que possa aplicá-las no seu dia a dia, buscando interagir com este mundo globalizado.

De acordo com Valente (2002, p. 50) o avanço tecnológico atual e a internet são um impulso para o uso da tecnologia de computadores para um entendimento mais amplo de educação e da consciência de sermos cidadão do mundo.

Diante dessa nova concepção de ensino que se consolida, o professor não exerce mais o papel de um detentor e transmissor do conhecimento, mas sim atua como um mediador e facilitador da aprendizagem, buscando priorizar a comunicação desta, o diálogo, a interação, a construção do conhecimento e humanização das tecnologias. Para tanto, ele necessita conhecer as especificidades de cada mídia, no caso do museu virtual educativo, explorar as suas

potencialidades pedagógicas em relação à aprendizagem, orientando o uso dessa mídia de forma adequada e significativa ao contexto da sala e à realidade da escola.

Com a rede mundial de computadores, inaugurou-se o ciberespaço, um novo ambiente de interações entre pessoas e lugares, marcado com o desenvolvimento potencial da cibercultura, que trouxe como implicação novas formas de construção do conhecimento e novas experiências (Levy, 1999), assim sendo, buscou-se alicerçar a efetivação do produto educacional, ou seja, o museu virtual, baseado principalmente nessa concepção de novas maneiras de se realizar o processo ensino aprendizagem.

Sabe-se que as novas tecnologias de inteligência são meios de construção de conhecimento que não eliminam o papel do professor em sala de aula, mas melhoram as diferentes formas de aquisição do conhecimento histórico e geográfico pelo aluno e ampliam as possibilidades da mediação didática do professor nesta construção de conhecimento.

De acordo com Levy (1996), o virtual não é o que se opõe ao real, mas ao atual, sendo a virtualidade e a atualidade formas de ser diferentes. Para o autor, o virtual é o que existe em potência e não em ato, pois a virtualização não é a transformação do real em não real, mas coloca em movimento o centro de gravidade do objeto. Através do virtual, as noções de espaço-tempo se alteram, pois, de um lado, promove-se a desterritorialização do espaço e, por outro lado, extrapola-se o tempo. Continuando seu posicionamento, Levy (1996; 1999) destaca que o papel do professor não se limita à transmissão de conhecimentos, mas sim a mobilização de suas competências. Sendo assim, o professor deve promover a aprendizagem e a reflexão tornando-se um "facilitador da inteligência coletiva" dos grupos.

Posto isso, os museus virtuais se apresentam como uma alternativa para alcance de todos os públicos de modo a preencher as lacunas tanto no sentido de levar a arte para pessoas mais "distantes", quanto em cumprir [com] o artigo 26, inciso 2º da Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010, que altera a Lei de Diretrizes e Base Nacional da Educação, no tocante ao ensino da arte – Lei nº 9.394/1996 que consiste em "promover o desenvolvimento cultural do aluno".

4.2 Salvaguardando memórias: do acervo pessoal ao espaço virtual

As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida, ou seja, é a visão atual do mundo que é transmitida na narrativa, no caso das professoras entrevistadas, pode-se dizer que ressignificaram através dessas lembranças, desses modos e rememorar, nos permitindo refletir sobre o que nos revelam essas memórias sobre suas trajetórias docentes. Por isso, a atividade de contar história é sempre temporal. Para Bosi (1994,

p. 88), que trabalhou com narrativa de idosos moradores da cidade de São Paulo, "[...] a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o 'em si' do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa".

As discussões sobre memória, desenvolvidas durante a pesquisa estão baseadas nos conceitos de memória coletiva e memória social, preconizados por Halbwachs (2003) e trabalhados por Pollak (1992). Além disso, serão discutidos autores que trabalharam a distinção entre memória e história, tais como Nora (1993) e Le Goff (1996); e autores que discutiram a preservação das narrativas orais, como Benjamin (2012) e Thompson (1992).

Nesse sentido, as histórias das professoras associam-se diretamente da história oral, bem como do entendimento sobre lugares de memória com todos os liames, evidenciando dessa forma a relevância dessas agentes sociais para a compreensão histórica daquele lugar de memória. "Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios" (Halbwachs, 1990, p. 50).

Para Delgado (2003, p. 220), as narrativas, tal qual os lugares de memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições.

Em complemento ao trabalho de Halbwachs (1990), Pollak (1989) afirma que os elementos constitutivos da memória são: os acontecimentos vividos ou sabidos, as personagens (as pessoas) e os lugares. Os lugares da memória são os monumentos, paisagens, datas, etc., isto é, lugares ligados a uma lembrança. O conceito de lugar da memória foi definido por Pierre Nora em sua obra 'Lieux de la mémoire'. Para Nora (1984), os museus, institutos históricos, casas de cultura, monumentos, entre outros são lugares de memória, pois permitem criar laços de identificação com as pessoas. Nesse mesmo sentido, os lugares da memória, acrescenta Pollak (1992, p. 202) seriam "[…] lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico". Os lugares da memória, tal como defendido por Nora (1984), nos transportam para as memórias de outros tempos, de outros acontecimentos. Nesse sentido, os museus são lugares de memória porque preservam a memória contida nas referências patrimoniais, musealizadas por um determinado grupo social.

No que diz respeito à forma como as pessoas narram suas histórias, é importante lembrar que as narrativas não são apenas através da fala, mas dos gestos, do nosso corpo. Além disso, nossa história não é somente o que narramos, mas os objetos que nos acompanham durante a nossa vida. O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua

voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (Bosi, 1994, p. 90).

Um depoimento de história de vida é um registo individual, da experiência vivida por aquela pessoa, no caso em tela, as professoras entrevistadas. No entanto, diz respeito ao grupo social em que esta pessoa está inserida. Segundo Nora (1984, p. 29), a memória do grupo é motor da identidade social, pois "[...] *le passage de la mémoire à l´histoire a fait à chaque groupe l´obligation de redéfinir son identité par la revitalisation de sa propre histoire. Le devoir de mémoire fait de chacun l´historien de soi*".

Sendo as memórias resultado da vida e carregadas por grupos, elas detêm significados para cada um desses grupos. Preservar as memórias de um grupo é conservar os valores e princípios que existem ali, sendo importantes para que a cultura desse grupo não "morra", por exemplo, e também para garantir a pluralidade de memórias que constituem a sociedade, não deixando que apenas certas memórias específicas vivam. Nora (1993) completa que não a memória espontânea, daí a importância de criá-la:

> [...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memoria espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso mantes aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (Nora,1993,p. 13).

Inicialmente traz-se a definição apresentada por Henriques (2004, p. 67) que afirma que "[...] o museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimôniocom o seu público. É um museu paralelo e complementar que privilegia a comunicação como forma de envolver e dar a conhecer determinado patrimônio".

Quando se fala em História de vida durante a Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) definiu este patrimônio como:

> [...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas -junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados- que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2003).

A constituição de um acervo pessoal faz emergir interrogações sobre as motivações do processo de acumulação documental, já que o gesto de guardar documentos é atravessado por uma fabricação material e simbólica. Todos nós produzimos arquivos, guardamos objetos,

documentos pessoais e isso parece ser um processo tão natural que sequer se percebe sua existência: guardados em caixas ou prateleiras em casa, em uma pasta no fundo do armário, escondidos no meio de um livro esquecido na estante, em drives, entre tantos outros lugares. É também importante sublinhar quais são as configurações destes acervos pessoais, decorrentes do seu deslocamento para o espaço público que no caso das professoras do antigo CINTRA, foram determinantes para fortalecer esse processo de rememoração através dos relatos, das atividades pedagógicas realizadas, das vivências propriamente ditas naquele espaço escolar.

Ao estabelecer um sistema teórico-metodológico de crítica dos documentos, a Pesquisadora Ângela de Castro Gomes considera que os acervos pessoais se apresentam como objeto de estudo com múltiplas possibilidades de investigação e interpretação, reafirmando que sua inquirição de forma isolada não tem a pretensão de revelar a reconstrução do passado e sim indagá-lo a partir do olhar de quem registrou.

> A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela "sua verdade". [...] o que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de "dizer o que houve", mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu, experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (Gomes, 2004, p. 14).

Importante ressaltar que uma memória ainda que produzida individualmente, é uma representação e está repleta do pensamento social que envolve o sujeito. A própria afirmação recorrente de que a trajetória individual se transforma ao longo do tempo remete ao fato de que se pretende refletir sempre a respeito do universo social que nos cerca.

4.3 Descrevendo os caminhos digitais de memórias afetivas através do museu virtual educativo

Inicialmente, foi realizado um mapeamento das professoras que exerceram suas atividades docentes no antigo CINTRA entre os anos de 1994 e 2018, considerei ainda toda a estrutura do local em que a escola estava inserida, sobretudo seu valor arquitetônico entre outras informações que poderão fundamentar a pesquisa de modo a transmitir de forma didática e objetiva a funcionalidade do museu virtual no processo ensino-aprendizagem.

A criação de um site foi necessária para que a apresentação do produto seja compreendida a interação efetivada, e o interesse dos visitantes exista. Nesse site fiz ainserção de informações distribuídas em Abas que trazem sempre um assunto relacionado ao produto, e nessas abas estão presentes seções que detalham a ideia central, o objetivo daquela informação

e por último coloquei um Quiz, cuja finalidade é fazer com que o visitante estabeleça um feedback, deixando registrada sua primeira impressão sobre o museu virtual de memórias afetivas das professoras do antigo CINTRA.

Uma breve apresentação do Produto Educacional que versará sobre a apresentação do rol de memórias, fontes salvaguardadas pelas professoras do CINTRA, através do museu virtual, além de ressaltar o processo educativo desempenhado por essas profissionais, com vistas a garantir a difusão de suas narrativas de vida por meio de registros de seus relatos e experiências como educadoras. Mostrará ainda quais as possibilidades do ensino de História da Educação a partir de museus virtuais proporcionando uma dinâmica nesse processo ensino aprendizagem, objetivando um resultado pautado na história e memória desse *locus* de investigação.

Explicar-se-á como o acervo pessoal pode ser digitalizado e transformado em fontes históricas para visualização e detalhamento de informações de um lugar de memórias, bem como explicar didaticamente de que maneira os elementos que compõem o museu virtual e sua estrutura favorecem um aprendizado mediado por tecnologias digitais.

Apresentam-se algumas imagens (Figura 7, 8 e 9) que ilustrarão a composição do produto educacional, e a relação estabelecida entre elas e a abordagem realizada.

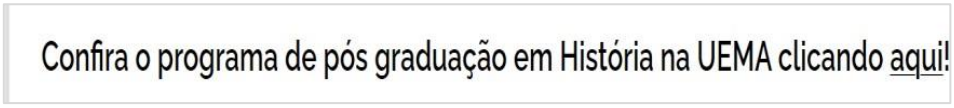
Destaca-se ainda, no momento de elaboração e construção do produto educacional e considerando sua relevância no contexto educacional, sua utilização nas diferentes áreas de conhecimento, pois o conteúdo trabalhado neste museu virtual contemplará diversas disciplinas, tais como: Geografia, História, Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia e Matemática, por exemplo, tendo em vista que cada professor (a) poderá aplicar sua metodologia de ensino atrelada a funcionalidade deste museu educativo.

Figura 7 – Página inicial, contendo o título do produto

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa imagem verifica-se a fachada da escola, *locus* de investigação, nessa perspectiva constata-se algumas mudanças em torno do ambiente espacial, no entanto, a estrutura da fachada do prédio é a mesma, com a conservação inclusive da chaminé. Por dentro, a área se adaptou para ser uma escola que abriga centenas de estudantes que atende a Comunidade do Anil e de outros Bairros adjacentes. Traz ainda o *link* que direciona para a página do PPGHIST/UEMA (Figura 8):

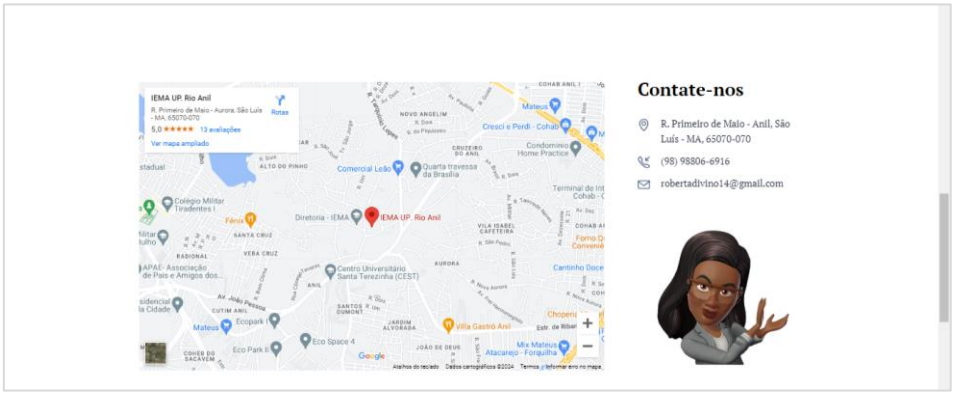
Figura 8 – *Link* para a página do Programa de Pós-Graduação em História da UEMA



Fonte: Elaborado pela autora.

Localização geográfica (*Maps*), endereço e contatos da escola (Figura 9):

Figura 9 – Localização geográfica e contatos da escola



Fonte: Elaborado pela autora.

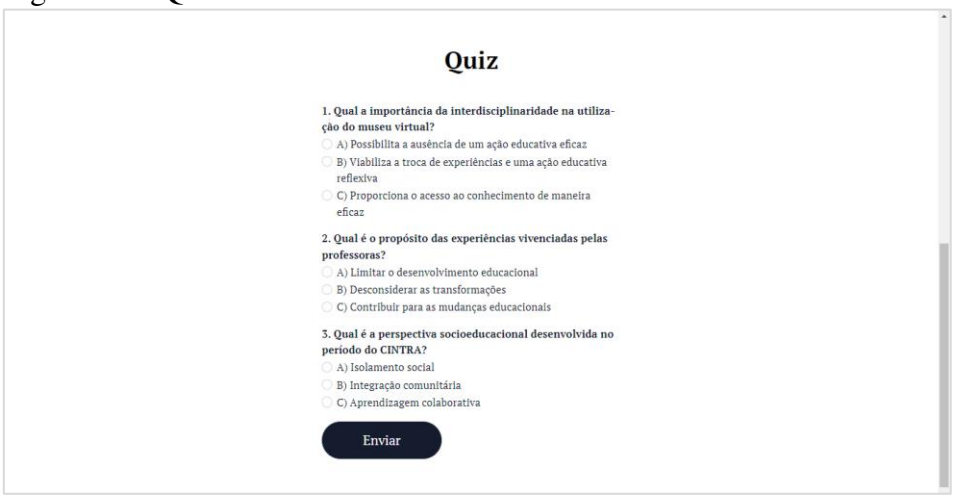
A Figura 9, em contrapartida, pode servir de auxílio na disciplina de Geografia, uma vez que mostra a localização da escola através de mapa, podendo ainda se fazer uma abordagem histórica sobre os nomes dos Bairros adjacentes.

Dando continuidade à apresentação do Museu, tem-se um pouco da biografia da mestranda. Em seguida na primeira aba, vinculada à primeira seção, se encontrará a descrição sobre a função social do museu (Figura 10) finalizando sempre com um *Quiz* (Figura 11).

Figura 10 – Função social do museu virtual

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 11 – Quiz sobre o museu virtual



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse sentido, ratifica-se o entendimento da interdisciplinaridade partindo-se que o museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimônio com os utilizadores, é dinâmico, havendo trocas entre pesquisadores e instituições e amplas pesquisas, traduzindo-se numa ação educativa que prima pela constante reflexão sobre si mesma e sobre o campo no qual se insere, e que tem nesse Museu virtual de Memórias Afetivas de Professoras de Centro Integrado do Rio Anil, a intenção de promover essa interação na esfera educacional.

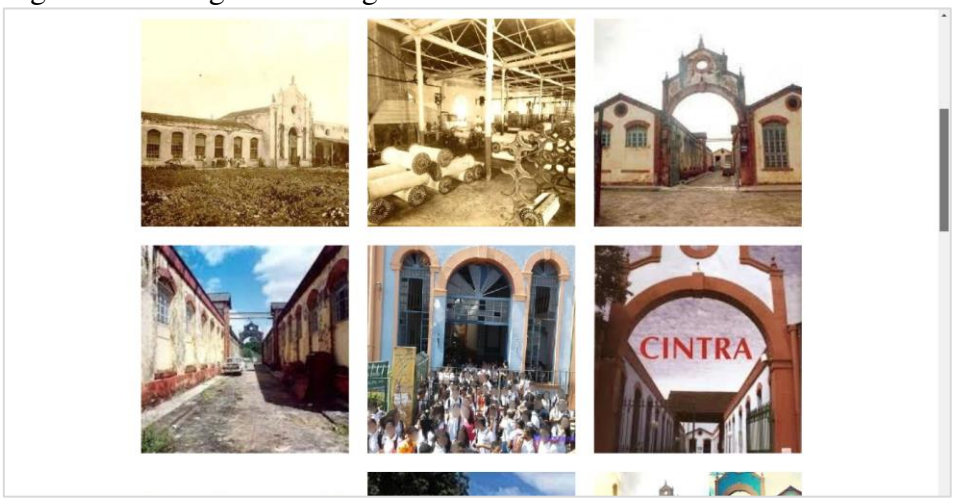
Apresentar-se-á um pouco sobre o histórico da escola (Figura 12).

Figura 12 – Fotos antigas do *locus* de investigação

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessas imagens da antiga Fábrica do Rio Anil (Figuras 12 e 13), observa-se diferentes espaços que podem ser utilizados, por exemplos, na disciplina de História fazendo uma abordagem sobre o aspecto socioeconômico daquela época.

Figura 13 – Imagens da antiga Fábrica do Rio Anil



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao se abrir à participação, o próprio museu criará espaços para a prática da criticidade, e inclusive para as discussões acerca de sua própria natureza. Assim, o museu, seu tema, narrativa e sua exposição tornam-se o ponto de partida para questionamentos.

Nessa mesma seção, mostrar-se-ão os documentos de criação e extinção da Fundação Nice Lobão e o surgimento do IEMA Pleno Rio Anil (Figura 14).

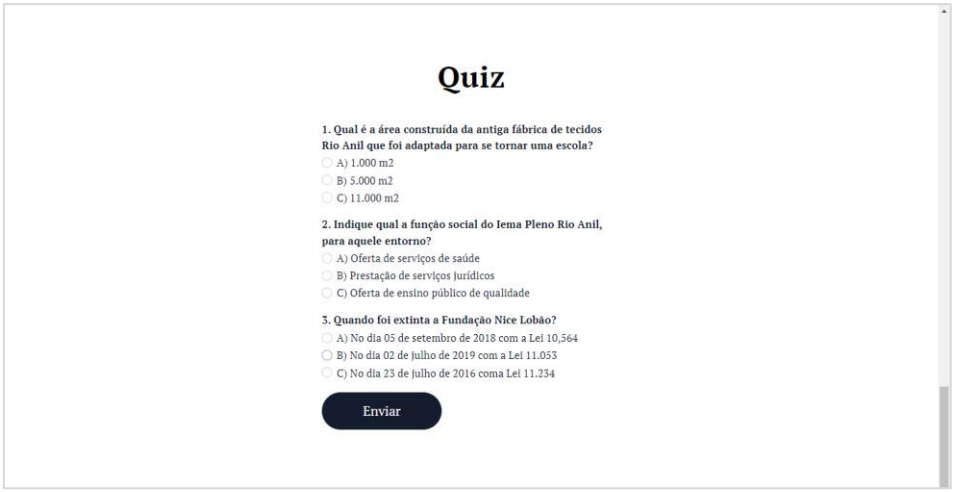
Figura 14 – Documentos da Fundação Nice Lobão e IEMA Pleno Rio Anil

Fonte: Elaborado pela autora.

Com a apresentação dessa imagem possibilita-se um estudo sobre o processo de institucionalização do antigo CINTRA para o IEMA, nesse caso, as disciplinas de História e Língua Portuguesa poderão trabalhar interdisciplinarmente essa temática, inclusive através de seminários com os alunos.

Sempre finalizando com um *Quiz*, a fim de proporcionar a interação entre os visitantes do museu (Figura 15).

Figura 15 – *Quiz* sobre a Fundação Nice Lobão e IEMA Pleno Rio Anil



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse momento a ludicidade deverá estar associada ao fazer pedagógico, vez que a funcionalidade do museu estará destinada a proporcionar além desse entretenimento, vivências que ajudarão no processo de desenvolvimento educacional do aluno.

Na aba seguinte mostrar-se-ão as entrevistas das professoras, além de documentos que comprovam o tempo de vínculo que elas têm com a escola (Figura 16).

Figura 16 – Documentos de vínculo e entrevistas das professoras

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa mesma aba, terão ainda algumas atividades pedagógicas, projetos desenvolvidos por essas professoras, produções realizadas pelos alunos e fotos do espaço escolar: e ao final sempre um *Quiz*. Nessa etapa o aluno pode, através do auxílio do professor de Sociologia, por exemplo, realizar uma análise sociológica sobre a trajetória de vida dessas professoras. Porém a interdisciplinaridade deverá sempre ocorrer (Figura 17).

Figura 17 – Atividades pedagógicas

Fonte: Elaborado pela autora.

A prática sendo observada pelo prisma da metodologia aplicada pelo professor das disciplinas de Língua Portuguesa, Filosofia, História, Geografia, a própria Matemática, considerando-se que o educador não tem uma teoria da educação, pronta e acabada, já que é

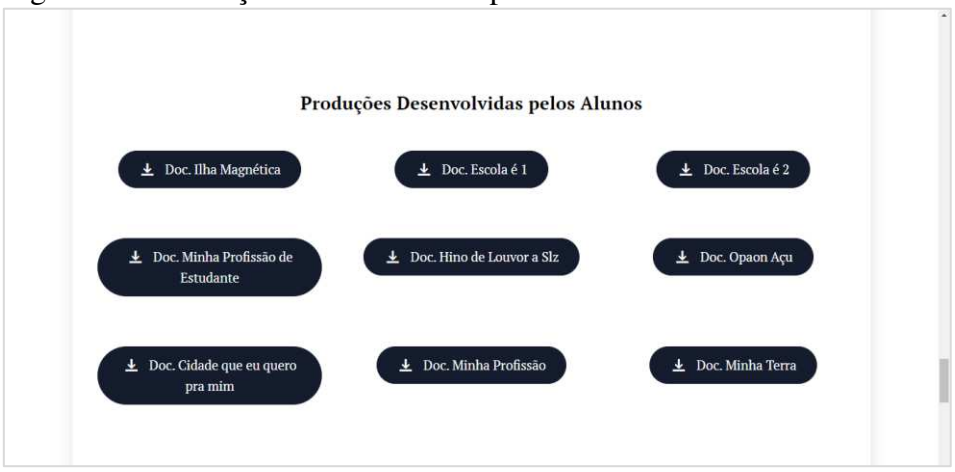
justamente o que questiona. Mas sim uma pedagogia das práxis, que realizou através de seus experimentos (Figura 17). Por meio da observação da injustiça social que existe nas relações de oprimidos e opressores, propõe uma pedagogia crítica para a liberdade, que permita a conscientização de classe e reconhecimento dos sujeitos como históricos e produtores de cultura (Figura 18). Também defende a ideia dos indivíduos como seres inacabados, que deve estar em constante busca e aprendizado.

Figura 18 – Projetos desenvolvidos

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando falamos em interdisciplinaridade, estamos de algum modo nos referindo a uma espécie de interação entre as disciplinas ou áreas do saber. Todavia, essa interação pode acontecer em níveis de complexidade diferentes. E é justamente para distinguir tais níveis que o termo interdisciplinaridade foi criado. Na imagem em questão (Figura 19), pôr em prática esse ensinamento, traduz sobretudo o engajamento do(a) professor(a) com o seu aluno com vistas a torná-lo crítico diante da realidade apresentada.

Figura 19 – Produções desenvolvidas pelos alunos



Fonte: Elaborado pela autora.

Para saber mais, clique no *link* e veja o site: https://museuvirtual9.webnode.page/.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento da pesquisa, reserva-se o direito de refletir um pouco sobre todo percurso feito até o presente momento. Foram dias de muita busca por professoras que tivessem exercido a docência no antigo CINTRA, pois algumas já não estão mais entre nós, e as que se dispuseram contribuir com esta pesquisa, em sua maioria já estão aposentadas, ou seja, nesse momento a aceitação do dia e horário estabelecidos por elas por uma questão de comodidade, foi a parte mais complicada, tendo em vista que outros fatores relevantes também foram levados em conta pra que todas as entrevistas acontecessem na data designada. Foram momentos de muitas trocas de experiências e, ao mesmo tempo, prazerosos, pois, ao participarem do momento da entrevista se percebia um misto de ansiedade esatisfação por estarem contribuindo com a pesquisa e, simultaneamente, rememorando fatos de suas práticas docentes.

Não se intenciona apresentar uma conclusão pronta e definida, mas uma proposição que nos auxilie a compreender a potencialidade dessas vivências pedagógicas em produzir novos significados para a docência. À medida que os docentes narram suas histórias de vida, se apropriam da sua maneira de ser e tornar-se professor, o que pode impulsioná-los a refletir sobre a constituição de sua identidade docente.

Um outro ponto que merece ser destacado foi quanto à alteração do produto educacional, uma vez que a mudança ocorrida trouxe muito mais robustez ao desenvolvimento da pesquisa, além de estar mais apropriado ao público direcionado, qualseja, estudantes do Ensino Médio. Ao ingressar no programa, havia uma proposta apresentada no processo seletivo para o mestrado profissional em História, porém durante o processo de amadurecimento da temática e com o intuito de trazer para o cerne das discussões a valorização dos saberes docentes, construídos no exercício da profissão no espaço escolar, se decidiu que o mais adequado seria construir algo que pudesse agregar não apenas informações mas também, entretenimento que despertasse a curiosidades dos estudantes em querer conhecer um pouco mais sobre as memórias afetivas dessas professoras e suas vivências naquele espaço educacional, surgindo assim o Museu virtual de Memórias Afetivas das Professoras do CINTRA.

Cada história é única e singular e evidencia a interpenetração entre vida pessoal e profissional. O olhar para a singularidade dos percursos nos permite dar voz ao coletivo de profissionais, no sentido em que uma pessoa totaliza um sistema social e, nesse sentido, ela é um “universal singular”.

Desse modo, realizou-se a escuta, transcrição, leitura e releitura atenciosa das entrevistas das professoras, na busca dos sentidos que nos possibilitassem apreender e compreender as relações existentes nas singularidades de cada um e, a partir delas, reconstruir e interpretar suas experiências, tendo como referência as dimensões de análise.

Pode-se experienciar como o espaço biográfico valida o conhecimento produzido pela narrativa do outro. As falas dessas professoras promovem um processo emancipatório, provocando mudanças na prática docente, e isso foi observado após a realização das entrevistas, ou seja, percebe-se que ao ler o que fora produzido, depara-se com a existência de um registro, que dificilmente consegue-se negar o conteúdo produzido.

Nesse sentido, evidenciamos o caráter potencializador das entrevistas como fontes de pesquisa, instrumento de formação e autoformação docente, e como meio privilegiado de reflexão e possibilidade de aperfeiçoamento, pois o sentido que cada professora confere a sua prática está diretamente interligado a sua história de vida.

Partiu-se do pressuposto que o saber do professor e sua constituição docente não se estruturam somente pela formação acadêmica, mas se processam ao longo da história de vida e nos diversos espaços de vivência, formando-se e transformando-se por meio das experiências e aprendizagens ao longo da vida. Assim, compreender as trajetórias profissionais e pessoais das professoras entrevistadas, através de suas histórias de vida e de profissão, se traduz num caminho cheio de possibilidades sobre a compreensão dos saberes que estruturam a profissão.

O trabalho com histórias de vida está comprometido com o respeito a quem fala, comos significados produzidos por estas professoras e não com o julgamento das lembranças, da fala apresentada, com o certo e o errado. Creio que esta característica, presente neste tipo de trabalho, ajudou essas professoras a falarem sobre essas memórias afetivas e sobre suas práxis educacional.

Por fim, acredita-se que a educação na perspectiva trabalhada pelo Museu virtual de Memórias Afetivas de professoras do CINTRA é pautada por embasamentos conceituais relacionados à cultura, à educação, à comunicação à museologia. Os procedimentos ou metodologias poderão ser os mais diversos, mas nunca sem uma fundamentação. Frisa-se que o processo de criação e organização do museu virtual desde que embasada teoricamente para que possa possibilitar reflexões que busquem ofertar uma apreensão aprofundada da realidade com a qual se está diretamente envolvido, foi a preocupação precípua na construção deste produto educacional.

Portanto, entende-se que os historiadores da oralidade abrem possibilidades de ampliar nossos conhecimentos acerca das relações ente história e memória, assim como dos

imaginários e mentalidades individuais. Entretanto, especialmente por ser uma metodologia que envolve a oralidade e que depende da memória dos indivíduos ouvidos, a História Oral gera implicações ou esbarra em determinadas questões que devem ser de conhecimento do pesquisador. Algumas delas dizem respeito à subjetividade das fontes e ao caráter seletivo da memória e nesse sentido, a história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico, reconhece que as experiências dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas, bem como as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

ALBERTI, V. De "versão" a "narrativa" no Manual de História Oral. **História Oral**, v.15, n. 2, p. 159-166, jul./dez. 2012.

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo:Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução de A. C. Cavalcante e D. M. G. Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Documento preliminar do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, DF: IBRAM, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 1996.

CALDEIRA, J. R. C. **Origens da indústria no sistema agroexportador maranhense – 1875/1895**: estudo microssociológico da instalação de um parque fabril em região do

NORDESTE brasileiro no final do século XIX. 1988. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CORREIA, M. da G. G. **Nos fios da trama**: quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX. São Luís: EDUFMA, 2006.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.

FEITOSA, D. da S. **Do bucólico Cutim ao bairro Anil**. 2016. 58 f. Monografia (Curso de História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016. Disponível em: https://www.historia.uema.br/wp-content/uploads/2016/03/1.-danilo-da-silva-feitosa.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

GOMES, A. C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HENRIQUES, R. **Memória, museologia e virtualidade**: um estudo sobre o Museu da Pessoa. 2004. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2004.

ITAPARY, J. **A falência do ilusório**. São Luís: Alumar, 1995.

JELIN, E. Las luchas politicas por la memoria. *In*: JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. Madri: Siglo Veintiuno, 2002.

JORNAL O IMPARCIAL, 13 jul. 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÖWY, M. **Walter Benjamin**: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARANHÃO. Lei Estadual nº 5.774, de 15 de outubro de 1993. Institui a Fundação Nice Lobão e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Maranhão**, out. 1993.

MELLEIRO, M. M.; GUALDA, D. M. R. O método biográfico interpretativo na compreensão de experiências e expressões de gestantes usuárias de um serviço de saúde. **Rev. Esc. Enferm. da USP**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 69-76, 2003.

MELO, M. C. P. de. **O bater dos panos**: um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940 -1960). São Luís: SIOGE, 1990.

NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: NORA, P. **Les lieux de mémoire**: La République. Paris: Gallimard, 1984. v. 1, p. 15-42.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, p. 7-28, dez. 1993.

PEDROZA, F. Reconversão da fábrica de tecidos do Rio Anil: 1991-1993. **Blog Fabricio Pedroza**, 2017. Disponível em: http://www.fabriciopedroza.com.br/reconversao-da-fabrica-de-tecidos-do-rio-anil-1991-1993. Acesso em: 5 ago. 2023.

PINTO, H. O triângulo patrimônio-museu-escola: que relação com a educação histórica. *In*: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. **Aprender história**: perspectivas da educação histórica. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494.

RICOEUR, P. **Temps et récit**. Paris: Seuil, 1983.

ROUSSO, H. Vichy, le grand fossé. **Vingtième Siècle**, n. 5, 1985.

SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 29-41, 2005.

SANTOS, A. K. de A.; PFLUEGER, G. S. Modernidades industriais do Maranhão. **Labor e engenho**, Campinas, v.13, p. 1-10, e019021, 2019. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8656090/21849. Acesso em: 4 abr. 2023.

SANTOS, C. A. C. dos. Patrimônio histórico sob critérios: o conjunto arquitetônico da fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil como legado cultural do Maranhão. *In*: FRANZEN, D. O.; SAUSEN, J. V.; MAYER, L. (org.). **História e patrimônio**. Itapiranga: Schereiben, 2021.

SANTOS, J. C. L. dos. **Do bater dos panos à sirene escolar**: uma análise do bairro Anil à luz do lugar como tecido sociocultural. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, 2020. Disponível em: https://www.ppgeo.uema.br/wp-content/uploads/2021/02/JEAN_SANTOS-DISSERTAÇÃO.pdf. Acesso em: 3 dez. 2023.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOUSA, M. G. da S.; CABRAL, C. L. de O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 2015.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

TRIBUZZI, B. **Formação econômica do Maranhão**. São Luís: FIPES, 1981

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiencia. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. *In*: CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 32., 2003, Paris. **Documento** [...]. Paris: UNESCO, 2003.

VALENTE, J. A. A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. *In*: JOLY, M. C. R. A. (Org.). **A tecnologia no ensino**: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST
MESTRANDA: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

PROPOSTA DE ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1) Qual é o seu nome e sua área de formação?
2) Após sua graduação, houve outros investimentos na sua formação?
3) Quais?
4) Há quantos anos você leciona nesta Instituição de Ensino?
5) Quanto a importância desse prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário?
6) Na sua opinião o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
7) Qual a relevância dessa construção para o bairro do anil, na sua opinião?
8) Em quais modalidades de ensino você já lecionou e por quanto tempo?
9) Você acompanhou o processo de transição do Antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo o que foi observado por você?
10) Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
11) É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
12) Durante o período que você trabalhou nessa escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?
13) Para você, qual é a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
14) Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
15) A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
16) Que legado você acredita ter deixado durante sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 1

ENTREVISTADA: Maria de Fátima Durans Ribeiro.
DATA DA ENTREVISTA: 27 de Janeiro de 2023.

Cláudia Roberta: Hoje, dia 27 de janeiro de 2023, estou começando o meu roteiro de entrevista para minha dissertação de mestrado e vou começar com uma supervisora, que também é professora, né? Toda supervisora é professora. Qual o seu nome e a sua área de formação?
Fátima Durans: Boa noite. Estamos aqui fazendo esse trabalho com a professora Cláudia, para a tese de mestrado dessa professora e nos entrevistando agora nesse momento. Meu nome é Fátima Durans, eu já tenho vinte e nove anos de trabalho e trabalho nessa unidade plena do IEMA.

Cláudia Roberta: Sua área de formação?
Fátima Durans: Minha área de formação do ensino médio, eu sou técnica em Química Industrial e nível superior eu sou pedagoga com duas especializações, uma em planejamento e uma também dentro da supervisão escolar.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Fátima Durans: Eu me declaro uma professora e sonhadora, né? Sonhadora onde eu percebo que o trabalho dentro da escola, ele tem que tá sempre inovando para que essa comunidade da escola, ela não fique sempre num determinado patamar de qualidade de excelência.

Cláudia Roberta: Com relação à etnia. Como você se autodeclara?
Fátima Durans: Eu sou negra, eu sou negra. A minha mãe é branca e o meu pai negro, a minha avó negra. Eu me declaro preta.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação? Quais?
Fátima Durans: Não. O investimento que houve é assim, o profissional, ele tem que tá sempre buscando melhorar o seu perfil de trabalho, então sempre é um investimento. Você tem que estudar, você tem que sempre buscar, você tem que sempre tá pesquisando porque o professor também é o aluno.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?

Fátima Durans: Eu comecei nessa escola na educação infantil, durante a antiga alfabetização em 1994, nesta instituição, mas eu já vim de outras instituições e instituições assim muito grandes, tipo Colégio Marista e outras, e quando eu cheguei aqui eu fui para sala de aula e hoje estou na supervisão escolar e sendo professora também.

Cláudia Roberta: Quanto a importância desse prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário?
Fátima Durans: Sim. Quando eu cheguei aqui nesta escola, quando eu me deparei com essa estrutura toda, com essa história desse prédio, eu dei graças a Deus, eu tive uma gratidão muito grande e disse, "obrigada senhor, porque eu estou chegando nessa escola e essa escola é mágica." Eu senti que eu poderia fazer muito o meu trabalho que eu sempre sonhei, que é trabalhar junto com as pessoas que precisam e dentro de uma estrutura de qualidade.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
Fátima Durans: Sim. Quando essa escola foi fundada, foi criada, foi pensada, houve uma pesquisa junto a área de abrangência, como? Se consultou todas as pessoas que moravam nessa área para saber quais eram os anseios dessa instituição, dessa escola para eles e eles colocaram tudo em feito de pesquisa o que que eles queriam dessa escola. Eles queriam uma escola de qualidade, uma escola que atendesse os filhos e as famílias, e assim, foi feito.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil, na sua opinião?
Fátima Durans: Essa construção, ela fez com que o bairro do Anil se tornasse um bairro comercial com as faculdades, universidades e com o centro comercial de alta, com uma postura muito grande, ou seja uma relevância muito grande no comércio depois dessa estrutura aqui de escola.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você já lecionou e por quanto tempo?
Fátima Durans: Nesta instituição?

Cláudia Roberta: Sim.
Fátima Durans: Nessa instituição eu comecei com a educação infantil quando as crianças tinham 4 anos, e até o ensino médio onde nós tínhamos educação de jovens e adultos, que eram avós e pais dos alunos que estudavam no diurno.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?

Fátima Durans: Nós acompanhamos sim. O que que é positivo para nós? É que tudo muda, a gente sempre procura melhoria e nós vínhamos acompanhando a tecnologia principalmente, que hoje o trabalho, que os anseios são diferentes do ano que nós fundamos a instituição, que era 1993-1994. E os anseios são outros, né? Nós mudamos, os alunos mudam, a juventude é outra.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?

Fátima Durans: O trabalho do ensino regular que nós já vínhamos trabalhando há um certo tempo, ele é muito diferente do ensino integral, porquê? O ensino integral, ele tem que ter uma rotina onde os alunos chegam às sete horas, sete e trinta e sai às dezessete horas, onde o tempo todo é estabelecido e planejado, então esse aluno, o tempo do aluno todo é em função do trabalho e o trabalho da escola em função do aluno. Então o aluno, ele sai da escola às dezessete horas já com alimentação concluída, o estudo dele, a pesquisa e a questão da orientação também que faz parte desse trabalho do estudo integral.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?

Fátima Durans: A proposta pedagógica do ensino do antigo CINTRA, ela é muito diferente do IEMA hoje. O IEMA, as duas propostas, elas visam a qualidade de ensino, o centro de excelência principalmente, mas a diferença está na questão da escola integral. A escola de tempo integral, ela é muito diferente do ensino no qual nós recebemos a escola em 1994, é muito diferente. Até porque o cuidado com o aluno gente, ele é integral, é o dia todo. Você cuida do aluno quando ele chega, até a hora que ele vai embora. Então esse planejamento, ele é muito grande, tudo em função dele, das necessidades dele.

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?

Fátima Durans: Os momentos de formatura dos alunos e quando eles passavam nos vestibulares. Assim, nós colocávamos e nos colocamos ainda, né? O rapaz da secretaria quando recebe a notícia que os pais estão vindo buscar os documentos para efetivar a matrícula do curso superior, aí nós sentimos assim… A sensação do dever cumprido, que esse aluno já vai para a

universidade, já passou no concurso, vai pro campo de trabalho e assim é um momento que é crucial na vida da gente, é uma satisfação muito grande.

Cláudia Roberta: Para você professora Fátima, qual é a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
Fátima Durans: O professor, ele é um profissional, só que eu profissional - digo, diferenciado em relação aos outros profissionais, - porque ele lida com gente, ele lida com crescimento desse adolescente, dessa criança e quando ele falha, falha todo mundo, falha a família, falha os colegas, então a gente tem que tá sempre melhorando, sempre trabalhando para que esse aluno seja bem atendido.

Cláudia Roberta: Professora Fátima, na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
Fátima Durans: Houve, houve momentos. Quando eu cheguei nessa escola, eu tinha um filho de 4 anos e como a dedicação era muito.. é ainda muito grande, eu pensei realmente em desistir, mas depois eu vi que a vida, ela é assim, a vida é escolha, você tem que.. Só que muita gente dependia do trabalho nosso da escola e aí a gente não pode deixar no meio do caminho, nós temos que ir até o final.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Fátima Durans: Sim. Quando eu cheguei nessa escola eu trouxe ideias e aprendi também, tá? Então essa troca de experiência foi muito importante porque ninguém aprende sozinho, a gente aprende com o coletivo, então foi muito importante.

Cláudia Roberta: Professora Fátima, que legado você acredita ter deixado durante sua permanência nesta escola, no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?
Fátima Durans: Eu estive há três dias fazendo matrículas de alunos novos e quem são esses alunos hoje na nossa escola em 2023? São filhos de ex-alunos, tá? São netos de pessoas também que estudaram nessa escola. Aí eu pergunto assim, "cadê tua mãe?" "Minha mãe tá na universidade", "minha mãe já tá formada", "minha filha", "agora é os meus netos que estão vindo para essa escola". "Mas por que você escolhe essa escola?" "Ah! Porque a minha filha se deu muito bem e eu quero o melhor pros meus filhos e para os meus netos." Então esse legado a gente não esquece nunca e a gente sente quando você vai ao médico e encontra o

médico que foi seu aluno, você vai numa farmácia e encontra a farmacêutica que foi sua aluna. Então é um legado, é uma importância muito grande do dever cumprido. Essa que é a sensação, do dever cumprido, que você conseguiu, não conseguiu para todos, infelizmente, né? Que o caminho, ele é árduo, nem todos conseguem.

Cláudia Roberta: Professora, muito obrigada por esse momento que a senhora dispensou para conceder essa entrevista. Muito obrigada.

Fátima Durans: Eu quero agradecer a professora Cláudia pela confiança, tá? De ter vindo conversar comigo e nos convidados para fazer essa entrevista, até porque é um momento também único, é muito bom porque relembra e faz com que você tenha essa experiência em saber que você tá no caminho, né? Não sei se o caminho é certo, mas que você tá no caminho tentando errar ou acertar.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 2

ENTREVISTADA: Ana Clara Pereira Silva e Silva.
DATA DA ENTREVISTA: 3 de março de 2023.

Cláudia Roberta: Estou aqui realizando a segunda entrevista para elaboração da minha dissertação e vou começar aqui a fazer as perguntas para a entrevistada. Qual o seu nome e a sua área de formação?
Ana Clara: Meu nome é Ana Clara Pereira Silva, eu sou formada em História Licenciatura Plena.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Ana Clara: Eu me autodeclaro uma pessoa bastante questionadora, que busca entender a nossa sociedade brasileira.

Cláudia Roberta: Eu falo com relação a etnia. Como você se autodeclara?
Ana Clara: Tá. Eu me autodeclaro como uma pessoa preta.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na formação? Caso positivo, quais?
Ana Clara: Ah! Eu fiz pós docência do ensino superior e uma especialização em metodologia para ensino da história.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Ana Clara: Aqui, só no centro já são uns dezoito anos.

Cláudia Roberta: Quanto a importância desse prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário, professora Clara?
Ana Clara: O prédio do centro tem toda uma história porque vários trabalhadores que moram no Anil, trabalharam no Anil e depois quando ela se tornou a Fundação Nice Lobão, os filhos dessas pessoas, que já morreram alguns, os pais permanecem vivos, os avós morreram e os pais permanecem vivos tem essa história da fábrica Rio Anil, ela é muito importante para os moradores do Anil porque tem uma história.

Cláudia Roberta: Muito bem professora, na sua opinião o surgimento de uma escola nesse lugar simbólico traz alguma reflexão?
Ana Clara: Traz porque a partir do momento que a gente retoma o passado que era o que é hoje, porque aqui estava abandonado a Fábrica, e com o abandono da Fábrica os marginais vinham para cá depredar, e agora não. É um prédio tombado pela UNESCO e tem uma arquitetura muito bonita.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião professora?
Ana Clara: Ah, na minha opinião eu percebo que os pais dos alunos, os moradores, eles têm muito orgulho desse prédio, dessa história que se construiu aqui no Anil. Eles gostam demais, eles falam, "todo mundo quer vir estudar na Fundação Nice Lobão", hoje IEMA.

Cláudia Roberta: Em quais modalidade de ensino você lecionou e por quanto tempo?
Ana Clara: Eu comecei com alfabetização de jovens e adultos, em 1988, jovem ainda, com 17 anos. Comecei também dando aula de educação moral e cívica (OSPB). Aí depois eu trabalhei na Fundação Educar, por um tempo, com essa alfabetização de jovens e adultos. E depois eu fiz vestibular para História, passei e fui dar aula de História, então eu já dou aula desde 1988.

Cláudia Roberta: Professora, você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA pro IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?
Ana Clara: Não. No período que houve a transição, foi o período que teve pandemia e eu entrei de licença prêmio, que antecede a aposentadoria. Mas na minha volta, o que eu pude observar que os professores estavam muito interessados nessa mudança de CINTRA para IEMA, essa nova gestão de professores, muito projeto, muito professor capacitado, muitos professores mestres e doutores, então eu fiquei muito feliz de ver a nova história do IEMA.

Cláudia Roberta: Professora, que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Ana Clara: A diferença é que no ensino regular as pessoas vão para sua casa, toma aquele banho, relaxa e volta para escola. No regular você passa o tempo integral na escola, então a escola fica mais sendo a sua casa do que uma escola, então por você ficar mais tempo na escola,

o convívio, eu observei, que se torna mais aconchegante entre o docente e o discente, né? Tanto o professor quanto o aluno, eles se tornam mais próximos com essa integralidade.

Cláudia Roberta: Muito bem professora. É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Ana Clara: O que eu observei é que o IEMA está mais atuante, apesar de que quando era CINTRA também estava, mas houve uma inovação, né? Na participação tanto dos professores quanto dos alunos. Os professores chegaram naquela força, naquela energia do construtivismo, de construir, de querer algo mais novo, com algo inovador. Então para mimeu achei uma coisa interessante a questão do inovador, defesa de TCC, o aluno usar beca, então tudo isso é uma inovação que eu aceitei e quando eu olhei os meninos de beca, é uma motivação para esses meninos, né? Porque não chegar também até a universidade já que eles colaram o grau, colaram o curso técnico? Então isso foi muito importante, eu achei muito gratificante isso aí.

Cláudia Roberta: Professora, durante o período que você trabalhou nessa escola, quais foram os momentos mais marcantes de sua prática docente?
Ana Clara: Houve vários momentos, mas os momentos mais marcantes eram no momento em que eu fazia os seminários com os meus alunos e que eles iam para frente e que eu percebia que o meu trabalho não estava sendo em vão, que eu estava tendo feedback, naquele momento eu estava tendo o retorno de todo aquele período que eu passei dando aula, aquele mês, aquele

bimestre. E quando meu aluno ia apresentar o seminário e que ele se expressava muito bem, e às vezes o aluno que estava lá quietinho no canto dele, que às vezes a gente acha que aquele aluno que tá lá paradinho, quieto, que ele não vai ter uma desenvoltura, era esse aluno que me trazia para mim uma satisfação porque eu sabia que eu estava contemplando todos os alunos, tanto os alunos mais extrovertidos quanto os alunos introvertidos.

Cláudia Roberta: Professora, para você qual é a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
Ana Clara: Para mim a principal dificuldade que eu encontrei assim, quando você não tem apoio. Se você tem apoio da direção, da coordenação, dos próprios colegas professores na hora do planejamento, vamos planejar juntos, vamos discutir a educação e também a questão da leitura. Eu sou muito atuante porque eu sou filha de uma professora, então toda professora

tem um ou dois filhos professor, então na minha casa são dois professores, eu e meu irmão, mas a gente tem que estar lendo, não só esperar pelo governo, "ah, o governo não tá fazendo",mas vamos fazer nossa parte. Um pouco que nós ganhamos, vamos reciclar, tem tecnologia, hoje você vai para internet, você pesquisa muita coisa, a gente não tem que ficar com os braços cruzados só esperando cair do céu, nós temos que correr atrás, fazer também a nossa parte. Encontrou dificuldade? Sim. Porque na minha época era livro, eu tinha que comprar meus livros pra eu ler e dar uma boa aula e agora não, tem a tecnologia, você vai no Youtube, você faz a sua pesquisa em casa e não precisa ter tanto dinheiro, basta ter um computador, até no celular.

Cláudia Roberta: Muito bem professora, na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?

Ana Clara: Não. Eu sempre cresci vendo minha mãe muito feliz de ser professora e me falando, "olha, se for ser professora o ganho financeiro não vai te compensar, mas o ganho sentimental, emocional de você encontrar seu aluno e dizer professora eu cheguei aqui porque você teve uma contribuição." Hoje, por exemplo, eu peguei o Uber, a menina disse, "professora, muito obrigada, eu tô me formando em enfermagem, mas eu sou Uber pra ajudar a pagar minha faculdade", e eu disse, "você foi minha aluna onde?" "No CINTRA." E eu fiquei emocionada por ela reconhecer, ela disse, "eu era muito tagarela, senhora disse pra mim que era pra eu me centrar porque eu queria entrar numa universidade, eu tinha que ter conhecimento também de história". Então todas as disciplinas são importantes e a gente não tem que pensar nunca de desistir, qualquer dificuldade desistir, sempre pensando que o outro dia vai ser um dia melhor, né? Que nós vamos superar as dificuldades.

Cláudia Roberta: Muito bem professora, tá terminando. A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?

Ana Clara: Sim, sim porque aonde eu chego, apesar de eu ter terminado, estar me aposentando, eu fiz outra faculdade, isso me ajudou muito na questão da fala, da oratória. Então quem quer fazer outro curso como Direito, como Jornalismo, você sendo professor, então todos os leques, todas as portas se abrem porque a gente precisa tanto de jornalistacomo advogado ter uma boa oratória, e se você é um professor de sala de aula, você começa ali a já exercer o seu papel de um jornalista, de um advogado com a sua oratória, falando, tentando convencer o aluno, tentando entrevistar o aluno, a vida dele em casa, como é com os pais. Então tudo isso a gente tá aplicando essas duas áreas, tanto Jornalismo em sala de aula como Direito.

Cláudia Roberta: Muito bem professora, que legado você acredita ter deixado durante a sua permanência na escola, no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?

Ana Clara: Eu acho que nessa questão da busca do conhecimento, a questão da leitura, uma biblioteca muito organizada porque às vezes eu levava uns alunos para fazer pesquisa eu observava que tinha algumas coisas, em termos de aluno. Esse trabalho do aluno, ele dá importância para a biblioteca, que ali é o momento do silêncio, é o momento em que a gente tem que educar os alunos para saber que cada espaço tem que ser respeitado. Então abiblioteca é para fazer pesquisa? Então vamos pesquisar, debater em sala de aula, biblioteca é para se pesquisar, então aí eu acho que deixei um pouco desse legado meu, dessa minha.. da minha irreverência quanto professora, queria sempre que meu aluno esteja buscando. E no horário das minhas aulas, eu busquei sempre a questão do silêncio, na organização de sala, darminha aula com a sala limpa porque quando você estuda, você merece um lugar adequadocom o seu grau, seu nível de estudo porque a sala de aula tem que tá arejada, tem que tá limpa, tem que estar organizada para poder receber os alunos e o professor porque umambiente saudável todo mundo gosta de tá em um ambiente saudável, ninguém gosta de tá numa casa suja. E a escola, a sala de aula é a nossa casa, a gente passa mais tempo na escola do que na própria casa. Professor de dupla jornada, ele chega em casa só pra banhar, comer e dormir, que tá cansado.

Cláudia Roberta: Muito bem professora, eu agradeço, tá? Esse momento. E desejo que a senhora tenha mais sucesso, né? Tô vendo que a senhora tá já encerrando, tá na fase de aposentadoria, mas com certeza todos os seus questionamentos vão servir aí de referência para as próximas gerações de profissionais. Muito obrigada, professora.

Ana Clara: Obrigada professora Cláudia, por esse momento de reflexão já no fim da minha caminhada. Eu acho que eu deixei um pouco do meu legado para os meus alunos, muito obrigada.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 3

ENTREVISTADA: Heloísa Helena Portela Silva Bacelar Moreira.
DATA DA ENTREVISTA: 8 de maio de 2023.

Cláudia Roberta: Professora qual é o seu nome e a sua área de atuação?
Heloise Helena: Meu nome é Heloísa Helena Portela Silva Bacelar Moreira, e neste momento eu estou trabalhando no setor de acolhimento aos pais.

Cláudia Roberta: A sua área de formação, qual é?
Heloise Helena: Eu sou licenciada em Pedagogia, com especialização em metodologia do ensino superior, gestão, administração e supervisão escolar.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Heloise Helena: Parda.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação, quais?
Heloise Helena: Eu fiz lato sensu, as minhas especializações, *lato sensu*, que eu já citei anteriormente, e no momento estou só com atividade de trabalho mesmo.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Heloise Helena: Eu entrei no Estado, na rede estadual em 1993. A partir daí, até o presente momento a gente tem efetivo exercício.

Cláudia Roberta: Quanto a importância desse prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário?
Heloise Helena: A parte física, a estrutura do antigo CINTRA, que hoje é IEMA pleno rio anil, eu acho que ela é de grande valia e tem um valor histórico imenso considerando que aqui já foi uma fábrica e vários moradores já trabalharam aqui, deram sua contribuição para o trabalho do Maranhão e após virar uma instituição educacional é extremamente relevante, continua sendo o seu trabalho pra comunidade e para os arredores, para os bairros vizinhos.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse lugar simbólico traz alguma reflexão?

Heloise Helena: Traz sim porque enquanto era o trabalho da fábrica, tinha uma contribuição de forma diferente. Nesse sentido, a questão institucional contribuiu muito para o sucesso dos alunos que aqui estão e que procuram essa instituição renomada.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião?
Heloise Helena: Eu acho que ela trouxe muita importância em várias áreas. Na parte comercial porque veio fortalecer a questão do comércio no bairro que tem, aumentou o trânsito de alunos e aumenta a questão econômica também, acho que é de extrema importância. Além de ter contribuído quanto à questão da formação para os pais e interessados na parte da formação, vamos dizer assim, das oficinas que a escola oferecia que trouxe grande abertura de trabalho pra comunidade.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou e por quanto tempo?
Heloise Helena: No ensino fundamental, nas séries iniciais eu trabalhei 18 anos de forma consecutiva, e em seguida eu trabalhei no ensino fundamental 2, que a gente chamava assim, que era o sétimo, do sexto ao nono ano, e a gente trabalhou, até o presente momento estamos em atividades.

Cláudia Roberta: Você acompanhou a transição do antigo CINTRA para o IEMA? Em caso positivo, o que foi observado por você?
Heloise Helena: Participei sim da transição, achei extremamente importante porque veio trazer uma nova, uma proposta pedagógica diferente e que ela está muito atualizada, e penso que melhorou os alunos na questão da sua independência, no seu protagonismo e no seu conhecimento mesmo, conhecimento acadêmico, eles estão participando efetivamente das suas ações didático-pedagógicas.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Heloise Helena: Ah! Eu vejo assim que o ensino integral é um ensino mais especializado e técnico, a partir do momento que o aluno faz a sua escolha para a sua área de atuação, então eu penso que essa seja a maior diferença para que o aluno já consiga entrar no campo de trabalho com mais, vamos dizer, segurança e competência.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?

Heloise Helena: Pois é, como eu já citei, a questão do protagonismo ela é muito importante, eu acho que ela é uma diferencial, onde o aluno faz uma grande diferença na questão da proposta anterior. Entretanto na época do CINTRA, já existia uma proposta de ensino integral porque nós tínhamos aqui na escola, nós tínhamos três turnos em todas as áreas, desde a pré-escola, ensino fundamental, das séries iniciais e até o ensino médio. Mas, portanto, eu vejo que a diferença é exatamente nessa parte, onde o aluno tem a questão técnica, que possibilita a sua inserção no mercado de trabalho e o outro preparava a parte mais, vamos dizer acadêmica para com o objetivo de vamos, vestibular.

Cláudia Roberta: Durante o período em que você trabalhou, ainda trabalha nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?

Heloise Helena: Aqui foram várias e são inúmeras e importantes na minha carreira, no meu conhecimento pessoal. Aqui eu considero que eu cresci profissionalmente porque foi o meu primeiro local de trabalho e continua sendo o meu local de trabalho, então eu tenho certeza que eu consegui desempenhar de forma favorável para a nossa escola e para o Estado na área da educação e também aqui dentro da nossa escola nós aprendemos muito, aprendemos muito com todos que por aqui passaram porque nós desenvolvemos muitos projetos aqui na escola, muitas feiras de conhecimento, feiras de ciência, muito trabalho na área de leitura, que na verdade é a minha área de estudo, a área de leitura e em parceria sempre com a biblioteca escolar e com grandes profissionais que por aqui passaram. Que na época do antigo CINTRA nós tínhamos aqui o "doiaco" que dava todo apoio à família e que dava todo apoio pra nós enquanto professores, enquanto docentes na sala de aula mediante as nossas dificuldades na questão da aprendizagem do aluno, do educando, foi muito importante esse período. Eu acho que já estou até pensando, estou triste em pensar em aposentar, só em saber que a gente ainda tem força pra continuar trabalhando.

Cláudia Roberta: Para você, qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?

Heloise Helena: Eu acho assim, a questão da ausência do aluno, quando isso acontece, e da questão da parceria da família, quando a família deixa de compreender que é um complemento a educação, a escola é um complemento na área, de uma forma geral, do educando. E portanto, eu vejo isso, quando o aluno tem esse acompanhamento e essa parceria da família a gente

compreende que esse aluno tem mais facilidade de seguir os seus objetivos dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
Heloise Helena: Não, desistir não, jamais. Aliás eu nem gostaria de ter sido professora inicialmente, eu não tinha essa intenção, eu queria ser artista, eu queria ser cantora, bailarina, etc, menos professora. Por outro lado, pelas necessidades econômicas, a gente faz e eu consegui no concurso ser aprovada e gostei, e aí acrescentei ao meu estudo, que eu só tinha o ensino médio, que era o terceiro ano normal, então eu fui procurar me capacitar, me formar em pedagogia pra eu poder fazer um trabalho com mais responsabilidade, com mais conhecimento, com mais propriedade que é o magistério e a vida acadêmica como professora.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Heloise Helena: Muito, muitíssimo! A cada dia, a cada momento a gente vai, a cada hora que você faz uma leitura, a cada hora que você discute, que participa de qualquer evento a qualquer momento a gente ganha crescimento profissional. Aqui na escola eu ganhei muito com isso, com a parceria dos colegas, dos professores e diretores, gestores e com a vivência que a gente vai tendo na escola, com os alunos também, em especial.

Cláudia Roberta: Que legado você acredita ter deixado ou vai deixar durante a sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?
Heloise Helena: Pois bem, eu gostaria de ressaltar a minha participação no colegiado escolar porque pra mim foi de extrema importância, na questão democrática, de você ter a vivência democrática e ter como norte o bem da coletividade. Então o primeiro colegiado escolar, graças a Deus eu participei, que foi em 1995, então a gente participou como representante dos professores do ensino fundamental das séries iniciais. E nós participamos de três campanhas e três legislaturas, a última como presidente do colegiado ampliou muito mais o meu conhecimento e a minha parceria com os meus pares porque foi de extrema importância trabalhar com todo os segmentos da escola para ouvi-los, para ver e compreender como é que se dá o anseio, o desejo, a necessidade de buscar melhoria pra escola, pra todos.

Cláudia Roberta: Professora, muito obrigada pela sua entrevista, tá? E é de admirar a forma como a senhora se posiciona diante das respostas dadas, a gente percebe de fato que a senhora sempre foi bastante engajada.

Heloise Helena: Pois é, eu que agradeço, continuo agradecendo a Deus por ter permitido eu estar aqui nesta instituição, de ter conhecido muitas pessoas maravilhosas, grandes profissionais competentes que também deixaram as suas contribuições valiosas e eu estou feliz de ainda estar trabalhando. E eu agradeço a Deus, muito obrigada a todos.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 4

ENTREVISTADA: Leuda Miriam de Castro Roza.
DATA DA ENTREVISTA: 9 de maio de 2023.

Cláudia Roberta: Qual é o seu nome e sua área de formação?
Leuda Miriam: Meu nome é Leuda Miriam de Castro Rosa, sou formada em Letras.

Cláudia Roberta: Com você se autodeclara?
Leuda Miriam: Preta.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Leuda Miriam: Fiz pós-graduação na área de língua portuguesa.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona ou lecionou nesta instituição de ensino?
Leuda Miriam: Quinze anos.

Cláudia Roberta: Quanto a importância deste prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário?
Leuda Miriam: Esse prédio é fundamental para esse bairro, ele faz parte da história desse bairro, inclusive dos meus avós que trabalharam aqui, enquanto fábrica, e depois que foi transformado num espaço de educação, foi muito bom para os nossos jovens, para os nossos adolescentes que tinham dificuldade de acesso a outros bairros.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse lugar simbólico traz alguma reflexão?
Leuda Miriam: Sim, com certeza porque muda o ambiente em que a gente vive, abre oportunidades para os jovens, para os adolescentes e é uma escola que transformou a vida de muitos meninos e meninas deste bairro, e porque eu moro aqui e eu os conheço.

Cláudia Roberta: Qual a relevância desta construção para o bairro do Anil, na sua opinião?
Leuda Miriam: É importante essa construção exatamente porque ela fomenta, porque ela dá oportunidade aos jovens de se desenvolverem, né? Eles aqui tiveram oportunidades de fazer

curso profissionalizante, fazer o ensino fundamental e ensino médio, então é muito importante essa escola neste bairro.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou e por quanto tempo?
Leuda Miriam: Aqui nessa escola eu sempre trabalhei na coordenação, no setor de orientação educacional, no período de quinze anos.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o período de transição do antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?
Leuda Miriam: Na verdade, eu não acompanhei porque foi o período em que eu me aposentei, né? Eu, na verdade, ouvia a informação de que ele iria ser transformado no IEMA, mas eu não cheguei de fato a acompanhar esse processo aqui dentro da escola.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Leuda Miriam: Essa diferença, ela é assim visível aos olhos da gente porque o ensino integral, ele abrange várias áreas na vida do aluno, né? Então ele tem a possibilidade de fazer outras disciplinas de ensino médio, mas também tem a possibilidade de já se encontrar profissionalmente, através dos cursos que o IEMA oferece. Então o aluno já é jogado pra questão da informática, outro pra questão da administração hospitalar, né? Então isso aí ajuda o aluno a se encontrar, a encontrar a sua profissão e já vai delineando o caminho que ele deseja.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Leuda Miriam: Eu conheço pouca coisa da estrutura do IEMA. Mas eu creio que a diferença está exatamente nesse leque que foi aberto para atuar nas outras áreas de estudos dos alunos, porque antes o estudo era tradicional, as disciplinas, né? E o aluno fazia as provas e pronto, né? Mas com essa nova modalidade, por alguns alunos que eu conheço aqui, eu percebo que eles vão além disso, eles participam de atividades que fomentam o seu pensar, que os fazem desejar mudar a comunidade em que eles vivem. Então essas diferenças a gente percebe claramente nos alunos.

Cláudia Roberta: Durante o período em que você trabalhou nessa escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?

Leuda Miriam: Olha, os momentos mais marcantes pra mim no serviço de orientação educacional foi a oportunidade que eu tive de orientar, de cuidar dos alunos, de tratar algumas situações que envolviam cada um deles com os pais, de orientá-los para que eles fizessem as escolhas corretas, as escolhas certas. Então foi basicamente nesse sentido porque eu não estava em sala de aula, mas na orientação a gente dava esse suporte para os alunos, para as famílias, procurando mediar os conflitos que surgiam, né? Na escola ou que poderiam ter origem na escola ou na própria família, mas que eles traziam pra cá esses conflitos, aí então a supervisão, a orientação ia trabalhar, orientar, fazer a ponte entre professor, entre aluno, entre família pra achar uma solução melhor para sua situação de cada aluno que se apresentava pra gente.

Cláudia Roberta: Pra você, qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?

Leuda Miriam: As dificuldades que os professores enfrentam? A falta de material disponível, eu não sei como é que tá essa situação hoje, mas na época que a gente estava aqui, a gente percebia que os professores até tinham boa vontade, queriam fazer coisas novas, mas às vezes essas coisas eram esbarradas na falta de recursos, que nem sempre tinha um apoio e ele tinha que se virar, fazer com o que ele tinha, né? E muitos faziam porque é aquela questão, o sacerdócio, eu faço porque eu amo, né? E a gente percebia muito isso nos nossos professores.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória, houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?

Leuda Miriam: Em nenhum momento. Sempre amei a minha profissão, sempre amei estar com os adolescentes, orientando, sempre mostrando que havia um caminho melhor, então eu nunca me arrependi.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?

Leuda Miriam: Sim, com certeza porque é em sala de aula que a gente vai descobrindo as necessidades e a gente vai fazendo as adaptações, então ali com o aluno, a necessidade do aluno a gente começou a perceber que a gente poderia fazer outras coisas e fazíamos. Buscar outros recursos, outras estratégias e isso a gente não aprende na faculdade, a gente aprende é na realidade, sentindo a realidade, o que precisa, o que necessita e a gente vai criando coisas, recursos, atividades para que a gente pudesse atingir os nossos objetivos.

Cláudia Roberta: Professora Leuda, que legado você acredita ter deixado durante a sua permanência nesta escola, no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?

Leuda Mirian: Eu acho que todos nós participamos desse legado, dessa construção porquea gente sempre foi ouvido, a gente sempre teve oportunidade de expressar o que a gente pensava, as nossas ideias, a gente sempre teve espaço para contribuir para melhoria da nossa escola.

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 5

ENTREVISTADA: Silvia Tereza Martins Sousa.
DATA DA ENTREVISTA: 15 de maio de 2023.

Cláudia Roberta: Qual é o seu nome e sua área de formação?
Silvia Tereza: Me chamo Silvia Tereza Martins Souza, área de formação Pedagogia e Habilitação em Supervisão Escolar.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Silvia Tereza: É, pela certidão de nascimento, parda.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Silvia Tereza: Sim, eu fiz especialização na área de gestão escolar.

Cláudia Roberta: Há outros - oh, desculpa. Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Silvia Tereza: Eu estou nesta instituição há vinte e oito anos, desde quando eu me formei.

Cláudia Roberta: Quanta a importância desse prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário?
Silvia Tereza: Sim, o prédio do bairro foi extremamente importante, porque foi aqui que as famílias buscaram colocar os filhos para estudar, já que a área não tinha. Então quando o prédio foi construído, foi adaptado para escola, então foi muito importante para a comunidadedo bairro, que é aqui que eles encontraram a questão da educação dos filhos.

Cláudia Roberta: Na sua opinião o surgimento de uma escola nesse lugar simbólico traz alguma reflexão?
Silvia Tereza: Sim, tem a questão histórica, né? Para os meninos perceberem que tem toda uma questão histórica por trás do prédio, que antes era uma fábrica de tecido. Então a gente fica pensando assim, as pessoas que passaram por aqui, todas as histórias dentro dessa escola. Então é um prédio que traz assim uma carga histórica, emocional também muito grande,muito forte.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil, na sua opinião?
Silvia Tereza: É muito importante. Como eu já falei antes porque aqui era um prédio que estava abandonado, servia para abrigo de muitas coisas que não eram boas, marginais aqui, então a partir do momento que o prédio foi revitalizado, ele adquiriu uma importância enorme pro bairro, porque? Porque não é só a parte da escola, mas tem outras atividades que a comunidade faz aqui dentro que é muito importante, então o prédio adquiriu vida.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou e por quanto tempo?
Silvia Tereza: Lecionar, eu lecionei no magistério ainda, lá muito tempo lá atrás, que eu trabalho diretamente com supervisão e na supervisão eu atuo no ensino médio e na educação infantil. Então são duas linhas de atuação que assim, eu não sei diferenciar uma da outra, que a forma de atuar, a minha maneira é a mesma nas duas, nos dois segmentos tanto no ensino médio quanto na educação infantil.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para o IEMA?
Silvia Tereza: Sim, sim.

Cláudia Roberta: Caso positivo, o que foi observado por você?
Silvia Tereza: A princípio uma grande resistência de quem era CINTRA, mas quem permaneceu aqui foi percebendo assim que o IEMA adquiriu uma nova importância na nossa vida sim, porque a gente foi percebendo que uma coisa não inviabilizou a outra, quer dizer, o CINTRA deixou de existir enquanto escola, mas o IEMA continua com a linha educacional. Então eu vejo assim, que a gente tem que primeiro conhecer o modelo para poder depois falar. No início foi muita resistência, mas ultimamente eu já percebo assim, que as pessoas já conseguem visualizar a importância do IEMA como tinha importância o CINTRA aqui no Anil, na comunidade.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Silvia Tereza: Oh o ensino regular, ele tinha assim.. era separado, tinha o turno matutino, tinha uma clientela, o turno vespertino, outra clientela. O integral a gente já percebe assim, como os meninos permanecem o dia inteiro na escola, a gente já consegue ver assim que eles têm uma identificação com a escola, então eles conseguem trabalhar a questão do protagonismo de forma melhor no integral porque como eles permanecem o dia inteiro na escola, eles têm como

trabalhar diversas linhas, que no regular não teria como trabalhar por conta dessa separação, não era a mesma clientela, então era bem mais difícil trabalhar.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Silvia Tereza: Com certeza. Porque o antigo CINTRA era mais direcionado para os meninos irem pra universidade, então era mais para ensino superior, então era um ensino muitofechado. O IEMA eu já vejo mais aberto porque se trabalha, não se esqueceu desse lado, mas se trabalha outros pontos que são necessários para a vida dos meninos, questão profissional, questão do protagonismo, questão de identificação com várias situações. Eu vejo assim muito observando os meninos dentro da escola como eles se sentem pertencentes a escola, como elesse sentem importantes em realizar determinadas atividades que antes a gente não via essa importância nos alunos do CINTRA, então eu já percebo essa diferença do aluno CINTRA e do aluno IEMA, porque o aluno CINTRA, ele, não é que ele não gostasse da escola, ele gostava, mas ele não se identificava tanto quanto o aluno IEMA se identifica com a escola.

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou nesta escola, ou ainda trabalha, né? Quais foram os momentos mais marcantes de sua prática docente?
Silvia Tereza: Olha, pra mim foi primeiro o início quando o meu primeiro contato com as famílias que eu vi assim pela minha idade, pela minha pouca experiência os pais não acreditavam muito. E depois que eu começava a conversar, que eu mostrava assim que eu conhecia o aluno, que eu via diferença. E também o retorno dos professores, que a gente assim é a confiança, porque eu aprendi na universidade quando eu fiz supervisão, que professor se conquista, então é uma conquista diária, então marcante pra mim é esse retorno.O carinho que eu percebo e a confiança no meu profissional, enquanto profissional eu vejo muito isso, que eles confiam na opinião, tem professor que vem me perguntar sobre questões assim pedagógicas de sala, sobre o aluno, que que ele pode fazer com os alunos, então eu vejoisso aí como um ponto muito positivo, essa confiança que o professor tem no meu lado profissional, meu profissionalismo.

Cláudia Roberta: Para você qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
Silvia Tereza: Eu acho que a parceria com a família, quando a família deixa de participar da vida do filho, quando a família deixa o filho na escola e não participa, é a dificuldade maior

porque o professor ele se sente sozinho, ele se sente sobrecarregado porque se a família não é parceira nesse momento, o professor ficar numa situação de ter que resolver esses conflitos e situações que sem a parceria da escola fica muito difícil solucionar. Então eu acho que esse ponto é muito assim, é um ponto mesmo bem complicado.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
Silvia Tereza: Nunca, nunca pensei em desistir. Tem dias que a gente tá mais animado, mais desanimado, mas agora pensar em desistir isso nunca passou pela minha cabeça. Eu amo assim, eu amo o que eu faço, eu amo a educação, então eu nunca pensei em desistir.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Silvia Tereza: Sim, sim, com certeza. Porque assim observando experiências de colegas meus desde o início até agora, a gente sempre faz uma autoavaliação e eu vou vendo assim os pontos que eu preciso melhorar e assim onde eu estou, eu tenho muito essa consciência, onde eu estou falhando, onde eu estou e eu sempre procuro sempre estar me reavaliando e fazendo uma readaptação. Como agora mesmo, eu trabalhava no ensino regular e aí eu passo para o modelo IEMA, então eu tive que fazer uma autoavaliação e dar um novo significado ao meu profissional. A atuação que eu tenho hoje em dia é muito diferente da atuação que eu tinha no ensino regular, e uma coisa não invalida a outra.

Cláudia Roberta: Que legado você acredita ter deixado ou pretende deixar durante a sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?
Silvia Tereza: Eu acho que é a questão profissional mesmo, esse meu lado profissional que eu acho muito marcante. Então eu acho que é um legado que quando eu me aposentar, quando eu me afastar com certeza as pessoas vão lembrar de mim como uma pessoa que era extremamente organizada, extremamente profissional, muito parceira da escola, eu acho que esse é o principal legado que eu vou deixar quando eu não estiver mais presente na escola.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 6

ENTREVISTADA: Maria Goreti da Silva.
DATA DA ENTREVISTA: 2 de junho de 2023.

Cláudia Roberta: Qual o seu nome e sua área de formação?
Maria Goreti: Meu nome é Maria Goreti da Silva, sou formada em Letras/Português.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Maria Goreti: Bom... Eu, pardo, né? Me declaro pardo.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Maria Goreti: Eu tenho especialização em Supervisão e Gestão Escolar, tenho especialização em Psicopedagogia e Tecnologia de Informática.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona ou lecionou nesta instituição de ensino?
Maria Goreti: Nesta instituição de ensino eu já estou há, vai fazer 20 anos, né? Porém na rede estadual eu já tenho 30.

Cláudia Roberta: Quanta a importância desse prédio para o bairro, você poderia tecer algum comentário?
Maria Goreti: Bom, a chegada da escola nesse bairro no início 2000, 1993 quando tudo iniciou, no meu ponto de vista foi um marco. É muito importante para a população, pelaclasse dos jovens, movimento do bairro. Quer dizer, eu vejo como uma linha de crescimento, né?

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
Maria Goreti: Sim, sim porque o bairro é um bairro antigo, né? Um dos primeiros bairros, porém, de pouco desenvolvimento, mas o que a gente vê que essa escola nesse espaço, ela fez com que o bairro crescesse porquê? Porque a população, basicamente procurou o bairro, ela passou a movimentar o bairro em todos os sentidos, né? Sem contar a qualidade de ensino, sem contar com conhecimento adquirido pelos jovens que aqui moram.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião?

Maria Goreti: A relevância, como eu já disse antes, ele cresceu, né? Já conversando em outros momentos com outras pessoas que aqui já habitam há mais tempo o bairro cresceu porque jovens se formaram, jovens terminaram o seu ensino médio, jovens montaram aqui o seu próprio negócio a partir das oficinas que aqui a gente tinha antes, hoje os jovens já estão saindo com os cursos profissionalizantes, ou seja, nós temos profissionais técnicos aqui no bairro em determinadas áreas.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou e por quanto tempo?
Maria Goreti: Bom, eu comecei lecionando com o ensino fundamental maior, trabalhando com Biologia, com ciências aliás, depois eu passei a trabalhar com educação de jovens e adultos a noite, ensino médio, e trabalhei por longo período com ensino fundamental, ou seja, eu trabalhei em todas as etapas. Trabalhei Biologia, trabalhei História do Maranhão no ensino médio, no magistério, e trabalhei com artes também no ensino fundamental maior.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo, o que você observou?
Maria Goreti: Sim acompanhei. O que eu observei assim foi uma mudança, começou pela mudança de postura das pessoas que aqui estão, nós deixamos uma escola de ensino médio regular passamos a uma escola de tempo integral onde as pessoas tiveram que se readaptar, dentro do seu tempo né, onde elas precisaram se reconstruir dentro desse tempo de trabalho. Então o meu ponto de vista foi uma mudança positiva sim, a gente teve um ganho, a gente passou a ficar mais tempo na escola, a gente passou a se conhecer mais, a gente passou a viver mais em comunidade escolar.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Maria Goreti: Com relação ao ensino integral IEMA a questão dos cursos técnicos porque o aluno além dele sair com uma formação onde ele conclui os seus estudos com o ensino médio, ele também sai com o ensino técnico onde ele pode a partir dali ele já pode procurar um campo de trabalho e já começar exercendo, e dali ele já crescer mais ainda.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?

Maria Goreti: Dá, dá pra gente ver sim, dá pra identificar através do dia a dia escolar, né? A gente observa que o modelo IEMA, ele trabalha muito o aluno, ele trabalha muito o eu do aluno, na construção do ser daquele aluno a partir dos projetos, a partir das eletivas, o aluno, ele começa a se enxergar de uma outra forma. A educação básica, o regular, ele trabalha muito conteúdo preparando para o ENEM, para a inserção numa faculdade, numa universidade, e o modelo IEMA ele se preocupa mais em construir esse ser pra sociedade.

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes de sua prática docente?

Maria Goreti: Bom, momento mais marcante da minha prática docente foi quando eu tive que assumir pela primeira vez uma gestão de ensino médio, né? Eu estava saindo de uma especialização sem muita prática porque eu vinha de sala de aula, passei pouco tempo trabalhando numa coordenação, mas não tinha muito contato com grupos grandes e eu fui colocada para assumir a gestão do, - que a gente tinha antigamente o nosso anexo que era só terceiro ano, doze salas com professores, bem difícil de trabalhar e ali foi um grande desafio, eu fui aprendendo com os erros, com as falhas, com os próprios professores. Esse foi o desafio.

Cláudia Roberta: Pra você qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?

Maria Goreti: A principal dificuldade que uma professora enfrenta é o seu despreparo. Eu sempre digo, o professor, eles para enfrentar uma sala de aula e tá preparado. O que que é o preparado? Não é só conteúdo, mas ele tem que tá preparado emocionalmente, ele tem que tá preparado o domínio de sala, o olhar para cada aluno de uma forma diferente, então se ele não tiver esse olhar vai ser difícil, vai ser muito difícil.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?

Maria Goreti: Sim, logo no início porque quando eu entrei pra carreira, na verdade não era isso que eu queria, eu fui porque havia mais rápido pra eu ganhar dinheiro, pra eu começar já a trabalhar, que o que eu queria mesmo era Psicologia, eu queria mesmo era trabalhar clínica, clinicar. Mas surgiu o concurso, eu fiz, passei, então no início foi assim, foi bem difícil porque eu disse assim "que que eu tô fazendo numa escola de ensino fundamental trabalhandocom terceira série, meninos bem difíceis e eu sem nenhuma.". Não é que eu não tinha prática porque eu já vinha de escolinha particular, mas foi bem desafiador porque eu me via assim, "eu tô

fazendo o que eu não quero". Só que com o tempo, com a prática eu vejo que na verdade foi o caminho mais certo que eu trilhei.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Maria Goreti: Sim. Não só na vida profissional como também na minha vida particular, no meu eu, só cresci, só amadureci, em cada vivência isso foi pra mim um construir.

Cláudia Roberta: Que legado você acredita ter deixado durante sua permanência nestaescola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?
Maria Goreti: Bom, eu penso que com o fazer, o dedicar porque eu gosto quando me envolvo com uma tarefa, quando me envolvo com uma atividade, eu preciso fazer bem feito. A minha forma de trabalhar, eu acredito que tenha ajudado outras pessoas, como algumas pessoas que já trabalharam comigo e que era muito difícil, elas chegaram a dizer "poxa Goreti, eu aprendi muito com esse teu jeito de querer fazer muitobem feito, de tá sempre colocando as coisas no lugar que tem que ser". Então eu acredito que essa forma de eu não posso vir pro meu local de trabalho só por vir, eu tenho que fazer valer aquele dia de trabalho que eu estou aqui.

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 7

ENTREVISTADA: Giselia Maria Guedes Lima da Silva.
DATA DA ENTREVISTA: 2 de junho de 2023.

Cláudia Roberta: Qual é o seu nome e sua área de formação?
Giselia Guedes: Giselia Guedes, Língua Portuguesa e Língua Espanhola.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Giselia Guedes: Sou preta.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Giselia Guedes: Sim, fiz especialização em Língua Portuguesa e Literatura, participei de vários cursos na área de Língua Portuguesa.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Giselia Guedes: Com Língua Portuguesa... Há 13 anos.

Cláudia Roberta: Quanta a importância desse prédio para o bairro você poderia tecer algum comentário?
Giselia Guedes: O prédio ele tem uma grande importância para o bairro do Anil, primeiro foi uma fábrica e hoje é uma escola, então é grandioso ter um prédio como esse tão belo e ser uma escola.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
Giselia Guedes: Sim, o prédio, como moradora do bairro também, nascida e criada neste bairro tinha estigma de uma fábrica que foi muito importante para o bairro e ter se transformado numa escola hoje então é muito importante e que ela continue.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião?
Giselia Guedes: De escola ou de fábrica? De tudo? A relevância é a importância primeiro por trazer oportunidades para os moradores tanto no âmbito escolar quanto no âmbito profissional.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou e por quanto tempo?
Giselia Guedes: Eu já fui professora da educação infantil, professora de alfabetização, ensino fundamental 1 e 2, e ensino médio. Eu leciono há mais de 25 anos.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?
Giselia Guedes: Eu acompanhei assim por alto porque eu não participei da primeira edição mesmo assim dos professores que foram para o IEMA, porque eu optei por ficar no ensino médio regular. Mas eu percebo que assim em relação a algumas mudanças eu poderia dizer que foram um tanto negativas porque foi assim muito de surpresa para mim, que era professora do ensino regular. Comemoramos 25 anos da escola, do ensino regular que era o antigo CINTRA e no ano seguinte já era uma nova modalidade, então para mim foi uma grande surpresa essa mudança.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Giselia Guedes: Seguinte também fui aluna de ensino integral da escola técnica, então assim a diferença está no tempo que os alunos passam na escola, as atividades que eles desenvolvem também que é bem diferente porque integra tanto ensino regular, que é da BNCC quanto às disciplinas da base técnica. Então a diferença está realmente na modalidade de ensino e para mim ambas são válidas, todas as duas modalidades.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Giselia Guedes: No IEMA hoje eu percebo que a atividade desenvolvida pelos professores, ela é muito maior do que a atividade desenvolvida pelos professores do ensino médio regular. No ensino médio regular nós professores, cabe a nós o trabalho dentro da sala de aula e no IEMA nós temos muitas outras atividades fora da sala de aula também, essa é a grande diferença que eu vejo.

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou ou ainda trabalha nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?
Giselia Guedes: No ensino médio eu posso dizer que trabalhar projetos é uma que eu gosto muito e que eu vejo que há um grande envolvimento dos alunos. E no IEMA também, no IEMA

eu acho incrível a quantidade de atividades que acontecem na escola e tudo acontece em tempo real de diferentes formas. Então assim pra mim é uma grande surpresa e eu acho assim muito interessante, muito importante mesmo isso, como é que as coisas acontecem, várias coisas ao mesmo tempo dentro de um ambiente escolar, então pra mim também isso é muito válido e muito importante.

Cláudia Roberta: Para você qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
Giselia Guedes: A principal dificuldade hoje é o desinteresse dos nossos alunos porque eu vejo que assim enquanto professor você trabalha e quer sempre levar o melhor pro teu aluno, na verdade nós somos os mediadores do conhecimento e assim eu vejo que alguns alunos estão bastante desmotivados, não sei se por conta da carga horária deles, desses nove horários que eles têm o dia inteiro e ser muito intenso isso, mas em alguns momentos eu percebo que temos dificuldades em motivar os alunos a ter interesse pelo aprender.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
Giselia Guedes: Não, eu nunca pensei em desistir da minha profissão. Primeiro que não foi a primeira escolha, né? Eu me formei em técnica e comecei a trabalhar, mas a vida me trouxe para a educação e eu acho que ela sabia, a vida sabia que eu era para a educação porque eu nunca tentei desistir, é uma coisa que eu faço assim porque eu gosto muito desse trabalho que eu desenvolvo, que é trabalhar com os meus alunos, gosto demais.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Giselia Guedes: Sim, bastante! O dia a dia em sala de aula, ter participado também de alguns cursos durante a vida profissional me fez ter um olhar muito diferente do que eu tinha antes, e eu posso dizer em alguns aspectos em relação ao contato com o ser humano, isso é gratificante e com o decorrer do tempo a gente vai aprendendo e aprende muito.

Cláudia Roberta: Que legado você acredita ter deixado ou pretende deixar durante sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?
Giselia Guedes: Eu costumo dizer para os meus alunos que todos eles são inteligentes, que todos nós somos inteligentes, que todos nós temos capacidades e que cada um tem um legado

para deixar nesta vida, e basta que a gente encontre e busque, né? A gente sempre tem que ter o objetivo, alguma finalidade, de buscar algo e se você realmente quiser você consegue, é isso que eu tento deixar para os meus alunos que todos eles são capazes de alcançar aquilo que eles querem, aquilo que eles almejam, mas para isso eles precisam ter um pouco de esforço porque também nada na vida vem fácil, né? E a gente precisa lutar, trabalhar para conseguir aquilo que a gente quer e a gente consegue.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 8

ENTREVISTADA: Dejane Figueiredo Barros.
DATA DA ENTREVISTA: 12 de junho de 2023.

Cláudia Roberta: Qual é o seu nome e sua área de formação?
Dejane Figueiredo: Eu me chamo Dejane Figueiredo Barros, sou formada e licenciada em Letras Português e Espanhol.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Dejane Figueiredo: Preta.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Dejane Figueiredo: Fiz Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura a qual eu tenho que finalizar e atualmente estou mestranda.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Dejane Figueiredo: Considerando que é desde 2012, ou seja, são 11 anos.

Cláudia Roberta: Quanta a importância desse prédio para o bairro você poderia tecer algum comentário?
Dejane Figueiredo: Sim, a respeito do prédio para o bairro eu verifico por intermédio dos alunos que questionam, que argumentam dizendo que os pais estudaram aqui, que avó estudou aqui, trabalhou aqui e aí eu vejo que eles têm esse sentimento sim pelo prédio, que agora deveria assim aguçar mais, trazer mais a comunidade essa noção de pertencimento,saber mais o que é, o que foi o prédio.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
Dejane Figueiredo: Ah sim, dentro da escola nesse local eu acredito que é bem salutar sim, mas é óbvio que a gente requer uma estrutura bem melhor para que a escola de fato funcione, para que tanto o corpo discente como o docente tenha realmente um bom desempenho de seu trabalho aqui porque a gente requer essa estrutura, que essa estrutura, o nosso trabalho, sabe?

O professor em si, o nosso trabalho se faz no local de trabalho, nosso trabalho é o que é devido ao local de trabalho e esse local tá deixando um pouco a desejar devido a infra- estrutura.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião?
Dejane Figueiredo: Pois é, como eu falei anteriormente para o bairro do Anil eu não vi assim, necessita aguçar mais isso nos moradores, deter mais essa noção do que é esse espaço, contar mais essa história para eles, eu vejo isso.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou ou leciona e por quanto tempo?
Dejane Figueiredo: Bem, assim que eu cheguei aqui eu fiquei durante cinco anos só no ensino fundamental com Língua Portuguesa que eu amo, amo leitura e produção textual. Logo em seguida fui posta dentro da minha matrícula mesmo que é língua espanhola no ensino médio a qual estou até hoje juntamente com o projeto de vida.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?
Dejane Figueiredo: Bem, a transição eu acompanhei por estar aqui desde 2012. Assim, dentro do CINTRA para o IEMA o que eu vi de diferença é a questão do modelo em si do IEMA que tem questões que a gente não via ainda no CINTRA, mas dentro do arcabouço de trabalho que a gente tinha não mudou muito não, o trabalho do CINTRA sempre foi exaustivo, cansativo, bem puxado, por isso um ensino de qualidade e isso daí não me impactou tanto porque eu já venho no CINTRA nesse ritmo. O que impactou é que dentro do modelo IEMA temos diversas metodologias que não estavam assim de forma explícita lá dentro do CINTRA, mas de forma.. a gente já fazia pedagogia da presença, a tutoria a gente jáfazia, só temos agora os nomes, enquanto professor a gente faz tudo isso, mas o que eu vejo dentro do modelo IEMA necessita mais da atenção à qualidade e não a quantidade.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Dejane Figueiredo: Sim, o ensino regular que é significativo para mim é no tocante aos alunos permanecerem no local em que eles possam se afastar das drogas, onde eles possam teruma acolhida, onde eles possam ter direcionamentos mais significativos porque a gente sabe que as famílias estão desestruturadas e aqui eu acredito que a gente tem possibilidade maior de acessar

esses alunos, dar uma base, que as famílias infelizmente não são capacitadas para dar, a grande maioria infelizmente.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Dejane Figueiredo: Modificar?

Cláudia Roberta: Algumas comparações.
Dejane Figueiredo: Ah! Se é possível algumas comparações. É como eu falei dentro do modelo onde são essas metodologias de êxito já existia dentro do CINTRA, a questão é que a gente não tinha nomes, a pedagogia da presença, hoje a gente sabe que a gente fazia isso, tutoria a gente tá sempre fazendo isso, professor é um tutor, é um cuidador independente de professor, educador sempre seremos isso. E a comparação que eu vejo é isso, só mudou de regular para integral, agora a gente tem que dispor de mais tempo e os cuidados maisacadêmicos, se preparar mais pra esse mundo novo, essa exigência para estarmos capacitados as novas demandas da educação

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou ou você ainda trabalha nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?
Dejane Figueiredo: Durante os momentos eu acredito que é receber os alunos que têm alguma necessidade especial, como no caso houve aqui há um bom tempo a aluna Glorinha, que é síndrome de down e que a gente tinha muita dificuldade, talvez não era capacitado para estar com a aluna e não tinha um tutor específico e eu vejo que isso ajuda muito o professor nessa interação, outros alunos também com baixa visão e como tem até hoje os alunos especiais que de fato nos ensinam muito e a gente está capacitado para atendê-los como der. Eu acredito que é isso Cláudia, pode repetir para eu ver se eu fui...

Cláudia Roberta: Para você qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
Dejane Figueiredo: A principal dificuldade é lidar com as diversas juventudes, a gente tem cada cabeça é uma sentença, né? Isso de fato funciona quando se encontra uma turma de ensino médio nesse arcabouço de multiculturalismo. Eles encucam as diversas culturas, são muito influenciáveis e a gente direcionar, conversar, orientar e a ausência da família cada dia maior, a principal dificuldade é essa que a gente às vezes deixa de fazer o nosso papel de ensinar o

conteúdo para ensinar lições de vida, para dizer o que é a vida, para ensinar valorese princípios que não estão vindo de casa.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
Dejane Figueiredo: Não porque eu amo, eu gosto do que eu faço. Eu sou professora e escolhi ser, e amo o que faço, não me vejo, eu posso até ter outra profissão, mas essa aqui eu não deixo, eu amo o que eu faço.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Dejane Figueiredo: Sim, sim. A minha experiência é óbvio que eu percebo Cláudia que com o tempo a gente vai deixando alguns detalhes que a gente fazia lá no início de lado porque aquilo vai sufocando, a gente vai imbuindo, a gente às vezes "ah, não vou mais fazer isso cansa", mas são coisas assim mínimas e necessárias que faz toda a diferença no nosso trabalho pedagógico. Por exemplo, chegar na sala e arrumar a sala, às vezes eu deixo de lado e sei que isso é importante estar na sala preparada para me receber porque? As carteiras no local, a sala limpa, alunos focados, se eu chegar e trabalhar com aquela sala do jeito que está a aula em si não flui muito e a partir do momento em que aquele local está apto a receber a aula a coisa flui melhor, isso foi deixando um pouco de lado, devido a cansaço, estresse. Ou seja, são práticas que a gente vai chegando e vai deixando porque a rotina, o dia a dia do fazer pedagógico não é fácil e acaba que a gente sabendo mesmo que aquilo dali é uma prática exitosa, que a nossa aula vai melhorar com aquilo dali se permanecer a gente acaba deixando de lado porque tudo que tá em volta é muita coisa que vai deixando, entendeu?

Cláudia Roberta: Que legado você acredita ter deixado ou pretende deixar durante sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?
Dejane Figueiredo: Eu penso que eu tô deixando a questão da educação afetiva, eu prezo muito pela educação afetiva. O afeto sempre. O aluno a gente nunca sabe o que tá passando por ele, com ele, com ela, o alunado necessita de uma escuta realmente ativa, de a gente perceber "porque você não fez esse vídeo que é pra nota?" Eu quero diálogo no espanhol,

[INAUDÍVEL] não, não penso assim. Aí eu penso, sento, converso e pergunto, "o que foi que aconteceu?" "Tia, eu não tenho celular", "tia eu tô na casa da minha irmã onde eu usava o

celular dela, eu tive que sair de lá que eu não moro mais com a minha irmã, então o celular era dela, cancelou", tá entendendo? São situações mínimas que eu penso que a educação afetiva é primordial, a escuta ativa também.

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 9

ENTREVISTADA: Maise Mendes Vieira da Silva.
DATA DA ENTREVISTA: 12 de junho de 2023.

Cláudia Roberta: Qual é o seu nome e sua área de formação?
Maise Mendes: Meu nome é Maise Mendes Ferreira da Silva, minha área de formação, na verdade eu tenho três: eu sou formada em Comunicação Social, Relações Públicas, fiz Letras e Direito.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Maise Mendes: A cor? Ah eu me considero negro, embora minha família seja a maior parte indígena, minha avó era indígena mesmo índia de cordão e tudo, mas eu me considero negra.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Maise Mendes: Eu fiz especialização em uma Pós-Graduação na área de Educação e de Gestão.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Maise Mendes: Ai.. Aqui eu acho que ao todo deve dar uns 10 anos.

Cláudia Roberta: Quanta a importância desse prédio para o bairro você poderia tecer algum comentário?
Maise Mendes: Ah ele é de fundamental importância porque ele abarca todo o entorno, - Rio Anil, Cohab, Cohatrac, né? Então, por ser um prédio histórico, ele é muito bem visado em função disso, do seu nome, da sua trajetória.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
Maise Mendes: Com certeza, aqui as pessoas têm o Rio Anil como referencial, é um ponto de referência, é uma escola de referência desde a sua fundação até hoje.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião?

Maise Mendes: Aí eu acho que é fundamental tanto é que quando se fala no bairro Anil, só se tem imagem da escola antes CINTRA e agora IEMA-Rio Anil, ele é de vital importância pro crescimento do bairro.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou ou leciona, e por quanto tempo?
Maise Mendes: A modalidade de ensino minha é Língua Portuguesa e Literatura, se divide em Literatura, Gramática e Produção Textual e desde que eu entrei no estado, só lecioneiessas disciplinas.

Cláudia Roberta: As modalidades de ensino seriam ensino fundamental, ensino médio...
Maise Mendes: Ah sim, sim. A modalidade é o ensino médio, sempre foi ensino médio.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?
Maise Mendes: Ah sim, com certeza. Eu estou aqui desde de quando fez a transição regular para o IEMA integral e assim o que eu percebo é uma condição de educação muito melhor tanto para os alunos e também em termos de trabalho para os professores porque a antes a gente ficava subdividido em várias escolas, o planejamento era muito subdividido e hoje não, hoje a gente trabalha numa única escola então a gente tem o planejamento, um programa de ação integral só pra escola e os alunos eles se encaixam perfeitamente hoje no modelo, houve uma certa resistência, mas hoje eles estão bem engajados.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Maise Mendes: Ah a questão do planejamento porque no regular não é muito, não é sistematizado é mais solto, o conteúdo é solto. No integral não, o tempo que a gente passa com o aluno ele é mais sistematizado, ele é mais bem planejado, é tudo muito mais organizado. A questão do técnico com a BNCC, então o planejamento ele é melhor.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Maise Mendes: Modelo pedagógico... Eu acho que no regular pela questão, a BNCC que eu tô falando, né? A gente tinha, não tinha essa sistematização do modelo, do planejamento, por

exemplo, na Língua Portuguesa era mais solto a gente não conseguia trabalhar todo o conteúdo durante o ano e no modelo integral a gente tem essa possibilidade de trabalho e tem um nivelamento que a gente consegue dividir, a gente consegue partilhar com o aluno uma coisa mais sistemática, mais forte, mais sólida.

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou ou trabalha nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?
Maise Mendes: Ah meu Deus, foram tantos! Foram muitos. Eu vou me reportar ao regular quando eu estava no terceiro ano e tinha no final do ano a gente fazia um encerramento para o Enem, trazia os alunos para o teatro e fazia uma revisão geral para o Enem. No integral é muito diferente porque existe... são diferentes partes, diferentes bimestres e cada bimestre ele éúnico, ele é muito mais trabalhado, ele é muito mais.. os projetos são mais bem desenvolvidos, mais bem elaborados, o tempo que a gente passa com o aluno dá pra gente consolidar o programa, dá pra gente consolidar um conteúdo, a proximidade é muito maior.

Cláudia Roberta: Para você qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?
Maise Mendes: A minha maior dificuldade é só a questão hoje que eu vejo a questão da tecnologia, pra mim, não é pra internet em si, mas a tecnologia, essa informação que a gente não tem ainda, né? Formação de rede, em relação a tecnologia.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?
Maise Mendes: Não, nunca. Embora eu tenha feito em outras áreas, o Direito, eu sejaformada primeiro em Comunicação Social, mas não, tudo pra eu está voltado para aeducação, tudo que eu fiz tem reflexo na sala de aula

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?
Maise Mendes: Com certeza! Quando você se torna um professor, um educador, um transmissor de conhecimento isso é muito significativo na vida do jovem, você tá lidando com pessoas em formação e tudo o que você passa, tudo que você perpassa, tudo que você repassa é transformador para o estudante, principalmente para esse jovem do ensino médio que estão nessa fase de transição de conhecimento, para eles a gente depois da família a gente é o foco.

Cláudia Roberta: Que legado você acredita deixar ou já ter deixado durante sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?

Maise Mendes: Ah! Muitas. A questão da proposta de redação, a questão dos projetos de vida, a questão de como orientar esse aluno a hoje estudar, ter um estudo voltado realmente para o conhecimento. Essa ligação do professor e aluno, essa tutoria que a gente hoje aprende que a gente nem sabia que existia e é importante pra o aluno ver na gente e vim com a gente numa forma de entender, de conhecer, de estudar e ele busca muito mais o professor do que antes no regular, hoje o integral ele te dá essa possibilidade desse contato maior.

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA Nº 10

ENTREVISTADA: Elizabeth Alves de Silva.
DATA DA ENTREVISTA: 16 de junho de 2023.

Cláudia Roberta: Professora, qual o seu nome e sua área de atuação?
Elizabeth Alves: Meu nome é Elizabeth e atuo na área da... Eu sou formada em Letras.

Cláudia Roberta: Como você se autodeclara?
Elizabeth Alves: Até em todos os meus documentos cor branca.

Cláudia Roberta: Após a sua graduação houve outros investimentos na sua formação?Quais?
Elizabeth Alves: Sim, ao término da graduação eu fiz uma especialização em Língua Portuguesa eLiteratura.

Cláudia Roberta: Há quantos anos você leciona nesta instituição de ensino?
Elizabeth Alves: Há 12 anos e alguns meses, agora em março completam 13 anos, no ano que vemem Março completam 13 anos de sala de aula.

Cláudia Roberta: Quanta a importância desse prédio para o bairro você poderia tecer algum comentário?
Elizabeth Alves: Sim, foi uma escola de grande valia sua existência aqui no bairro porque não tinha nenhuma de ensino médio, sempre tivemos escolas de ensino fundamental, então quando surgiu a ideia e o funcionamento foi assim uma coisa de muita importância para o bairro.

Cláudia Roberta: Na sua opinião, o surgimento de uma escola nesse local simbólico traz alguma reflexão?
Elizabeth Alves: Sim, em especial o caso do IEMA, que já foi CINTRA, por conta do fatorhistórico, né? E também a questão de trazer a educação. Estar sempre em prol da sociedade.

Cláudia Roberta: Qual a relevância dessa construção para o bairro do Anil na sua opinião?
Elizabeth Alves: De muita importância, de muita valia. Como eu falei anteriormente foi uma ideia que surgiu e quando funcionou foi muito bom porque aqui nós não tínhamos uma escola de ensino médio, então sempre tivemos muita clientela aqui na escola, sempre.

Cláudia Roberta: Em quais modalidades de ensino você lecionou e por quanto tempo? Modalidades: ensino médio, ensino fundamental.
Elizabeth Alves: Eu já passei pelo ensino fundamental quando trabalhei no ensino regular e aqui no IEMA só ensino médio mesmo, todas as séries.

Cláudia Roberta: Você acompanhou o processo de transição do antigo CINTRA para o IEMA? Caso positivo, o que foi observado por você?
Elizabeth Alves: Acompanhei assim não muito de perto, né? E o que eu percebi foi a mudança de funcionamento literalmente porque é muito diferente do ensino regular, em todos os aspectos, apesar de ser funcionado no mesmo prédio, mas o funcionamento de uma escola de tempo integral é totalmente diferente.

Cláudia Roberta: Que diferenças significativas você consegue estabelecer entre o ensino regular e o ensino integral?
Elizabeth Alves: Ah! Sem dúvida nenhuma a possibilidade do nosso alunado ter um curso técnico, já sair com o ensino básico com um direcionamento profissional, ainda que alguns não sigam essa mesma linha que está fazendo o curso técnico, mas é um leque que abre, é uma possibilidade de uma trajetória profissional.

Cláudia Roberta: É possível você identificar algumas comparações quanto ao modelo pedagógico do antigo CINTRA e o IEMA?
Elizabeth Alves: Professora não tem assim... São coisas muito distintas, muito. Nós estávamos acostumados com o ensino regular, com um funcionamento totalmente diferente. Eu diria que é um funcionamento inovador, né? E cada um tem a sua maneira de trabalhar, o regular é de uma forma e o integral é de outra, mas são coisas totalmente distintas.

Cláudia Roberta: Durante o período que você trabalhou ou ainda trabalha nesta escola, quais foram os momentos mais marcantes da sua prática docente?
Elizabeth Alves: Ah! Sem dúvida nenhuma é assim sempre que chega o final do ano que os meninos, alguns né, agradecem por todo o trabalho que tivemos com eles durante o ano, apesar de todo o cansaço, todo o desafio, que não é fácil, mas a gente se sente gratificada, principalmente quando vê que alguns conseguem entrar em uma faculdade, entrar no mercado de trabalho, isso é muito gratificante.

Cláudia Roberta: Para você qual a principal dificuldade que uma professora enfrenta no seu cotidiano?

Elizabeth Alves: Vou dar a minha opinião pessoal. Didaticamente falando não é difícil ser professor, agora é preciso ter muita paciência na questão controle de sala porque os meninos, eles são muito, essa idade é muito... Assim muito cheio de energia e aí eles querem falar na hora que não deve falar e tudo. E o uso do celular também tem atrapalhado bastante, né? Então são coisas cotidianas do dia a dia de sala de aula que se a gente não tiver uma sabedoriapra lidar acaba criando problema com o aluno.

Cláudia Roberta: Na sua trajetória houve momentos em que você pensou em desistir dessa profissão?

Elizabeth Alves: Não, nunca. Eu sempre digo se eu tivesse essa tecnologia, no tempo em que eu estudei, se eu tivesse naquele tempo talvez eu tivesse escolhido outra profissão, né? Mas eu sempre gostei de ser professora, sempre, eu acho que é dom mesmo. Não, nunca pensei assim em desistir não.

Cláudia Roberta: A sua experiência docente proporcionou uma ressignificação de práticas educativas em sua vida profissional?

Elizabeth Alves: Sem dúvida professora porque o dia a dia, o fazer de sala de aula está sempre nos ensinando alguma coisa, então a gente aprende até mesmo a lidar com algumas, digamos assim, algumas dúvidas que se tem durante toda a trajetória do fazer pedagógico, isso nos traz uma certa firmeza naquilo que vai ser trabalhado, segurança no caso.

Cláudia Roberta: Que legado você acredita ter deixado ou vai deixar durante sua permanência nesta escola no que diz respeito às propostas educacionais efetivadas?

Elizabeth Alves: Eu acredito professora que eu sempre fui assim uma pessoa, sempre fui e aindasou uma pessoa muita organizada naquilo que eu faço e eu parto do princípio o seguinte ou você faz bem ou você não faz, então eu sempre procuro fazer o melhor que eu posso na minhaprofissão e de vez em quando eu recebo esse elogio de um colega de trabalho, “poxa Beth eu queria ser organizada como você” e eu dou aula de organização às vezes pros colegas de sala, “olha, eu faço assim”. “Ah, assim fica melhor.” Então isso é muito bom e eu me sinto muito assim feliz em saber que eu tô, que eu posso contribuir, melhorar a vida profissional de um colega de profissão.

APÊNDICE L – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MARIA DE FÁTIMA DURANS RIBEIRO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveis sejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo econstrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação. Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 27 de janeiro de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE M – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ANA CLARA PEREIRA SILVA E SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 3 de março de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE N – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – HELOÍSA HELENA PORTELA SILVA BACELAR MOREIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos coma as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveis sejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízo ou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 8 de maio de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE O – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – LEUDA MIRIAM DE CASTRO ROZA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 9 de maio de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE P – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – SILVIA TEREZA MARTINS SOUSA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias, e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo econstrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 15 de maio de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Silvia Tereza Martins Sousa
Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:
CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA
ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO
ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550
E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE Q – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MARIA GORETI DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento deinformações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso,

você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 2 de junho de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA
ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO
ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550
E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE R – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – GISELIA MARIA GUEDES LIMA DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís -MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 2 de junho de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE S – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – DEJANE FIGUEIREDO BARROS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 12 de junho de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE T – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAISE MENDES VIEIRA DA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo e constrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 12 de junho de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA
ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO
ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550
E-MAIL: robertadivino14@gmail.com

APÊNDICE U – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ELIZABETH ALVES DE SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsável pela Pesquisa: Cláudia Roberta dos Anjos Divino

A Sra. está sendo convidada a participar do estudo intitulado **"(SOBRE) VIVÊNCIAS DA FÁBRICA À ESCOLA: memórias e registros de professoras do Rio Anil em São Luís - MA entre os anos de 1994 e 2018 à luz de um museu virtual educativo para pesquisa histórica"** que se destina a identificar as figuras femininas, ainda vivas, que tenham exercido a docência no antigo CINTRA e nos anos iniciais do IEMA Pleno Rio Anil, realizando o registro de suas experiências de vida enquanto agentes sociais. Nesse processo educacional na área do Rio Anil, bem como abrir espaço para uma pesquisa que tenha como foco a partilha de ideias, sentimentos e experiências pessoais, que, nesse sentido, articulam o grande painel coletivo da história, principalmente aquela em que se tem como testemunhas que viveram e podem, através de suas narrativas de vida, contribuir para a interpretação dos acontecimentos que marcaram cada época.

O estudo será feito da seguinte maneira: realizar-se-á uma entrevista semiestruturada (elaborada pelos pesquisadores), para que seja estabelecido um quadro comparativo desses relatos com as práticas docentes antes e pós IEMA, compreendendo que a base de formação dessas práticas educacionais fosse trabalhar essas narrativas, buscando uma articulação étnico-racial, por exemplo, para posteriormente, se analisar os dados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Não deverão ocorrer danos materiais ou imateriais e a participante poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir, como qualquer pesquisa realizada. Haverá riscos e benefícios individuais ou coletivos, dos quais os pesquisadores comprometem-

se a desenvolver o máximo de benefícios e o mínimo de danos e/ou riscos, garantindo que os danos possíveissejam evitados.

Os riscos da pesquisa poderão estar no desconforto, incômodo econstrangimento de algumas das participantes da pesquisa quando submetidas a questões pouco discutidas; quando questionadas sobre rotinas, metodologia, ações, crenças e valores seus e de outros profissionais a respeito de um determinado público ou ainda, poderá ser cansativa, ocasionar exaustão e aborrecimentos.

Entretanto, esses obstáculos poderão ser evitados com o fornecimento de informações acerca da pesquisa e a explicação às sujeitas da pesquisa sobre a importância da sua participação e a comprovação de que suas identidades e discursos serão respeitados no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações; esclarecendo dúvidas de forma clara e atenciosa; atendendo bem os princípios éticos e salientar de que forma acontecerá a coleta de dados. Para estimular a participação das professoras, o encontro poderá ser marcado quantas vezes forem necessárias entre o contato virtual e o encontro físico.

Os benefícios da pesquisa poderão ser para os pesquisadores, para outros pesquisadores, para os atuais professores do IEMA Rio Anil/ São Luís -MA, para a sociedade, para os/as participantes do estudo e para os demais profissionais da área da educação.

Espera-se que a pesquisa procrie um grande conhecimento sobre o tema discutido e potencialize discussões que reforcem a construção do produto educacional pretendido, além de propor uma reflexão sobre o valor social do trabalho dessas professoras, reforçando assim a necessidade de compreender a questão de gênero no aspecto histórico social fomentando ainda uma análise crítica sobre a prática de ensino, explicando a beleza dessas narrativas e a participação dessas mulheres nesse processo educativo.

Os sujeitos históricos, em muitos casos, assumem papel de liderança em suas comunidades, destacando-se na vida das pessoas de seu convívio e assumindo um papel de protagonistas nos municípios que residem seus conhecimentos são repassados através de práticas educativas e muito tem se perdido pela falta de interesse dos jovens na manutenção desses sabres, o que poderá influir diretamente no desaparecimento de todo este patrimônio imaterial.

Sempre que você desejar, lhe serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contatocom pesquisadora responsável, a mestranda Cláudia Roberta dos Anjos Divino.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá se recusar a continuar e retirar o seu consentimento, sua recusa não trará prejuízoou penalidade. Além disso, você autoriza que todas suas informações não serão mantidas confidencialmente, que seu nome e imagem não serão mantidos em sigilo e as suas informações aparecerão no relatório da pesquisa e nas publicações.

Os resultados serão divulgados somente em publicações científicas e acadêmicas. A sua participação é voluntária, portanto, sem ônus, nem bônus, sendo que a qualquer tempo você poderá desistir de participar da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo.Você pode solicitar questionamentos sobre a pesquisa, sempre que necessário para isso basta entrar em contato com os pesquisadores.

São Luís, 16 de junho de 2023.

Cláudia Roberta dos Anjos Divino.
Pesquisadora

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro
Pesquisador – Orientador

Assinatura do Participante

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UEMA

ENDEREÇO: Rua Quininha Pires, nº 105. Centro. CEP: 65600-000. Caxias-MA. FONE:(99) 3521-3938

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: CLÁUDIA ROBERTA DOS ANJOS DIVINO

ENDEREÇO: Rua Projetada, Quadra 19, Casa 18, Condominio Miramar I, Aracagi, São Luís—MA CEP 65068-550

E-MAIL: robertadivino14@gmail.com